JOSÉ APARECIDO CELÓRIO

A EDUCAÇÃO MEDIEVAL E A FILOSOFIA EM TOMÁS DE AQUINO: ELEMENTOS PARA COMPREENSÃO DE UMA ASTROLOGIA CRISTÃ

MARINGÁ

2004

JOSÉ APARECIDO CELÓRIO

A EDUCAÇÃO MEDIEVAL E A FILOSOFIA EM TOMÁS DE AQUINO:

ELEMENTOS PARA COMPREENSÃO DE UMA ASTROLOGIA CRISTÃ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, Área de Concentração: Fundamentos da Educação, da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial à obtenção de Título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profª. Drª. Terezinha Oliveira.

MARINGÁ

2004

JOSÉ APARECIDO CELÓRIO

A EDUCAÇÃO MEDIEVAL E A FILOSOFIA EM TOMÁS DE AQUINO: ELEMENTOS PARA COMPREENSÃO DE UMA ASTROLOGIA CRISTÃ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, Área de Concentração: Fundamentos da Educação, da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial à obtenção de Título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profª. Drª. Terezinha Oliveira.

Aprovado em: 24 de março de 2004.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Drª. Terezinha Oliveira
Universidade Estadual de Maringá- UEM

Prof. Dr. Ricardo Luiz Silveira da Costa

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

Prof. Dr. Luiz Hermenegildo Fabiano

Universidade Estadual de Maringá - UEM

Dedico este trabalho:

À minha família, pela minha existência.

À Ana Cláudia, pela presença especial em minha vida.

À Profª. Ana Persona Mazetto, pelo caminho das letras.

À Profª. Wanda Maria de Luccas, pelo caminho das ciências.

AGRADECIMENTOS

À Profª. Drª. Terezinha Oliveira pela confiança depositada em meu trabalho, por ter-me orientado no caminho da pesquisa e, acima de tudo, por ter sido onipresente em todos os meus momentos como orientando, como pesquisador e como amigo, sendo uma experiência que será mantida com todo o respeito e carinho por toda a minha vida.

À Profª. Ana Cristina Teodoro pelas orientações acerca da minha pesquisa e por tê-la valorizado como estudo da história da ciência.

Ao Prof. Luiz H. Fabiano pela atenção que dedicou ao meu trabalho, pela amizade e pelo incentivo em mostrar o valor da minha pesquisa.

Ao Prof. Ricardo da Costa pela presença marcante e por suas pesquisas valorizarem o estudo da Astrologia Medieval.

Aos professores do Mestrado pelo conhecimento transmitido ao longo desses anos: Profª. Lizia H. Nagel, Profª. Guaraciaba Aparecida Túllio, Prof. Cézar de Alencar Arnout de Toledo, Prof. Peter Johann Mainka.

À Profª. Claudeci pela paciência e dedicação no ensino da língua francesa.

Aos professores de graduação da FAFIMAN pela dedicação, em especial à Profª. Maria Lúcia B. Nosella por ter me apoiado desde o início do curso de História e que possibilitou o contato com a que seria a minha futura orientadora.

Aos professores do ensino fundamental e médio que nunca esquecerei, em especial ao Prof. Alcir Peron (*in memoriam*) e à Profª. Zilda J. Pinotti, por terem me fornecido o primeiro instrumento para que pudesse contemplar o céu e saciar a minha vontade de ver os planetas e as estrelas. Aos amigos e mestres Profª. Ana Maria Hillen de L. Damico; Prof. Antonio Damico; Profa. Gonçalvina Rui, Profª. Vera Pereira e Profª. Vera Lúcia Regatieri pela amizade e confiança em minha pessoa.

Ao casal de amigos, Ricardo e Rose, que esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis e nos momentos de alegria e descontração.

A Marcelo Falzoni e à Cristina Costa que, mesmo distantes, prestaram a ajuda e a orientação necessárias para que eu pudesse lidar com as dificuldades.

Aos que participaram e me ajudaram, significativamente, em alguns momentos da minha pesquisa: Analete, Elaine, Fátima, Sheila, Celina e Gláudia.

À Marcia, Regiani, Solange, Marco Aurélio e Edeniuce por terem me ajudado na pesquisa, como amigos e como pesquisadores da Idade Média.

A todos que, de alguma forma, apoiaram e acreditaram em meu trabalho.

RESUMO

Neste trabalho pretende-se analisar de que forma a Astrologia influenciou a sociedade medieval do século XIII. Como uma disciplina ensinada no programa das sete Artes Liberais, o *Trivium* e o *Quadrivium,* a Astrologia esteve ao lado da Astronomia, sendo que ambas se preocupavam com o estudo do céu. A primeira tratava, exclusivamente, das influências que os corpos celestes podiam exercer sobre a vida humana. Essa idéia estava associada à visão cosmológica dos medievais de que o mundo dos homens estava ligado ao mundo das esferas celestes ou ao mundo supralunar. Embora a pesquisa esteja centrada na Astrologia, e se atenha às influências dos corpos celestes sobre os homens, a Astronomia também foi considerada para que fosse diferenciado o papel de uma e de outra. Sabe-se que essa disciplina esteve associada ao estudo do clima, das origens de doenças e pestes. Enfim, para seus praticantes, era possível saber a causa de muitos dos males que afligiam a sociedade e identificar, em determinadas posições celestes, os sinais de Deus para os homens. Por uma necessidade de delimitação, a Astrologia geral será abordada apenas em grandes linhas e sempre como uma forma de melhor focalizar o alvo central da pesquisa. A preocupação principal é analisar a forma como, sob o olhar de Tomás de Aquino, a astrologia poderia ser aceita pela cristandade, sem que isso se chocasse com a idéia de livre-arbítrio. É sob esse aspecto que se analisaram os comentários que Tomás de Aquino, teólogo e filósofo medieval, teceu acerca da influência dos corpos celestes na vida humana. Aquino foi responsável por definir os limites que a Astrologia poderia atingir sem contrariar a doutrina cristã e sem que se encerrasse o destino dos homens em posições planetárias. Para Aquino, os corpos celestes influenciavam, diretamente, apenas os corpos, mas não a alma, que é racional. Foram feitas, para isso, considerações sobre o momento histórico em que viveu Tomás de Aquino e sobre alguns autores que o influenciaram, tanto da Antigüidade como de sua época. Assim, depreendeu-se que, em sua opinião, a Astrologia poderia ajudar os homens na medida em que, por meio do seu estudo, o homem conheceria suas inclinações corporais. Diante disso, ele seria educado de forma que pudesse lidar da melhor maneira possível com essas disposições. Aquino preocupava-se, entre outras coisas, com a ordem social e defendia que, quanto mais os homens tivessem noção de suas inclinações corporais, mais poderiam orientar seu intelecto e sua vontade para ações que os levassem à ordem em suas relações sociais.

Palavras-chave: Educação; Tomás de Aquino; Astrologia.

RESUMÉE

Ce travail se prétend analiser de quel façon l'astrologie a influencié la societé médiéval du XIII ième. Comme une matière enseigné au programme des sept Arts Libéraux, le *Trivium* et le *Quadrivium*, l'Astrologie était à côté de l'Astronomie, à condition que les deux préocupaient avec l'étude du ciel. La première traitait, uniquement, des influences que les corps céléstes pouvaient exercer sur la vie humaine. Cette idée était associé à une vision cosmologique des médiévaux de que le monde des hommes était lieu au monde des sphères célestes ou au monde supralunair. Bien que la recherche soie centrée à l'Astrologie, et s'entiens aux influences des corps célestes sur les hommes, l'Astronomie aussi a été consideré par que fût différent le rôle d'une et d'autre. Sache que cette discipline était associé à l'étude du climat, des origines de maladies et pestes. Enfin, par ses pratiqueur était possible savoir la cause de beaucoup des maux qui afligé la societé et identifient déterminées positions célestes, les signes de Dieu pour les hommes. Pour une necessité de delimitation, l'Astrologie gènèral ne sera que abordée en grands lignes et toujours comme une façon d'aller mieux focaliser le but central de la recherche. La preocupation principal est analiser la façon comme, sous le regard de Thomas d' Aquin, pourrait être acceptée par chrétienté, sans que cela offensât avec l'idée de libre arbitre. Est sous cet aspect que se sont analysé les commentaire que Thomas d' Aquin, théologien et philosophe médiéval, a tissé à propos d'influence des corps célestes à la vie humaine. Aquin a été responsable pour définir les limites que l'Astrologie pourrait atteindre sans contrarier la doctrine chrétienne et sens que s'enfermât le destin des hommes en positions planetaires. Par Aquin, les corps célestes n'influençaient que directement les corps, mais ne pas l'âme, qui est rationnel. S'ont fait, par ça, considérations sur le moment historique qui a vécu Thomas d'Aquin et sur quelques auteurs qui ont influencé, tant de l'ancienneté comme de son époque. Ainsi, s'est conclu, dans son avis**,** l'Astrologie pourrait aider les hommes à mesure que, par le moyen de son étude, l'homme connâitrais ses inclinations corporels. En face de cela, l'homme devrait être élèvé de façon que puisse prendre part de la meilleur manière possible avec ces dispositions. Aquin se préocupait, entre autres choses, avec l'ordre social et quant plus les hommes eussent notion de ses inclinations corporales, plus pourraient orienter son intellect et sa volonté pour les actions que emmenassent l'ordre à ces relations sociales.

Mots-Clés: Éducation; Thomas d'Aquin; Astrologie.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 8

1 A ASTROLOGIA MEDIEVAL..... 12

1.1 O Estudo dos Corpos Celestes na Cristandade..... 13

1.2 A Cosmologia de Aristóteles..... 19

1.3 Claudio Ptolomeu e a Influência Astral..... 23

1.4 A Influência Astral na Obra de Santo Agostinho..... 30

1.5 A Cosmologia e sua Importância para a Formação do Homem..... 40

2 INFLUÊNCIA CELESTE E RAZÃO (Séculos XII e XIII)..... 46

2.1 A Filosofia como Base para a Teoria dos Influxos Celestes..... 47

2.2 A influência das Obras Greco-árabes..... 49

2.4 A Influência da Cosmologia na Arte e na Cultura do Século XIII..... 61

3 A ASTROLOGIA CRISTÃ EM TOMÁS DE AQUINO..... 76

3.1 A Astrologia como Compreensão da Influência do Mundo Supralunar sobre o Mundo Sublunar..... 77

3.2 Influência Celeste e a Filosofia de Tomás de Aquino..... 83

3.2.1 A Liberdade Humana e a Influência dos Corpos Celestes..... 86

3.2.2 As Paixões Humanas e o Instinto Natural..... 93

3.2.3 Os Corpos Celestes como Causas Secundárias dos Corpos Inferiores... 95

3.2.4 Os Corpos Celestes e a Faculdade Intelectual da Alma Humana..... 99

3.2.5 Os Corpos Celestes na Volição e na Eleição do Homem..... 104

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 117

REFERÊNCIAS..... 120

INTRODUÇÃO

> Para a educação do futuro, é necessário promover grande remembramento dos conhecimentos oriundos das ciências naturais, a fim de situar a condição humana no mundo, dos conhecimentos derivados das ciências humanas para colocar em evidência a multidimensionalidade e a complexidade humanas, bem como integrar (na educação do futuro) a contribuição inestimável das humanidades, não somente a filosofia e a história, mas também a literatura, a poesia, as artes [...] (MORIN, 2000, p.48).

O propósito da dissertação é analisar o papel da Astrologia cristã na Idade Média, por meio das obras educacionais e filosóficas de Tomás de Aquino[1](1224-1274). Fazendo parte da última disciplina do *Quadrivium*, que tratava do estudo da Astronomia e da Astrologia[2], esta última foi fundamental para o estudo dos corpos inferiores[3], tanto a natureza como o homem enquanto ser corporal.

Os astros sempre desempenharam um papel importante nas sociedades antigas, seja para o controle do tempo, por meio de calendários, seja para prever acontecimentos relacionados com o poder de um rei ou de um povo. Desde a Antigüidade, há inúmeros registros sobre observações astrológicas, principalmente no Egito e na Mesopotâmia. A busca de explicações para tudo o que acontecia na natureza, incluindo o homem, fez com que o conhecimento sobre o movimento dos planetas, ao longo dos séculos, se tornasse mais preciso.

---

[1] Essa disciplina teve influência no desenvolvimento da ciência moderna.

[2] A Astronomia atinha-se ao estudo das posições dos corpos celestes, por exemplo, demarcar as fases da Lua, as épocas em que ocorreriam eclipses, etc. A Astrologia ocupava-se da influência que estes corpos celestes tinham na natureza, ou seja, de que forma aquelas posições poderiam afetar, por exemplo, as mudanças do clima.

[3] Corpos inferiores referiam-se a qualquer corpo terreno, seja animal, vegetal ou mineral.

O homem medieval pensava a natureza como algo sagrado, divino e, por isso, tinha com ela uma relação diferente da que os homens têm hoje, quando ela não é vista mais como objeto sagrado, nem temida como na Antigüidade e na Medievalidade.

Na Idade Média[4], o Céu e a Natureza eram um conjunto ordenado e a Terra estava sujeita às mutações oriundas do mundo superior. Naquela época, como nos dias atuais, discutia-se a inserção do homem nesse universo como um todo. Todavia, antes, buscava-se apenas compreender a natureza; hoje, procura-se obter dela a maior quantidade possível de recursos para melhorar as condições de vida ou para aumentar os ganhos do capital.

Procurando considerar cada uma dessas épocas em sua historicidade, e tratando a Astrologia como uma visão de mundo, pretende-se discutir, neste trabalho, baseado, especialmente, nos comentários de Tomás de Aquino, de que forma o estudo dos corpos celestes foi importante para o homem medieval.

Este estudo é importante para que se compreenda melhor o papel educacional que a Astrologia exerceu na sociedade do século XIII. Sabe-se que o cosmo medieval compreendia que as forças celestes poderiam atuar de várias formas na Terra, ou seja, exerciam uma influência direta ou indireta no homem e na natureza. Por conseguinte, a Astrologia, ligada ao estudo da Astronomia, instigou o homem na busca de conhecimento sobre os fenômenos da natureza tendo sido coadjuvante no desenvolvimento do pensamento científico moderno.

---

[4]Uma excelente obra sobre as principais descobertas humanas do ponto de vista histórico: BOORSTIN, Daniel J. *Os descobridores*. Portugal: Gradiva, 1994, p. 31-35 e 274-310 .

A Astrologia[5] esteve presente em autores como Alberto Magno (1193-1280), Roger Bacon (1215-1294) e Tomás de Aquino, que a concebiam como uma forma de estudar os mistérios que envolviam os fenômenos da natureza como um todo; ou seja, tanto as condições climáticas como a origem das guerras e das doenças podiam ser explicadas por meio do estudo dos corpos celestes. No entanto, ao tratarem das questões relativas ao livre-arbítrio, não admitiam que os corpos celestes interferissem no intelecto e consideravam esta possibilidade como supersticiosa.

A pesquisa foi estruturada sobre o grande eixo da concepção filosófica de Tomás de Aquino. A preocupação foi explorar como a Astrologia fazia parte da vida dos homens na Idade Média e como participava do processo educativo.

Os resultados da pesquisa estão organizados em três capítulos. No primeiro deles, apresentam-se alguns aspectos relacionados à cosmologia aristotélica e à Astrologia ptolomaica, que foram importantes para que Aquino fundamentasse, como viável para a sociedade, o estudo dos corpos celestes. No mesmo sentido, faz-se também uma análise do pensamento de Santo Agostinho sobre as influências celestes na vida humana e sua relação com o livre–arbítrio. Esta análise permite observar qual foi a estrutura filosófica que possibilitou a construção de uma Astrologia cristã no século XIII.

---

[5] Na Idade Média, Astronomia e Astrologia constituíam uma única disciplina – ver: COSTA, Ricardo da. Olhando para as estrelas, a fronteira imaginária final **.** *Astronomia e astrologia na Idade Média e a visão medieval do cosmo*. Vitória, ES, s/d. Disponível em:< www.ricardodacosta.com>. Acesso em: 07 fev. 2004.

No segundo capítulo, procura-se abordar em que condições históricas a teoria dos influxos celestes chegou ao Ocidente medieval. Nesse momento**,** são feitas algumas considerações sobre o papel que os estudos de Abelardo (1079-1152), Hugo de São Vítor (1095-1141), Alberto Magno e Roger Bacon tiveram para o desenvolvimento do estudo dos corpos celestes.

No terceiro capítulo, a análise tem como base os comentários que Tomás de Aquino fez sobre a influência dos corpos celestes na vida humana. Focaliza-se a importância que o estudo da influência astral teve para a sociedade em geral e, principalmente, para a formação intelectual do homem medieval.

No decorrer do trabalho, como fundamentação teórica, são utilizados textos de historiadores e filósofos que estudaram temas concernentes à filosofia, à educação e à ciência medieval.

Constata-se que os estudos realizados por Tomás de Aquino exerceram grande influência na formação educacional dos homens do século XIII. Além disso, esse filósofo é importante também porque abordou as principais questões relativas aos efeitos que os corpos celestes teriam sobre a vida humana, permitindo que a Astrologia ficasse presente no interior do pensamento moderno até meados do século XVIII.

1 A ASTROLOGIA MEDIEVAL

> Tendo Jesus nascido em Belém da Judéia, no tempo do rei Herodes, eis que vieram magos do Oriente a Jerusalém, perguntando: "Onde está o rei dos judeus recém-nascido? Com efeito, vimos a sua estrela no seu surgir e viemos homenageá-lo.
>
> Mateus, 2:1,2[1]

Discutir a Astrologia no século XIII é fundamental para esclarecer como, por meio da cosmologia, se poderia ter um conhecimento celestial de Deus e um conhecimento racional do mundo. Entre os grandes pensadores que, nesse século, dedicaram-se à fundamentação de uma cosmologia, está Tomás de Aquino[2]. Suas considerações acerca da influência dos corpos celestes são muito importantes, pois a idéia de que os astros poderiam influenciar a vida humana, herdada do mundo grego, estava presente no imaginário das pessoas e fazia parte da visão que elas tinham do mundo onde viviam. Como se verá nos capítulos seguintes, a Astrologia propiciava, enquanto investigação da natureza, o entendimento de vários fenômenos que interferiam na vida das pessoas, por exemplo, as doenças.

O século XIII foi marcado por profundas transformações sociais que deram um novo direcionamento ao conhecimento filosófico e religioso da Idade Média**.** A dinamização do comércio e das cidades fez com que a sociedade ficasse mais aberta a novas culturas. Na fase anterior do feudalismo, as melhorias técnicas dependiam do aceite de toda a comunidade aldeã, dificultando o surgimento de novas técnicas. Além disso, o feudo era auto-suficiente e a produção era para sua

---

[1] BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2000.

[2] Aquino foi mediador entre duas épocas, uma, marcada pela influência neoplatônica (séculos IV-XII), e outra, pela influência aristotélica (séculos XII-XIII até as descobertas de Galileu: 1564-1642).

própria manutenção. O contato comercial com o Mediterrâneo era impossibilitado pela insegurança em que a sociedade vivia, devido ao risco de saques por parte de piratas muçulmanos. Com o renascimento das cidades, novas formas de produção começaram a surgir, além da formação das comunas, o que, conseqüentemente, desencadeou o desenvolvimento de novas técnicas de produção. Essas mudanças e os novos contatos comerciais com o Oriente, com a cultura grega e com novos conhecimentos repercutiram na educação medieval a partir dos séculos XII e XIII[3].

1.1 O Estudo dos Corpos Celestes na Cristandade

O surgimento das universidades fez com que o conhecimento antigo fosse tratado de forma diferente do que ocorrera no início da Idade Média. A filosofia, na qual também estava inserida a ciência greco-árabe, mesclava-se, de forma mais clara, com a teologia cristã. Até nesse momento, a Baixa Idade Média – considerada pelos historiadores como sendo o final da Idade Média Central – estava sob a influência neoplatônica dos primeiros padres da Igreja, principalmente de Santo Agostinho (354-430).

Devido às mudanças mencionadas anteriormente, os homens do século XIII necessitavam de um conhecimento maior de Matemática, de Astronomia. Havia uma

[3] A partir do século XIII, a expansão das cidades, o crescimento do comércio, a criação das universidades favoreceram o intercâmbio cultural entre os povos do Oriente e do Ocidente, em meio à dissolução do sistema feudal. Sobre as mudanças que a educação, a sociedade e a economia sofreram nesse período, consultar: NUNES, Ruy Afonso da Costa. *História da educação na Idade Média*. São Paulo: Edusp, 1979. PIRENNE, Henri. *História econômica e social da Idade Média*. São Paulo: Mestre Jou, 1968; VERGER, Jacques. *Homens e saber na Idade Média*. Bauru: Edusc, 1999. Ver também: LE GOFF, Jacques. *Para um novo conceito da Idade Média*. Lisboa: Estampa, 1993; LE GOFF, Jacques. *A civilização do Ocidente medieval*. v. I. Lisboa: Estampa, 1983; DUBY, Georgès. *As*

urgência de novos saberes ou, pelo menos, de novas formas de se adaptar o conhecimento que chegava com as traduções e com as transformações que estavam ocorrendo na sociedade, pois nem todo o conhecimento provinha do mundo árabe: o comércio também produziu novos conhecimentos no seio das comunas, dos feudos. O estudo do meio natural passou a ser necessário num mundo que começava a se abrir para novas regiões, sem a preocupação de saques e invasões.

As recém-chegadas obras de Aristóteles (384-322 a.C), apesar da relutância por parte da Igreja, passaram a ser utilizadas como fontes de estudo da natureza nas universidades, principalmente na Universidade de Artes de Paris. O programa básico de ensino, já utilizado nas escolas abaciais e palacianas de Carlos Magno, propunha sete disciplinas divididas em *Trivium* e *Quadrivium*[4].

No Trivium, os alunos estudavam Lógica, Retórica e Gramática. Por meio da Gramática, o aluno entendia a ligação entre a dimensão física (os sons e a forma das letras) e a dimensão lingüistica e simbólica; a Lógica fornecia ao indivíduo a percepção para apontar um direcionamento para o raciocínio de forma que criasse um vínculo entre os fatos observados; a Retórica mostrava a condição do indivíduo como ser social, a fim de se relacionar, discutir idéias e fazer um elo entre o conhecimento individual e o conhecimento alheio.

---

três ordens ou o imaginário do feudalismo. Lisboa: Estampa, 1982. Este último retrata os primeiros momentos da Idade Média, fazendo uma interessante análise das origens bárbaras.

[4] Programa curricular básico utilizado desde a Antigüidade e que foi mantido no período medieval. Para um entendimento das artes liberais na Idade Média, ver: MONGELI, Lênia Márcia.(Org.). *Trivium e Quadrivium*. As artes liberais na Idade Média. Cotia: Ibis, 1999. Nessa série de artigos, sete autores retratam, cada um em sua especialidade, as sete artes liberais do currículo básico das escolas e universidades medievais. Um importante estudo para quem se interessa pela educação medieval.

As artes do *Quadrivium* eram formadas pela Aritmética, Música, Geometria e Astronomia. A Aritmética era responsável por fornecer o conhecimento da quantidade e da unidade existente nas coisas; a Geometria fornecia ao aluno a idéia de um equilíbrio espacial entre as unidades das coisas existentes; a Música ensinava como estas unidades manifestavam-se no tempo, sendo que a idéia de melodia e ressonância tinham o fim de estabelecer o equilíbrio e a harmonia temporal; a Astronomia e a Astrologia compreendiam o estudo da unidade, do espaço e do tempo relacionados ao mundo da sociedade (Microcosmo) e universo (Macrocosmo), possibilitando encontrar o cosmo no caos, a desordem na ordem, enfim, ter uma visão total e harmônica da existência[5]. Assim a educação medieval seria algo vital, no sentido de possuir vida, de manter as pessoas harmoniosamente em suas relações sociais. A filosofia aristotélica defendia uma idéia de vida, de movimento, fundamentando-se na teoria da potência e do ato, segundo a qual a modificação constante era uma característica básica da natureza. Essa noção de movimento é que permitia o aprendizado e o aperfeiçoamento humano nas sociedades antiga e medieval.

A partir do século XII, com as traduções árabes das obras gregas, esse programa passou a ser modificado. As obras que tratavam das ciências naturais deram outro sentido ao saber dos medievais, possibilitando novos conhecimentos na medicina, nas artes mecânicas, principalmente nas construções e nas navegações, o que refletiu, indubitavelmente, no nascimento de uma nova sociedade. Aliada a estas mudanças, a filosofia aristotélica deu uma nova direção ao estudo da sociedade.

---

[5] Descrição clara e objetiva do papel das artes liberais na sociedade medieval em: CARVALHO, Edil: *A astrocaracteriologia*. Disponível em: <www.companhiadoceu.com/apresentaastrocarac.htm>. Acesso em: 10 fev. 2004.

Tomás de Aquino (1224-1274) fez uma releitura da obra de Aristóteles, de tal forma que sua doutrina não fosse contraditória aos preceitos do cristianismo e que, unindo-se Fé e Razão que, ambas pudessem explicar os grandes desafios daquele período, por exemplo, estudar profundamente o mundo natural sem se distanciar do seu criador.

Outro desafio para Aquino foi desenvolver uma teoria para as influências dos corpos celestes sem que esta interferisse no conceito de livre-arbítrio que ele tanto defendia. Para tanto, ele fundamentou sua teoria na Física aristotélica e na Astrologia de Ptolomeu. A primeira porque se referia a um mundo sujeito aos movimentos dos corpos celestes e a segunda porque propunha que o homem e seu meio recebesse uma emanação das forças dos corpos celestes. Estas influências, como se verá mais adiante, eram chamadas por Ptolomeu de físicas. Assim, considerando que isto se dava em nível corpóreo, Aquino admitia a influência dos corpos celestes, dizendo, ao mesmo tempo, que um homem racional teria como lidar com estes influxos de modo a anulá-los, em alguns casos.

Em algumas passagens da *Suma Teológica*[6] e da *Suma contra os Gentios*[7], aparecem discussões sobre a relação entre a influência astral na vida e no comportamento do homem e a liberdade humana. O determinismo astral é um assunto que causava desconforto entre os teóricos medievais, porque representava uma ameaça ao livre-arbítrio. Na medida em que o homem estivesse sujeito a certas

---

[6] AQUINO, Tomás**.** *Suma teológica*. Tradução: Alexandre Corrêa. 2. ed. bilingüe. 10 tomos Porto Alegre: Escola de Teologia São Lourenço de Brindes: Livraria Sulina; Caixas do sul: Universidade de Caxias do Sul, 1980.

[7] Ibidem. *Suma contra os gentios*. Tradução: D. Odilão Moura e D. Ludgero Jaspers; revisão: Luis Alberto De Boni. V.II. Livros III e IV. Porto Alegre/RS: EDIPUCRS,1996.

disposições celestes, ficaria impossibilitado de agir, iria contra sua vontade e sujeitaria sua razão aos instintos naturais. Ao abordar esses textos de Tomás de Aquino, será destacada a importância que ele atribuía à razão para manter a ordem na sociedade e, em seus comentários, percebe-se a oposição que ele, da mesma forma que outros teólogos medievais, fizeram à idéia de que os corpos celestes poderiam determinar o destino do homem de forma irreversível[8].

Havia, no século XIII, duas posições a respeito da Astrologia. No início da Era Cristã, não se admitia a determinação astral, pois isso vinculava o homem diretamente às suas paixões, o que o levava ao distanciamento de sua vontade e à desordem social, ocasionando, assim, um distanciamento de Deus. Claudio Ptolomeu (100-170 d.C) afirmou que o sábio domina as paixões e, assim, pode atenuar as influências dos corpos celestes. No século XIII, Tomás de Aquino retomou essa idéia e propõs a teoria de que os corpos celestes influenciam diretamente apenas o corpo, mas não o intelecto. Desta forma, ele pôde dedicar-se ao estudo da Astrologia sem que isto interferisse na doutrina cristã.

Sob esta perspectiva, ele retomou a teoria astrológica presente nas obras de Aristóteles, aceitando e analisando a questão da influência das estrelas no comportamento humano. Por meio da física aristotélica, ele procurava explicar de que modo os astros interferiam na vida humana e na natureza e, por outro lado, procurava também explicar que os homens poderiam usar sua razão para que os efeitos de determinados astros fossem diminuídos ou não influenciassem indiretamente seu intelecto.

---

[8] A razão, como ordenadora da vida social, e os corpos celestes, como determinantes do corpo, de acordo com Tomás de Aquino, não se chocavam, porque tinham funções diferentes.

Conforme se disse anteriormente, a Astrologia tornou-se uma disciplina estudada nos currículos medievais, principalmente a partir dos séculos XII e XIII. Foi com Tomás de Aquino que a hipótese de uma Astrologia cristã começou a ter maior sustentação. Ele defendia que os corpos celestes poderiam ser vistos como causas segundas da manifestação de Deus e que não era um erro servir-se destes sinais para explicar o movimento das coisas corporais, visto que não interferiam diretamente nas escolhas dos homens. Baseando-se na observação da natureza, ele analisou o efeito dos corpos celestes na vida humana. Foi a idéia de que a razão era a ordenadora do ser que permitiu que Aquino fizesse um estudo pormenorizado da Astrologia e a concebesse como um conhecimento que demonstrava a harmonia existente entre o mundo supralunar e o mundo sublunar.

Evidentemente, a concepção de Tomás de Aquino sobre essa harmonia estava relacionada também à Astronomia. Já foi mencionada neste trabalho a relação entre estas duas disciplinas. Para que a Astrologia pudesse ser praticada de forma a orientar o homem, ela necessitava de outra disciplina, a Astronomia, responsável pela parte da mecânica celeste. A Astronomia foi fundamental para que, mediante os cálculos das posições planetárias, fosse possível o estudo dos eventos astrológicos, como poderá ser visto ao longo deste trabalho. A Astronomia, à medida que calculava e mensurava a posição dos corpos celestes, permitia que os estudiosos pudessem estudar e entender, com mais certeza, as alterações a que o mundo inferior estava sujeito.

Nesse sentido, a Astrologia, tendo sido incorporada à doutrina cristã, tornou-se importante para o desenvolvimento da ciência experimental, porque a observação do

efeito que as estrelas desencadeavam sobre a vida humana era uma forma de pesquisa que representava, a união da teoria com a prática.

Esta concepção filosófica sobre o movimento das coisas corporais estava na base do pensamento de Tomás de Aquino. Para ele, a forma substancial não existia sem a matéria, ou seja, um homem só pode ser homem porque possui alma e corpo ou matéria e forma[9]. Esta idéia era válida para todo o mundo natural: uma planta possuía uma alma e um corpo, um cachorro possuía uma alma e um corpo e assim sucessivamente[10].

Para que se possa discutir, diretamente, a posição de Tomás de Aquino a respeito da influência dos corpos celestes na vida humana, faz-se necessário recuar no tempo e percorrer alguns dos caminhos filosóficos nos quais ele se fundamentou, de forma a compreender melhor a construção de sua concepção de mundo. Inicialmente, serão feitas algumas considerações sobre a cosmologia de Aristóteles e alguns comentários sobre a teoria de Cláudio Ptolomeu acerca das influências celestes, as quais sustentaram todo o estudo da natureza a partir do século XIII. Em seguida, serão analisadas algumas passagens em que Santo Agostinho faz comentários sobre a Astrologia e sobre o determinismo astral, cuja teoria também influenciou o pensamento de Tomás de Aquino sobre essa disciplina.

1.2 A Cosmologia de Aristóteles

A filosofia aristotélica preocupou-se, desde sua origem, com o mundo do sensível, ou seja, o mundo real, das coisas constituídas de matéria e forma. Não bastava,

---

[9] AQUINO, Tomás. *Suma contra os gentios*. Livro IV, II parte, cap. XLIV.

para Aristóteles, o conceito platônico das Idéias, era preciso observar a natureza para que seus elementos fossem conhecidos em sua essência. O cosmo aristotélico estava fundamentado num universo de causas e efeitos, em que a observação teria o papel de descobrir as causas para que se entendessem os efeitos. Aristóteles acreditava que o mundo era constituído por quatro elementos: Fogo, Terra, Ar e Água, e um quinto elemento, que estaria no mundo supralunar, o Éter. Os quatro elementos básicos formavam o mundo das coisas sensíveis do mundo sublunar. Para ele, havia dois mundos, um acima da esfera da Lua, onde estavam as esferas dos demais planetas até o primeiro motor, que era causa dos demais movimentos, e, abaixo da esfera da Lua, havia as coisas geradas e corruptíveis.

O universo aristotélico pode ser comparado a uma “máquina”, na qual o mundo de baixo seria influenciado pelas alterações do mundo de cima, por exemplo, quando o Sol se aproximasse da Terra faria calor e, quando se afastasse, faria frio. Aristóteles foi fundamental para que as ciências naturais, ou seja, o estudo da natureza fosse possível no limiar do século XIII, visto que suas idéias estavam centradas na idéia de causa e efeito e, para isso, era necessário estar o tempo todo observando a natureza para que seus “segredos” fossem compreendidos. Foi esta idéia de *máquina* que deu a Tomás de Aquino condições para verificar e analisar as realidades corpóreas pela observação.

O cosmo de Aristóteles, aos poucos, foi sendo incorporado ao seio da cristandade medieval graças às traduções árabes que garantiram a preservação das obras gregas. Embora muitas delas sofressem alterações devido aos tradutores e comentadores árabes, o universo aristotélico foi o alicerce para a nova ciência que

---

[10] Ibidem. *Suma contra os gentios*. Livro II, III parte, cap. LXXXV.

estava nascendo e serviu para que Tomás de Aquino construísse a sua Cosmologia e explicasse o efeito dos corpos celestes no mundo sublunar, ou seja, criasse uma teoria que trouxesse uma compreensão de como e por quais meios os astros poderiam interferir na vida humana.

Tendo como base a teoria das esferas, o universo, para Aristóteles, era finito e nada existia além da esfera superior. Conforme essa Cosmologia, o mundo sublunar estaria intrinsecamente ligado ao mundo supralunar e os elementos que constituíam o primeiro sofriam alterações à medida que as esferas se moviam. Assim, os planetas eram movidos pelas esferas, sendo a primeira delas responsável pelo movimento das demais. Esta foi considerada, na Idade Média, como o local onde "reside" o criador de tudo, Deus.

De Acordo com o próprio Aristóteles, era por intermédio dos movimentos circulares que os corpos celestes interferiam no mundo sublunar.

> A causa disso [das alterações dos elementos na Terra] é, como dissemos muitas vezes, a translação circular, pois é a única contínua. Por isso, também todas as outras coisas que se transformam reciprocamente segundo suas afecções e potências, como os corpos simples, imitam a translação circular. De fato, quando da água se gera o ar e do ar o fogo e, de novo, do fogo a água, dizemos que a geração completou o ciclo, porque volta ao ponto inicial. Por conseguinte, também a translação retilínea é contínua já que imita a circular. (ARISTÓTELES, 2001, livro II, 10)[11]

Aristóteles fez uma analogia entre o mundo sublunar e o mundo supralunar, cuja estrutura correspondia a forma mecânica como ele via a realidade, mas não se tratava da emanação de uma força provinda diretamente das esferas celestes, como

[11] Há também a tradução francesa. ARISTOTE. *De la génération et de la corruption*. Novelle traduction et notes: J. Tricot. 6 ed. Paris: J. Vrin, 1998.

no cristianismo. Essa conhecida teoria sobre a influência astral foi retomada pelo aristotelismo árabe e pela Astrologia de Ptolomeu, que, mesmo falando de influências, viu o mundo das esferas como uma espécie de “máquina”. A forma como Aristóteles concebia o cosmo permitiu que a Astrologia tivesse a base filosófica que lhe deu um caráter de ciência natural.

Esta concepção de ciência natural sustentou, posteriormente, a crença nos influxos celestes sobre a vida humana. A Astrologia, ou melhor, o estudo das influências celestes, por preconizar um fatalismo astral nas escolhas humanas, passou a ser combatida, duramente, no início da Era Cristã, em especial por Santo Agostinho. Essa mesma idéia foi retomada a partir do século XIII, principalmente, por Tomás de Aquino e Roger Bacon, que fizeram uma divisão da disciplina, considerando o fatalismo astral como superstição, mas admitindo a possibilidade da influência astral nas coisas corporais. O saber sobre essa influência seria válido e útil, principalmente para a Medicina. Tanto para Agostinho como para Aquino, a alma humana, como substância espiritual, estava diretamente livre das influências dos corpos celestes. Para Agostinho (1991, livro V, cap. IX), a alma humana não poderia ser guiada pelos astros porque estes seriam secundários diante do poder de Deus.

Essa idéia de que o homem podia expressar sua liberdade, mesmo sob influência de um planeta, já estava presente na Astrologia ptolomaica, segundo a qual o homem poderia atenuar determinadas ações dos planetas. Isso, de certa forma, fundamentou a visão cristã sobre a vontade e a possibilidade do homem ser livre.

1.3 Claudio Ptolomeu e a Influência Astral

O Sistema Geocêntrico, no qual estava inserida a Astrologia, também continha o Sistema Astronômico de Ptolomeu, um dos mais importantes astrônomos da Antigüidade, que influenciou toda a Astronomia medieval e boa parte da Astronomia moderna. Os estudos de Ptolomeu trataram da Astronomia, da Geografia, da Ótica e da Astrologia. No que se refere a esta última, Ptolomeu sistematizou vários conceitos que foram fundamentais para se compreender a influência que a Astrologia teve no pensamento de Tomás de Aquino.

Por meio da obra de Claudio Ptolomeu é que se obteve uma Astronomia e uma Astrologia renovadas, ambas inseparáveis, de acordo com o próprio astrônomo grego. Posteriormente, a partir do século XIII, os dois saberes seriam estudados simultaneamente nas universidades medievais.

Claudio Ptolomeu, desenvolveu dois importantes tratados, os quais sintetizavam todo o conhecimento astrológico e astronômico antigo: o Tetrabiblos ou *Quadripartitum* e o Almagesto[12]. O astrônomo grego estava imbuído das teorias de liberdade humana, posteriormente retomadas pelos cristãos. Desde os primeiros padres, a importância dada ao livre-arbítrio tornou-se cada vez mais evidente. Para eles, a alma humana (GILSON, 2001) não estava submetida às mesmas leis que a natureza, pois estava ligada ao poder de Deus e somente este poderia interferir em suas ações.

---

[12] PTOLOMEU. Claudio. *Tetrabiblos*. Traducción: Demetrio Santos. Madrid: Las Mil y Una Ediciones, 1981.

O Tetrabiblos (*Quadripartitum*)

Ptolomeu, ao escrever o Tetrabiblos (*Quadripartitum)*, estruturou de forma clara e objetiva todo o conhecimento astrológico antigo. A Astrologia fazia parte da cosmologia grega e algumas de suas questões também eram problemas filosóficos. Por intermédio da Astrologia, herdada dos mesopotâmicos (CUMONT, 1989), os gregos puderam sistematizar essa ciência do cosmo. De acordo com Martins (1995, p.54) "o pensamento grego proporcionou uma contribuição especial: a tentativa de sistematizar, de fornecer uma teoria ampla e coerente de todos os fenômenos. O pico desse desenvolvimento foi o trabalho de Ptolomeu".

Ptolomeu procurou unir os dois conhecimentos, dizendo que a Astrologia não se sustentaria sem a Astronomia, o que exigia que as duas fossem estudadas de modo conjugado. Escreve Ptolomeu (1981, p.11) sobre as duas ciências:

> Sirius posee dos principios sobre los cuales se fundan las predicciones astronómicas. Uno (la Astronomía), por el cual nosotros conocemos en cada momento el movimento del Sol, de la Lua y de los otros astros, y los aspectos que tienem entre ellos o los que están al outro lado de la Tierra. El outro (la Astrología), com el cual, seguiendo las cualidades naturales de estos astros, consideramos los cambios que se producen según su posición en los cuerpos.

Logo no início do Tetrabiblos, Ptolomeu identificou o foco primeiro da Astrologia: as influências físicas nos corpos. A Astrologia, para ele, explicava as várias interferências que os corpos sofrem devido às posições dos planetas. Por isso, este conhecimento tornava-se útil para o estudo da natureza. Por exemplo, seria útil para prever as mudanças climáticas e, no caso do corpo humano, para saber em que período determinada pessoa teria seu corpo mais propenso a doenças ou seria mais resistente a elas.

Ele explicava claramente como os astros influenciavam a Terra. Segundo sua teoria de influências físicas, o Sol, a Lua e os planetas modificavam a qualidade do meio em que os homens viviam. Sendo assim, as pessoas estariam sujeitas às mesmas influências. Como explicita Ptolomeu (1981, p.12):

> Pues el Sol, com el cielo, dispone de las diversas cosas terrestres, no solamente según las cuatro estaciones del año, com la cuales armonizam las generaciones de animales, la fecundidad de las plantas, el curso de las aguas e las mutaciones de los cuerpos, sino también según su circuito diario, calentando, humedeciendo, resecando y enfriando com um verdadero orden y posibilidad que concuerda con los otros astros y con nuestro punto vertical. En cuanto a la Luna, estando más próxima, parece que influye sobre las cosas terrestres; de hecho, la mayor parte de los seres, tanto animados como inanimados, sienten el poder de su luz e de su movimiento. Los ríos crecen y decrecen com ella, los flujos y reflujos del mar imitan su salida y su puesta, las plantas y los animales, em su totalidad o en parte, aumentan cuando ella crece y secan cuando disminuye su luz. Los tránsitos de las estrellas, tanto fijas como errantes en el cielo, significan calores o fríos, de donde el resto de las cosas terrestres reciben una impresión continua.

Nota-se, aqui, uma forma “científica” de explicar o influxo dos astros, na qual não havia menção a nenhum deus ou deusa. Ou seja, a Astrologia, nesse tempo, estava adaptada à exigência da razão filosófica. Não havia, como na Babilônia, uma religião astral, mas, sim, uma tentativa de explicar de que forma os astros poderiam interferir nas coisas do mundo inferior. Percebe-se que Ptolomeu fazia menção às mudanças físicas mediante a alteração da posição de determinado corpo celeste.

Esta teoria tornou-se a base para Tomás de Aquino fundamentar sua teoria de que os astros apenas influenciavam, na Terra, as coisas físicas, ou seja, tudo que possuía um corpo. Aquino encontrou, tanto em Ptolomeu como em Aristóteles, uma explicação, por exemplo, para as mudanças de humor nos homens. A teoria astrológica de Ptolomeu, como a física de Aristóteles e a filosofia de Tomás de

Aquino estavam baseadas nas observações dos fenômenos que se apresentam aos sentidos. A visão ptolomaica da Astrologia criou um espaço para essa ciência entre os intelectuais do século XIII, porque se baseava no estudo rigoroso dos fenômenos que ocorriam na natureza, incluindo o homem e a sociedade. Entretanto, embora Tomás de Aquino tivesse sido influenciado por ela, salientava que essa Astrologia lidava, especificamente, com investigações dos fenômenos naturais. Em nenhum momento ele aceitou a prática de uma Astrologia para prever o destino das pessoas, pois isto seria a negação do livre-arbítrio.

Claudio Ptolomeu também enfrentou os adversários da Astrologia, tanto contestadores, que dela faziam severas críticas, como pessoas que não se interessavam por cultivar a “ciência”. Nesse enfrentamento, sua proposta era praticar a Astrologia com limites, ou seja, o destino humano não poderia ser encerrado numa interpretação astrológica, pois o homem podia atenuar o efeito de uma estrela e alterar o destino. Ptolomeu (1981, p.14) posicionou-se de forma clara e segura contra aqueles que, ultrapassando esses limites, banalizavam a Astrologia.

> Pero es injusto atribuir a la ciencia, las faltas que nacen de la imbecilidad de sus profesores. Otros, para ganar dinero, venden otras predicciones bajo el nombre y la autoridade de este arte, y engañan al pueblo prediciendo muchas cosas que no son nada significativas por las causas naturales. La vanidad de los que eron reconocidos hace que los más sagaces sospechen y condenen las otras predicciones que nos revelan las causas físicas. Eso es una injusticia de igual forma que si se rechazara la Filosofía, porque algunos, fingiendo aplicarla, se revelaran impostores y malintencionados. Es evidente que estos mismos que son instruidos em las letras y que, com más de diligencia que de industria, emplena esta ciencia, se equivocan más frecuentemente, no por las razones que, más arriba há alegado, pero sí a causa de la naturaleza de la cosa, y de la debilidad del espíritu humano que no puede alcanzar la grandeza de um arte tan relevante.

Como astrólogo, Ptolomeu delimitou o campo da Astrologia e da Astronomia e procurou fazer da Astrologia um conhecimento do mundo sensível, ou seja, um saber que lidava com os fenômenos da natureza. Ele. criticou as pessoas que se utilizavam da Astrologia para justificar todo e qualquer fenômeno, tanto natural como humano, e lançou as bases de uma Astrologia natural que pudesse explicar o porquê de determinadas mudanças no mundo dos corpos. Segundo esta idéia, da qual Tomás de Aquino se serviu posteriormente, as influências celestes individuais (Ptolomeu, 1981, p.16-17) podiam ser alteradas por uma influência maior. Por exemplo, não bastava o indivíduo estar sob uma boa configuração planetária se estivesse envolvido numa batalha ou fosse vitima de uma peste. Por outro lado, os astros poderiam causar fenômenos coletivos, tanto para o bem como para o mal e, assim, a pessoa estaria necessariamente submetida a estas mudanças. Para ele, a possibilidade do livre-arbítrio existia apenas quando as posições planetárias individuais não estivessem submetidas às forças superiores, mas dependessem da vontade da pessoa, podendo esta atenuar seus efeitos, mas não anulá-los totalmente.

Essa idéia de uma força maior direcionando os atos humanos seria, para Tomás de Aquino, causada por Deus[13], permanecendo os astros como forças secundárias.

As obras de Ptolomeu foram importantes para o desenvolvimento da ciência astronômica e astrológica, as quais tornaram-se necessárias para o estudo da Natureza enquanto um reflexo da ordem do Cosmo, ou seja, do mundo incorruptível. “Graças aos árabes divulgaram-se no Ocidente a Astronomia de Ptolomeu e a

[13] Tomás de Aquino entende que as forças planetárias que influenciam o coletivo provêem de Deus, que pode anular as forças decorrentes dos corpos celestes. Mas isto não significa que os corpos celestes deixam de influenciar os homens; suas influências ficam subordinadas ao poder de Deus, seja para um evento bom ou ruim, mas que seja necessário.

trigonometria que a acompanhava, vários instrumentos aperfeiçoados de observação científica, mapas celestes e marítimos" (NUNES,1979, p. 192). Juntamente com esse instrumental técnico, veio implícita a idéia de ordem cósmica, que tinha sido importante para a Antigüidade, pois indicava a própria necessidade de ordem na sociedade. No século XIII, a ordem cósmica também seria um meio de mostrar para as pessoas que a sociedade deveria estar em harmonia com a totalidade.

Como se viu anteriormente, Claudio Ptolomeu sintetizou todo o conhecimento astronômico e astrológico da Antigüidade e, dessa forma, forneceu as bases teóricas para que a Astrologia se sustentasse ao longo dos séculos. Mesmo em seu tempo, havia diferenças entre a Astrologia supersticiosa e uma Astrologia natural[14]. Aos poucos, vislumbrava-se uma clara preferência pela Astrologia natural, que passou a ser responsável pela explicação dos muitos fenômenos inerentes à sociedade medieval.

É importante ressaltar que Ptolomeu, no século II, falava de influências físicas. Era uma questão de lógica, por exemplo, que Saturno, possuindo qualidade fria, pudesse, dependendo de sua localização no Céu, esfriar algumas regiões da Terra ou mesmo ser a causa de algumas doenças**.** O pensador grego dizia que o sábio, dominando os astros, podia dominar suas paixões.

Devido às transformações ocorridas na sociedade romana, o conhecimento da Antigüidade foi praticamente ignorado por um longo período, sendo retomado de modo esporádico pela Igreja, assim, o conhecimento de Ptolomeu, que provinha da

---

[14] Astrologia Natural: destinada ao estudo da Natureza e de seus fenômenos. Astrologia Supersticiosa: prática que tinha como objetivo fazer prognósticos sobre o destino dos homens

cultura helenística, ficou quase desconhecido até meados do século XII (KUHN, 1990). O currículo das artes liberais ficou praticamente resumido à Retórica e à Gramática, que foram suficientes, a princípio, para o estudo das Sagradas Escrituras. Somente no final do século VIII o Ocidente pôde ver uma reconstrução do conhecimento e uma busca pelo saber da Antigüidade, devido ao Renascimento Carolíngio. Posteriormente, mais precisamente no decorrer do século XII, com a chegada das obras gregas ao Ocidente por meio dos árabes, o conhecimento teve um novo caminhar e uma nova estrutura, permitindo a inserção da Astrologia natural no meio acadêmico.

Tanto o trabalho de Ptolomeu, da cosmologia de Aristóteles, como os comentários de Agostinho sobre a influência celeste determinaram, sobremaneira, a aceitação da Astrologia natural no século XIII. Para estes pensadores, os corpos celestes poderiam influenciar os corpos, mas o homem teria o direito de escolher entre aceitar essa disposição ou dominá-la. Ao tratar de Ptolomeu e Aristóteles, pretendeu-se demonstrar em quais bases Tomás de Aquino sustentou a aceitação da influência dos corpos celestes na vida humana. Em seguida, são destacadas algumas considerações que Santo Agostinho fez à teoria da influência dos corpos celestes e de que forma seus comentários influenciaram a retomada da Astrologia para o estudo da influência astral nos corpos inferiores.

1.4 A Influência Astral na Obra de Santo Agostinho

O determinismo astral, em Santo Agostinho, foi cedendo cada vez mais espaço à possibilidade de escolha, isto é, por meio do exercício do livre-arbítrio, a pessoa podia escolher entre o bem e o mal e, assim, seguir os instintos ou a razão.

Inicialmente, Santo Agostinho acreditava nas predições astrológicas, fato que o levou a estudar e praticar a Astrologia. Mesmo que tentassem persuadi-lo sobre o erro desses vaticínios, ele só deixou de acreditar nas predições da Astrologia para a vida dos homens quando seu amigo, Firmino[15], disse ter presenciado o nascimento de duas crianças no mesmo horário. Ora, para Agostinho, essas crianças, por terem nascido sob a mesma configuração celeste, deveriam ter vidas iguais, fato que não ocorreu, pois uma era filha de família nobre e outra de uma escrava. Assim, após sua conversão ao cristianismo, ele refutou o determinismo astral, argumentando ser impossível que os astros definissem o destino das pessoas, como provava o nascimento de crianças gêmeas. A partir de então, ele passou a considerar que o homem era livre e não poderia estar sendo determinado por forças que eram secundárias ao poder de Deus. Dizia que os vaticínios dos astrólogos ocorriam porque eles eram influenciados por maus espíritos (1991, livro V, cap. VII). Para ele, o caminho da salvação seria através do conhecimento e da redenção a Deus, o que faria com que o homem ficasse sob seu jugo. Assim sendo, o ser humano e suas ações não poderiam ser determinados pelas influências celestes. Esta valorização do livre-arbítrio colocava a tese do determinismo astral na vida das pessoas como

[15] Santo Agostinho estudou e praticou a Astrologia. Arrependeu-se depois, conforme suas confissões, visto que era uma crença baseada no acaso. Cf.: AGOSTINHO, Santo. *Confissões.* Col. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1996, p. 180.

contrária à doutrina cristã. Uma das formas de se provar isso era o fato de que os homens nascidos sob um mesmo céu não seguiam caminhos iguais, ao contrário do que pressupunha o determinismo astral. A idéia do livre-arbítrio superou, assim, desde Santo Agostinho, qualquer teoria que relacionava de forma determinante a vontade dos homens à vontade dos astros. Nela se baseou Tomás de Aquino para reconhecer que o homem, como um ser racional, deveria ser responsável pelos seus atos, fossem certos ou errados.

De acordo com o fatalismo astral, tudo o que nascesse sob o mesmo céu teria destinos iguais, porém isto não acontecia. Como estudioso desta ciência, Agostinho contestou este princípio mostrando que os gêmeos, mesmo tendo nascido sob o mesmo céu, teriam destinos diferentes e, por isso, a Astrologia era falha. Valorizou, nessa questão, a razão humana, a única capaz de diferenciar os homens dos animais:

> Nos antigos tempos dos Patriarcas nasceram dois gêmeos, tão seguidos um do outro que o segundo tinha agarrado o pé do primeiro [...] Acaso quererá isto dizer-se que um passeava quando o outro se sentava, que um dormia quando o outro estava acordado, que um falava quando o outro estava calado - pormenores respeitantes a minúcias que não podem ser compreendidas pelos que anotam a posição dos Astros quando nasce alguém para em seguida consultarem Astrólogos? (AGOSTINHO, 1991, livro V, cap. V)

Santo Agostinho colocou em dúvida algo que foi um problema para os astrólogos medievais e continuou sendo para os modernos. Se o homem era determinado pelos astros, isto deveria ser observado em todos os pequenos detalhes de sua vida. O fato de isto não acontecer era uma prova, aos olhos de Agostinho, de que este conhecimento (ou o dos que professavam os vaticínios) era infundado. Por mais parecidos que os gêmeos fossem, suas vontades não eram as mesmas, donde se

concluía que a influência dos astros era falível. Agostinho ressaltou as diferenças existentes entre os homens e observou a necessidade de se respeitar essas diferenças, pois elas decorriam da própria livre escolha dada ao homem por Deus**.** A preocupação de Agostinho era com a salvação da Alma, que se daria com a conversão ao Cristianismo. Isto indicava basicamente a diferença dos homens, os que eram convertidos e salvos e os que escolhiam o mal e a perdição da alma. A escolha, portanto, era intrínseca ao seu ser e somente ele poderia fazer suas escolhas, sem poder se eximir das responsabilidades.

Essas escolhas também explicavam o próprio esfacelamento da sociedade. Era o erro dos homens que causava o mal entre eles. O Cristianismo foi visto, por Agostinho, como a única forma de escolher o certo, pois, à medida que recebia os ditames diretamente de Deus, o homem podia dar ordem à sua vida e às suas relações sociais. As diferenças que ele identificava nos homens de sua época tinham origem na situação histórica de confronto entre pagãos e cristãos e o caminho proposto para superá-las implicava a idéia de conversão. No século XIII, os homens já viviam num meio predominantemente cristão e as diferenças entre eles apresentavam-se como resultado da forma como utilizavam sua razão, seu intelecto e sua vontade.

Em Tomás de Aquino, um homem era diferente do outro à medida que seu intelecto era capaz de perceber realidades sensíveis diferentes. O homem alcançava determinado lugar se tivesse condições de enxergá-lo. Mas, se a influência celeste fosse algo determinante, os homens estariam muito próximos da igualdade, no sentido de seu intelecto e de sua vontade. Assim, ele ponderava que os homens

eram iguais em sua humanidade, mas não em sua Alma. Se os homens fossem apenas seres corporais, suas diferenças poderiam ser explicadas pelos corpos celestes, mas eles eram seres de corpo e alma, estando sua vontade e seu intelecto subordinados a ela. Por isso, em virtude de sua alma, um ser humano diferia do outro.

Outra razão da diferença dos homens, sobre a qual se manifestava Agostinho, dizia respeito à concepção[16]. Por que, então, o nascimento era considerado mais importante? A alegação dos astrólogos de que os gêmeos nasciam em horários diferentes, daí a diferença nas atitudes, era refutada por ele. Considerando-se a influência astral, se as almas nasciam juntas, os gêmeos deveriam ter igual comportamento. Como isso não acontecia, a liberdade da alma para Agostinho (1991, livro V, cap. II), era o que garantia que os homens tivessem direções opostas das indicadas pelas determinações astrológicas.

As considerações de Agostinho sobre a Astrologia demarcaram, claramente, o limite da prática astrológica: a interpretação dos astrólogos não interferia na liberdade da alma humana. As críticas de Agostinho sobre o determinismo ou fatalidade astral não se estendiam à Astrologia natural, que se atinha ao estudo dos efeitos da Natureza Celeste no mundo dos homens. Segundo ele, embora seus efeitos não determinassem a vontade humana, a Astrologia poderia ser utilizada para o estudo dos fenômenos que circundavam o homem, por exemplo, a chuva, os ventos, as doenças, etc.

[16] Ptolomeu já se dedicara a esse assunto, mas abandonou a idéia, visto ser impossível determinar a data e a hora da concepção. Os trabalhos que ele desenvolveu, baseados no nascimento, foram suficientes para que sua teoria tivesse crédito, pois era a partir do momento em que a criança saiu do ventre da mãe que ela entrava em contato com as influências externas.

A Astrologia possibilitou o entendimento de muitos dos fenômenos naturais que tinham uma razão celeste e foi em virtude dessa possibilidade que Alberto Magno (1206-1280), Roger Bacon (1214-1292) e Tomás de Aquino a aceitaram sem muitas restrições, como se verá nos capítulos seguintes. Entretanto, como se tratava de um novo momento histórico, novos conceitos foram sistematizados para se pensar a sociedade como um todo e foi com esse novo aparato conceitual que, no século XIII, a Astrologia foi retomada para a pesquisa da natureza. Porém, no período em que Santo Agostinho viveu, a preocupação estava voltada somente para a salvação religiosa do homem.

Com a queda do Império Romano, o Cristianismo foi visto pelos primeiros padres como a única maneira de dar direção a uma sociedade em transição em virtude de uma série de transformações, como a invasão dos Bárbaros, a dissolução das cidades, elevação da carga tributária, corrupção dos governantes, entre outras causas. A revelação das Sagradas Escrituras tornava possível uma nova educação, segundo a qual os homens teriam o direito de escolha entre o *bem e o mal*. A aceitação do determinismo astral colocava em xeque a nova educação, baseada no Cristianismo, na busca interna de Deus. De que forma haveria a possibilidade de escolha? Para Agostinho, o homem poderia não levar em consideração a vontade das estrelas, pois, enquanto os astros poderiam influenciar as paixões, Deus, em contrapartida, influenciaria a alma. Esta é que deveria ser salva, o que implicava a possibilidade de se estabelecer uma ordem na sociedade a partir da conversão dos pagãos ao Cristianismo.

Para Agostinho, o homem podia ser inclinado pela posição dos astros a ter determinadas atitudes, isto não significava uma imposição. Segundo ele, inclinar-se para um ato não significava estar determinado, mas propenso a agir de uma forma ou de outra. Portanto, cabia ao homem saber qual caminho queria seguir, ou melhor, a qual desejo iria ceder.

> As origens do Império Romano bem como a de todos os reinos não foi fortuita nem resultou da posição das estrelas
> [...] é seguramente a Providência divina que estabelece os reinos humanos. Se alguém atribuir ao destino, chamando <<destino>> à própria vontade ou omnipotência de Deus, pois mantenha a sua opinião mas corrija a linguagem. Porém, porque é que não diz logo de início o que virá a dizer quando se lhe perguntar a que é que chama <<destino>>? Na verdade, quando a ouvem, os homens tomam esta palavra no sentido usual e não pensam senão na força da posição dos astros tal qual como ela se apresenta quando alguém nasce ou é concebido [...] Mas para aquele para quem os astros decidem, sem a vontade de Deus, do que fazemos ou dos bens que possuiremos ou dos males que teremos de suportar, devem ser impedidos de fazer-se ouvir não só dos que observam a verdadeira religião mas também dos devotos de qualquer deus, mesmo falso.[...] Aqueles que fazem depender da vontade de Deus a posição das estrelas que decidem de certo modo do caráter de cada um e dos acontecimentos bons ou maus da sua vida, – se julgam que essas estrelas, que receberam esse poder do poder supremo, decidem desses acontecimentos como lhe apetece – grave ofensa fazem ao Céu. Tomam o Céu por uma espécie de ilustre senado e esplêndida cúria em que se decide dos crimes que se podem cometer – crimes esses que, se fosse alguma cidade terrena a votá-los, tal cidade deveria ser destruída pelo gênero humano.[...] Poderão ainda dizer que as estrelas indicam mas não realizam os acontecimentos. É como se a sua posição fosse uma linguagem de predizer e não de realizar o futuro (foi de facto este o parecer de homens não mediocremente doutos). Não é porém assim que os astrólogos costumam falar. Não dizem, por exemplo: <<esta posição de Marte anuncia um homicida>> mas << faz um homicida>>. Concedamos, porém, que eles não falam como devem e que deviam tomar dos filósofos a sua maneira de falar para anunciarem os acontecimentos que julgam descobrir na posição dos astros". (AGOSTINHO, 1990, livro V, Cap. I).

Agostinho via, na teoria da influência dos astros, uma possibilidade, mas não algo determinante. Levando-se em consideração o momento de transição histórica vivenciado por esse filósofo, percebe-se o quanto era delicado, para uma sociedade

marcada por profundos conflitos sociais, acreditar nas determinações dos astros. Do ponto de vista do Cristianismo e, portanto, de Agostinho, dizer que um homem era homicida porque nasceu sob influência do planeta Marte determinava e condicionava a impossibilidade de sua salvação. Ao contrário, de acordo com a nova proposta filosófica, supondo-se apenas sua inclinação para ser homicida, esse mesmo homem poderia ser salvo pela fé. No conjunto, esta nova orientação filosófica fundamentava a possibilidade de se manter a ordem na sociedade. Deus podia enviar sinais por meio das estrelas, mas não determinar o comportamento dos homens a partir delas. Portanto, o homem, na concepção de Santo Agostinho, só poderia buscar a salvação por meio da fé em Deus. Já as previsões fatalistas dos astrólogos não continham a possibilidade dessa salvação. Uma dada interpretação das predisposições celestes excluiria da vida de uma pessoa, a possibilidade da salvação. A célebre frase "*Astra inclinant, non necessitant*" estava presente, implicitamente, no pensamento de muitos filósofos e teólogos importantes do Cristianismo.

Agostinho baseava-se na idéia de que as estrelas não determinavam o destino e, para isso, aludia à posição que os homens deveriam tomar, baseados na opinião dos filósofos, ou seja, de que o homem, diante de determinados caminhos (estes podem ser direcionados pelos astros), poderia escolher entre um e outro, e não ser forçado a seguir apenas um. O livre-arbítrio apresentava-se como a possibilidade de garantir a paz e a salvação do mundo. Seu exercício se daria pelo domínio das paixões humanas e o uso pleno da capacidade racional, mediante a reflexão e a percepção da realidade interior. Para Agostinho, a essência do pecado estava na submissão da razão às paixões. A razão era superior às paixões, pois baseava-se

nas escrituras sagradas e não estava à mercê das mudanças do mundo sublunar, ou seja, das coisas existentes na Terra. Ela era a própria Lei de Deus.

> Julgas que a paixão seja mais poderosa do que a mente, à qual sabemos que por lei eterna foi-lhe dado o domínio sobre todas as paixões? Quanto a mim, não o creio de modo algum, pois, caso o fosse, seria a negação daquela ordem muito perfeita de que o mais forte mande no menos forte. Por isso, é necessário, a meu entender, que a mente seja mais poderosa do que a paixão e pelo mesmo será totalmente justo e correto que a mente a domine.(AGOSTINHO, 1995, II parte, cap. X)

Agostinho, mesmo admitindo que o livre-arbítrio permitia a escolha entre o bem e o mal, considerava que as paixões continuariam sendo um canal aberto para que o homem cometesse o pecado. A alma possuidora de virtudes, quer dizer, dotada de razão, não seria alvo de nenhuma influência externa, seja de pessoas dotadas de vícios ou mesmo do influxo das estrelas. Todavia, aquele que estivesse no vício receberia o mal tanto das pessoas ao seu redor como sofreria a determinação das estrelas. Com base nas colocações já feitas é possível inferir que o homem, em Agostinho, estava mais exposto ao vício do que o homem em Tomás de Aquino, em virtude dos momentos históricos de cada um. Para Aquino, o homem podia caminhar por caminhos tortuosos, porém cabia a ele ter discernimento entre o caminho da virtude e o do vício, porque ambos sempre estariam presentes em sua vida.

Portanto, o livre-arbítrio tornava-se um meio para que o cristão conquistasse o bem e a salvação da alma, mas, para isso, era preciso que ele fosse redirecionado para a Cidade de Deus, já que a cidade terrestre estava desaparecendo. Na falta desta, bastava que o homem se orientasse pela Cidade de Deus como um plano cósmico. Assim como as cidades da Babilônia e de Jerusalém, a cidade planejada pelo bispo de Hipona refletia a necessidade do homem se redirecionar para o cosmo, o que,

numa linguagem cristã, significaria aproximar-se do poder e da glória de Deus. Para que isso acontecesse, porém, o homem necessitava praticar seu livre-arbítrio e ser responsável pelos seus atos.

O que torna importante a crença na influência astral não é o nível de conhecimento que se tinha da Astrologia ou da Astronomia, mas, sim, o perigo de se acreditar numa força que seria superior à força de Deus e se distanciar da salvação. Santo Agostinho, com base nesta concepção, elaborou questões lógicas, como a prova dos gêmeos, para convencer os homens de que existia apenas uma força que podia dominá-los ou exercer influência direta sobre suas almas: a de Deus.

Os homens do século IV, devido às crises políticas e econômicas que atingiram o Império Romano, afligiam-se em dúvidas e incertezas. Considerava-se que, para enfrentá-las, era de grande importância sublimar as paixões e dar lugar à razão e isso só seria possível com a conversão, ou melhor, a aceitação do Cristianismo. Essa forma de educação é que fortaleceria e daria segurança à sociedade. Essa segurança não era possível para os que seguiam as determinações dos ritmos astrais (fatalismo astral), visto que dependeriam dos movimentos dos corpos celestes, que ora poderiam inclinar para as coisas boas ora para as coisas nefastas.
Santo Agostinho (1991, Livro V), baseado na sua crença em Deus, condenava alguns astrólogos que faziam previsões assertivas sobre o futuro. Para ele, a certeza de algumas previsões davam-se pela influência dos demônios, sendo estes os únicos interessados nas paixões dos homens. Era por intermédio delas que os homens se entregavam à violência e à barbárie.

O caráter supersticioso da Astrologia foi atenuado, consideravelmente, nos séculos XII e XIII, a partir de quando esta passou a ser estudada nas faculdades de artes sem maiores restrições. O fato das práticas supersticiosas terem sido constantes, no período em que viveu Agostinho, foi devido à existência de uma desordem social em que as pessoas não possuíam certezas do próprio futuro. Dessa forma, uma Astrologia voltada para a investigação da natureza era cada vez menos praticada.

Se não houve desenvolvimento significativo das questões referentes à Astrologia/Astronomia, no início da Idade Média, ou de qualquer outra área do conhecimento, deve-se ao fato de não ter havido, antes de tudo, uma sociedade organizada. Por isso, a preocupação em explicar os fenômenos naturais não era, naquele momento, o principal objetivo. Havia a necessidade de se reorganizar a sociedade que estava se deteriorando e, acima de tudo, manter, de certa forma, os homens inseridos na idéia de que era possível um mundo novamente ordenado.

A idéia de que a crença no Cristianismo poderia conduzir à ordem social, estava implícita nas construções dos templos antigos, principalmente das cidades. O homem procurou uma referência para a ordem de sua vida e de sua sociedade partindo da idéia de que há um mundo superior em perfeita harmonia. Assim, ao trazer o mundo superior para o mundo inferior, o homem sentia estar envolvido com a própria ordem do universo. *A Cidade de Deus,* de Santo Agostinho, está baseada nesse conceito de ordem cósmica, da mesma forma que a Jerusalém Terrestre descendeu de uma Jerusalém Celeste. Essa visão de que o homem poderia chegar a Deus por meio de sua aproximação do sagrado, como dizia a teoria agostiniana,

influenciou as principais construções de templos e cidades, os quais eram vistos como o próprio centro do mundo, do poder e da glória de Deus.

Tanto em Aristóteles como em Ptolomeu e Agostinho viu-se a relação que se fazia entre o mundo supralunar e o mundo sublunar, ou seja, a idéia de que esses mundos se correspondiam. Em *A Cidade de Deus*, o mundo supralunar de Aristóteles e os planetas de Ptolomeu adquiriram a mesma perspectiva, a de que o mundo dos homens existe porque há um mundo imutável e perfeito acima deles.

1.5 A Cosmologia e sua Importância para a Formação do Homem

Desde o momento em que a razão passou a substituir as explicações míticas sobre o mundo, o céu passou a ser a morada não só dos deuses, mas de astros, cujos movimentos estavam, de certa forma, relacionados à vida humana e à natureza ao seu redor[17]. Tanto a sociedade como a própria ordem cósmica espelhavam os receios e anseios do homem. Na proporção em que se rompia o sistema Feudal, o céu finito e fechado de Aristóteles abria-se para o universo infinito de Copérnico.

Cada época teve uma forma específica de expressão científica, filosófica ou religiosa, não havendo um período mais avançado do que outro. Simplesmente existiram modos particulares de viver e de analisar o mundo. Assim, a partir do desenvolvimento da ciência moderna, quando houve uma ruptura entre a idéia de Macrocosmo e Microcosmo, o homem, que até então concebia estes dois mundos

[17] Não se deve esquecer que o céu grego, povoado de deuses, foi deixando de ser importante à medida que o homem passou a se preocupar mais com as coisas do mundo sensível. Mesmo assim, os astros continuaram a pertencer ao mundo supralunar, sendo considerados perfeitos. Este sistema continuou a perdurar por toda a Idade Média.

como inseparáveis, passa a ter uma nova concepção acerca da natureza e de sua relação com ela. Ou seja, antes ele se considerava como parte da natureza, como um de seus elementos. Depois, ele desvincula-se do meio natural e passa a ser o "ordenador" da natureza, invertendo totalmente a visão de mundo em que estava inserido. É nesse momento que começa a se desenvolver a idéia de que a natureza é apenas uma fonte de exploração para servir aos anseios do homem.

Nos primórdios da humanidade, quando não havia a separação entre homem e natureza, o homem colocava-se a necessidade de conhecer os limites do universo, expressando sua idéia de correspondência entre o Macrocosmo e o Microcosmo em diferentes representações simbólicas. Da mesma forma, o homem antigo e o homem medieval baseavam suas construções em símbolos celestiais, conforme esclarece Mircea Eliade (1992, p.20):

> As cidades têm protótipos divinos. Todas as cidades babilônicas tinham seus arquétipos nas constelações: Sippara em Câncer, Nínive na Ursa Maior, Assur em Arcturo, etc. Sennacherib mandou construir Níneve de acordo com a 'forma [...] delineada a partir de eras distantes, pelos textos do paraíso das estrelas'. Não só existe um modelo que precede a arquitetura terrena, mas o modelo também se encontra situado numa região ideal (celestial) da eternidade. É Isso que Salomão anuncia: Tu deste a ordem para a construção de um santuário em tua montanha sagrada, E um altar na cidade de tua morada, Uma cópia do tabernáculo sagrado que preparasse de antemão, desde o princípio.

O estabelecimento dessas relações era algo comum nas construções, principalmente nas cidades que, para o homem, sempre deveriam ter uma planta original vinda do Céu. Outro fator importante nas construções é o simbolismo do centro. As cidades sempre eram construídas como se fossem o "umbigo" (ônfalo) do mundo: "[...] o ônfalo é universalmente o símbolo do centro do mundo. Um número muito grande de tradições supõe que a origem do mundo tenha partido de um

umbigo, de onde a manifestação se irradia nas quatro direções" (CHEVALIER, 1998, p. 659). Não somente as cidades tinham esse simbolismo, os templos também seguiam o mesmo modelo e uma cidade sagrada possuía ligações intrínsecas com a cosmologia estabelecida em cada época. A Jerusalém Celestial foi, sem dúvida, o grande modelo para os grandes templos erigidos em épocas posteriores, inclusive no período medieval.

> As cidades, instaladas no *centro* do mundo, refletem a ordem celeste e recebem sua influência. Pela mesma razão, em certos casos são também as imagens de centros espirituais. Assim, a Heliópolis primordial, *cidade do sol*; Salém, a cidade da paz; Luz, a *amendoeira*, que Jacó denominou *Beith-el*, *a casa de Deus*. O nome Heliópolis evoca naturalmente o simbolismo zodiacal. Lembraremos também que a Jerusalém Celeste possui doze portas (três em cada oriente) que correspondem, manifestamente, aos doze signos, a não ser que sejam as doze tribos de Israel, e que a divisão duodenária também fosse praticada nas cidades romanas e, menos explicitamente, nas hindus. Percebe-se, então, o papel que a Astrologia deve desempenhar na construção das cidades, que refletem os movimentos do Sol, fixando-os, e cujo plano freqüentemente coincide com as posições da Ursa Maior (CHEVALIER, 1998, p. 238).

Pode-se observar que a orientação, com base no plano celeste, foi comum entre os antigos. Esta visão de mundo remetia a uma idéia da Astrologia na qual o mundo inferior seguia a ordem do mundo superior. Ou seja, o homem baseava-se nas orientações dadas pelas posições dos astros no céu. Isto inseria o homem e seu meio na totalidade do universo, fazendo dele uma das peças do grande quebra-cabeça cósmico.

No caso da Astrologia, deve-se entender que tanto esta como a Astronomia eram formas de uma cosmologia. Não havia, na Antigüidade, a idéia de emanação ou

influência planetária[18] desenvolvida, posteriormente, no século II, por Ptolomeu. Os homens apenas faziam analogias entre o Céu e a Terra e tudo o que realizavam cá embaixo tinha uma correspondência com o plano celeste ou divino. Pode-se dizer que havia razão para que os templos seguissem posições astronomicamente precisas. Esta idéia de analogia repercutiu no pensamento de Tomás de Aquino, visto que ele, de acordo com a sua visão de totalidade e de ordem social, procurava compreender os fenômenos que ocorriam na Terra como decorrência do movimento do mundo superior.

Um outro exemplo dessa conexão são as pirâmides do Egito, as quais simbolizavam, na Terra, a grande constelação do Horus (Órion para os romanos), e suas três estrelas principais – Mintaka, Alnilam, Alnitaka – representavam o cinturão do guerreiro[19]. Partindo deste pressuposto, é possível considerar o fato de que, em dados momentos históricos, estudava-se o caminhar dos homens por meio do estudo do céu. Os sacerdotes – sábios – projetavam no céu todos os seus desejos, costumes, comportamentos. Por isso, o estudo da Astronomia antiga e medieval, antes de representar vários símbolos aparentemente míticos ou obscuros, refletem, claramente, os anseios de povos que estabeleciam, mediante uma visão cosmológica, uma íntima ligação com o cosmo.

Algumas construções medievais também seguiram o plano do *simbolismo do centro*. O mundo medievo recebeu a “religião solar” dos antigos e a manteve viva em suas construções. Além disso, os templos góticos procuraram manter uma

---

[18] DE LIBERA, Alain. *Pensar na Idade Média*. São Paulo: Editora 34, 1999, p.247

[19] KRUPP, E. C. *En busca de las antiguas Astronomias*. Madrid: Pirámide, 1989, p.248-256. Esta obra também contém análises, de vários especialistas, das astronomias desenvolvidas em outras regiões, como na Inglaterra e América Central.

correspondência entre o Céu e a Terra, porque suas posições respeitavam os pontos cardeais, elemento fundamental para os templos de origem celeste.

> Podemos acrescentar que o mesmo simbolismo [do centro] sobreviveu no mundo ocidental até o limiar dos tempos modernos. A concepção bastante primitiva do templo como a *imago mundi,* ou seja, a idéia de que o santuário reproduz o Universo na sua essência, passou para a arquitetura religiosa da Europa cristã: as basílicas dos primeiros séculos de nossa era, do mesmo modo que as catedrais medievais, reproduzem simbolicamente a Jerusalém Celestial (ELIADE, 1992, p. 26).

O homem tinha uma visão da natureza, de forma que ele podia se relacionar com todos os elementos de seu meio. A origem do mundo provinha do céu e, ao estudá-lo, o homem encontrava algo que pudesse explicar sua própria origem. Claudio Ptolomeu (1981, p.56) fez menção às regiões da Terra que seriam governadas por determinados signos. O que hoje, por exemplo, conhecemos por Grã-Bretanha, Países Baixos, Alemanha, Itália, Portugal, Espanha relacionavam-se à natureza de Áries, Leão e Sagitário e eram governados por Júpiter e Marte. Assim, observa-se, ao longo de diversas épocas, o desenvolvimento de várias cosmogonias e cosmologias, que expressaram necessidades tanto psicológicas como práticas, para que o homem pudesse buscar um sentido para sua própria existência.

Diante das considerações acima, é possível concluir que o corpo humano poderia ser análogo ao cosmo, ou seja, que cada parte do céu estaria ligada às partes do corpo humano. Desse modo, Áries, o primeiro signo do zodíaco porque demarca o início da primavera, rege, no corpo humano, a cabeça; Touro, como segundo signo, rege a garganta e, assim, sucessivamente até os pés, que são regidos pelo signo de Peixes.

Esta influência celeste no corpo humano era considerada possível para Tomás de Aquino, porém tal influência não atingiria a razão humana. Ao longo deste capítulo, foi desenvolvida a idéia de que a tese de que os astros interferem na vida humana estava fundamentada na própria cosmologia e na concepção de que o homem participava de alguma forma do mundo superior. A idéia de vincular o mundo dos homens ao mundo superior permitia que ele se sentisse cada vez mais próximo de seu criador, além de lhe garantir e ao seu meio um sentido de ordem.

A visão de que o homem é um ser social e pertence à totalidade do universo esteve presente desde a Antigüidade e certamente influenciou, como se verá a seguir, a posição de muitos autores medievais dos séculos XII e XIII.

2 INFLUÊNCIA CELESTE E RAZÃO (SÉCULOS XII E XIII)

> Não nos perguntamos qual o propósito útil dos pássaros cantarem, pois o canto é o seu prazer, uma vez que foram criados para cantar. Similarmente, não devemos perguntar por que a mente humana se inquieta com a extensão dos segredos dos céus [...] A diversidade do fenômeno da Natureza é tão vasta e os tesouros nos céus tão ricos, precisamente para que a mente humana nunca tenha falta de alimento.
>
> Johannes Kepler, *Mysterium Cosmographicum*.[1]

Ao tratar de temas ligados à ciência, ao saber e à filosofia, ressalta-se que os conhecimentos técnicos, a ciência, o saber, enfim, os estudos de uma forma geral desenvolveram-se nessa época no seio da filosofia. Esta ora voltava-se para o homem, como a retórica, a moral, a ética, ora para a natureza, como a física, a matemática, a Astrologia, Astronomia, etc. Por outro lado, ao longo da Idade Média, desenvolveu-se um pensamento filosófico, sempre filtrado pela religião cristã. Este, em alguns momentos, voltava-se mais para assuntos ligados ao homem e seu ambiente social, em outros, a assuntos sobre a natureza e, em outros ainda, ao estudo do universo como um todo. Essa diversidade pode ser observada em Tomás de Aquino, o qual viveu na época do Renascimento do comércio e das cidades e da difusão do pensamento aristotélico, quando houve uma intensificação desse conhecimento filosófico.

Nesse momento, a visão que o homem tinha do tempo e do espaço alterou-se, bem como sua ligação com o meio natural, pois ele passou a conhecer novas regiões e novas culturas, o que levou ao aprimoramento de técnicas ligadas aos

---

[1] Apud SAGAN, Carl. *Cosmos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992, p. 45

conhecimentos que tratavam especificamente da natureza, tais como a Física, a Astronomia e a Astrologia.

Neste capítulo, serão tecidas considerações sobre algumas instituições e autores[2] que contribuíram para o amadurecimento das questões abordadas por Tomás de Aquino acerca da influência dos Corpos Celestes.

2.1 A Filosofia como Base para a Teoria dos Influxos Celestes

O saber científico, astronômico e astrológico medieval recebeu influência direta da Cosmologia e da Astronomia grega. Os estudiosos da Idade Média determinavam a posição dos planetas, demarcavam as estações e usavam esses cálculos para a demarcação do tempo religioso, ou seja, para o C*ômputo Eclesiástico*.

É preciso ressaltar, todavia, que a Astrologia, até fins do século XII, diferentemente do que ocorria na Grécia antiga, não pôde ser praticada com a mesma precisão, pois faltavam elementos que permitissem o cálculo de cartas astrais para fins de prognóstico e estudo de temperamento, como, por exemplo, a trigonometria esférica. Até essa época, permanecia a crença em cometas e eclipses como sinais nefastos da chegada de pestes e guerras[3]. Os cometas eram astros que provocavam certa "desordem temporária" no céu pelo fato de seu movimento não corresponder ao

[2] Não foi possível ter acesso a algumas fontes primárias, como as de Alberto Magno e Roger Bacon, por isso, foram utilizados alguns intérpretes. Por outro lado, teve-se acesso às obras de Tomás de Aquino, que foi o autor que sustentou toda as abordagens desta pesquisa.

[3] Um interessante estudo sobre as idéias escatológicas, anunciadas por cometas e eclipses, pode ser encontrado em: Duby, Georgès. *O Ano Mil*. Lisboa: Edições 70, s/d; FOCILON, Henri. *O ano mil*. São Paulo: Mandacaru, 1989.

curso normal dos planetas e, por isso, foram identificados sempre como algo que poderia trazer malefícios à sociedade.

Havia uma explicação racional para os cometas serem sinais de guerra. Por exemplo, ao passar pelo céu, um cometa aquecia de tal forma o ar que um homem, ao inspirá-lo, teria seu cérebro também aquecido. Isto o levaria a um surto de cólera e, por conseguinte, a uma propensão para a hostilidade, que poderia acirrar ainda mais um conflito que estava propenso a ocorrer.

Os astros poderiam, do ponto de vista do homem antigo e medieval, interferir no corpo humano, e esta crença era normal na concepção aristotélica. A partir do contato com as teorias de Ptolomeu sobre a Astrologia física, que foram difundidas no séc. XII com a tradução do Tetrabiblos, foi possível a elaboração filosófica dessas interferências. Considerando a idéia de que os astros influenciavam os corpos físicos, Tomás de Aquino elaborou uma teoria sobre a função e a importância da Astrologia natural para a formação do homem.

Observa-se que os primeiros passos para uma explicação racional das ações dos homens foram trilhados desde o início da Idade Média, com Agostinho e Boécio, entre outros. Foram estes estudiosos que, indiretamente, permitiram o desabrochar das investigações acerca da natureza no século XIII. Há que se ressaltar, no entanto, que foi a partir do século XII que a Astronomia e a Astrologia medievais receberam importantes contribuições de obras gregas e árabes. O contato com conhecimentos sobre trigonometria esférica facilitou a elaboração de mapas geográficos e um estudo pormenorizado das influências físicas nos corpos inferiores.

É evidente que se tratava de uma perspectiva de ver o mundo e a ciência diferente daquela trilhada e definida pela Igreja, em que a fé suplantava a razão. Assim, uma nova idéia, voltada para a realidade externa, havia de ser instalada nos séculos XII e XIII, permitindo uma aceitação maior, pelos cristãos, da ciência greco-árabe, principalmente a filosofia aristotélica.

Foi com Tomás de Aquino que a cosmologia aristotélica melhor se adaptou à doutrina cristã e, juntamente com ela, à teoria da influência das estrelas no mundo sublunar. O estudo dessas influências instigou o homem a buscar uma causa para todos os fenômenos que observava, possibilitando que a Astrologia tivesse um caráter prático e útil à sociedade.

2.2 A Influência das Obras Greco-árabes

O século XII é marcado pelo que se conhece como Renascimento Cultural e Renascimento Comercial[4]. Foi nesse momento que as obras greco-árabes começaram a chegar no Ocidente latino. Isto deve-se, em grande medida**,** às Cruzadas e às guerras espanholas, que aproximaram o mundo Cristão e o Islão. O conhecimento e, principalmente, a ciência foram inseridos no medievo com muito mais intensidade, sendo, inclusive, importantes vetores para o desenvolvimento do estudo da natureza, ao lado do comércio, das feiras, das corporações.

---

[4] Várias obras gregas chegaram ao Ocidente medieval por meio dos tradutores e comentadores árabes. Isto foi possível devido à expansão do comércio e das cidades que possibilitou o contato com a cultura árabe. O século CII é considerado um momento de retorno de obras fundamentais, não só para a filosofia, mas principalmente para a ciência. Ver: KUHN, Thomas. *A Revolução Copernicana*, Lisboa, Edições 70, 1990; NUNES, Ruy Afonso da Costa Nunes. *História da educação na idade média*. Op. cit.

> Aristóteles está inteiramente disponível: a Metafísica, De anima, o De Caelo, a Física, os escritos naturais e biológicos. Avicena o precedeu em alguns anos. Averróis o acompanha. Em cerca de trinta anos os latinófonos devem assimilar o que os muçulmanos levaram mais de três séculos para construir.(DE LIBERA, 1998, p.308).

As obras de Aristóteles sobre as ciências naturais passaram a ser adotadas como fundamento para o estudo dos fenômenos da natureza. Pensadores como Alberto Magno e Tomás de Aquino encontraram nelas um recurso teórico para aprofundar seus conhecimentos acerca do corpo humano, dos animais, dos fenômenos naturais, entre os quais o movimento das esferas celestes. Os livros de Física e Biologia levaram os estudiosos a se dirigir e se dedicar com mais atenção ao estudo do mundo sensível, do mundo material. Este movimento permitiu o desenvolvimento do método experimental, como se verá em Roger Bacon.

A ciência matemática árabe contribuiu muito para o comércio, da mesma forma que as obras de Astronomia, medicina e trigonometria foram importantes para o conhecimento do homem no século XIII. A tradução e introdução, no Ocidente, de obras de Ptolomeu, Avicena (980-1037), Hipócrates (460-? a.C), Galeno (130-200) foram importantes para demarcar o novo formato do saber cristão. As artes liberais passaram a contar com novos textos e, com isso, o conhecimento se ampliou. Na Astronomia, por exemplo, até então se conhecia, basicamente a obra de Johannes de Sacrobosco, o de *Sphaera*[5]**,** utilizada nos primórdios do século XIII, que era a base dos estudos de Astronomia. A partir de então, esse ramo do saber foi enriquecido com essas obras. O conhecimento filosófico medieval (incluindo-se as

[5] SACROBOSCO, Johannes. *Tratado da esfera*. Tradução de Pedro Nunes; introdução e notas de Carlos Ziller Cameniezki. São Paulo: UNESP: Nova Stella; Rio de Janeiro: MAST, 1991.

ciências naturais) passou a adquirir um novo contorno e a razão passou a ser a base para a compreensão, inclusive, dos mistérios divinos.

> Durante o século XII o sistema de numeração hindu penetrou aos poucos no Ocidente, juntamente com a contribuição dos árabes sobre a alquimia, a magia, a Astrologia. Os árabes não tinham intenção meramente teórica no campo da ciência, mas visavam ao domínio da natureza e daí a importância que deram à alquimia que lhes permitiria descobrir "o elixir da vida longa, a Pedra Filosofal, o Talismã, a Fórmula do poder e as propriedades mágicas das plantas e dos minerais". Uma vez que eles achavam as causas "ocultas" capazes de produzir fenômenos físicos, não faziam distinção entre as ciências da natureza e a magia ou o ocultismo. (NUNES, 1979, p.193).

O mundo cristão deparava-se, assim, com um conhecimento novo e evidenciava-se a necessidade de adaptá-lo à doutrina das Sagradas Escrituras. As obras de Astrologia e Alquimia que floresceram no Ocidente demarcaram os primeiros pilares do pensamento científico medieval. A teoria dos influxos dos astros complementaria os estudos experimentais de Alberto Magno e Roger Bacon sobre determinadas influências nos metais e no mundo natural de uma forma geral.

As causas "ocultas" ou invisíveis que haviam despertado o interesse dos muçulmanos, também se tornaram assunto dos pensadores cristãos, desde que as forças celestes, emanadas de Deus, fossem consideradas como causas ocultas. Os mistérios da natureza passaram a ser pesquisados à luz da influência dos planetas e de sua luz, por meio da Astrologia e da ótica. Embora estas disciplinas tenham sido ligadas à medievalidade, considerada pelos renascentistas[6] como uma época envolta numa névoa escura e com conteúdo obscurantista, até o século XVII a

[6] Não se quer aqui julgar os renascentistas e nem tampouco entrar nesse debate. Todavia, vale destacar que a concepção que os renascentistas apresentaram da Idade Média estava inserida na luta política travada pela e para a implantação do mundo moderno. Assim, o retrato que os homens

Astrologia e a Alquimia exerceram uma influência significativa na sociedade. (THUILLIER, 1994).

Como, entre os séculos XII e XIII, foi construído um novo contorno para a educação e o conhecimento, uma breve análise das idéias de Abelardo, Hugo de São Vítor, Alberto Magno e Roger Bacon, pilares importantes do pensamento científico medieval, trará mais elementos para se discutir a posição de Tomás de Aquino sobre a Astrologia.

O primeiro é Pedro Abelardo (1079-1152), um importante filósofo do alvorecer da cultura medieval, conhecido por aplicar o recurso da dúvida em suas aulas de lógica, em meio às reformas nos currículos das letras e das ciências[7]. Abelardo foi discípulo de Guilherme de Champeaux e de Roscelino e lecionou em Paris. Seguindo os ditames de Anselmo[8], Abelardo dizia que era pela razão que se chegava às verdades de Deus. A razão não era perigosa para a fé, ao contrário, favorecia os estudos teológicos e esclarecia os mistérios revelados. Em virtude disso, foi acusado por São Bernardo de ser um "segundo Aristóteles" (ZILLES, 1996). Na obra *Sic et Non*, Abelardo põe a dúvida como recurso para se alcançar o entendimento da fé: "entre um padre que disse sim e um outro que disse não, competia à razão (à autoridade da razão) decidir sobre tais antinomias e contradições" (ZILLES, 1996, p.109). Embora tenham sido uma inovação, seu método de análise e sua lógica intensificaram inicialmente os estudos de Teologia e, posteriormente os estudos

---

do século XVI, XVII fizeram da Idade Média é válido e histórico para aquela época, mas não o é para esta.

[7] Para uma introdução ao pensamento de Pedro Abelardo ver: ZILLES, Urbano. *Fé e razão no pensamento medieval*. *op. cit*. Para um estudo da filosofia do século XII ver: GILSON, Etienne. *A filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 315.

[8] Santo Anselmo dedicou-se a questão da Filosofia e da Teologia, a união entre Fé e Razão, no século XI.

filosóficos. A aplicação da razão aos assuntos mundanos estava mais presente e explícita.

Já em Tomás de Aquino, devido às transformações sociais ocorridas no século XIII, como se tratou há pouco, fé e razão eram consideradas fundamentais para a compreensão dos mistérios da criação, ou seja, da obra da Natureza. Todavia, é indiscutível que as primeiras questões colocadas por Abelardo sobre o conhecimento filosófico e teológico deram base para as novas discussões sobre fé e razão no século XIII.

É nesse sentido, o da razão, que a teoria da influência dos corpos celestes na vida humana e na natureza passou a ser analisada por Tomás de Aquino. Esta união entre Filosofia e Teologia deve-se muito ao seu trabalho, pois, ao colocar a Teologia como ciência, ele pôde comentar as escrituras de modo que a fé católica não fosse abalada pela filosofia aristotélica. De certa forma, a Astrologia poderia abalar a fé católica caso se mantivesse a idéia de que os astros interferiam no livre-arbítrio.

Também os comentários de Tomás de Aquino sobre a influência planetária foram um sinal da conciliação entre fé e razão. Pode-se mesmo inferir que a Astrologia sobreviveu até o Renascimento devido às considerações feitas por ele. Como se disse anteriormente, a Astrologia estava de acordo com as concepções do universo medieval; o que Aquino fez foi delimitar seu campo de ação, relacionando-a ao estudo da influência celeste nas coisas corpóreas, conservando, desta forma, a idéia de uma harmonia entre o Macrocosmo e o Microcosmo.

Esta sua visão de harmonia esteve ligada ao estudo das artes liberais, que passaram por uma reforma depois da expansão cultural. Novas questões começaram a ser discutidas. No *Quadrivium*, por exemplo, a Física de Aristóteles foi matéria estudada nas disciplinas de Astrologia e de Astronomia. O programa das artes liberais era essencial para que o aluno pudesse estudar Direito, Medicina e Teologia. Porém, ao lado dessas artes, havia técnicas paralelas, que se referiam mais ao conhecimento prático dos homens e não, essencialmente, à sua formação básica, ou seja, à formação filosófica, como as artes liberais.

A expansão comercial passou a exigir conhecimentos de navegação e matemática e os currículos escolares deveriam se adaptar às novas exigências impostas por estas transformações. Nota-se, assim, que havia necessidade de uma nova educação para o homem medieval, visto que surgiam novas artes para serem estudadas e aplicadas no cotidiano

Percebendo a necessidade de se adotar novas técnicas para as formas de trabalho que estavam surgindo, Hugo de São Vítor[9] (1095-1141) propôs uma outra divisão de saberes. Ao lado das sete artes liberais, haveria sete artes mecânicas. A filosofia pertenceria a toda e qualquer arte, pois era o corpo teórico que sustentava as práticas científicas.

Hugo de São Vítor (2001, p.79).deixou claro, em relação à Astronomia, que os homens sabiam dos ritmos dos tempos e que a observação deu forma à arte. Defendia que as artes somente surgiram porque havia uma demanda e que elas

[9] Sobre Hugo de São Vítor pode-se consultar: DUBY, Georgès. *As três ordens ou o imaginário do feudalismo*. Lisboa: Estampa, 1982, p.267; GILSON, Etienne. *Filosofia na Idade Média*. *op. cit*. BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. *História da filosofia cristã*. Desde as origens até Nicolau de

foram criadas para que o homem desse um nome à atividade que já praticava, ou melhor, para que seu conhecimento pudesse ser organizado. Para Hugo de São Vítor, as artes não eram simplesmente teóricas, mas baseadas na prática, no conhecimento realizado pelo homem. Ele dividia as artes mecânicas da seguinte forma:

> A mecânica contém sete ciências: ciência da lã, ciência das armas, navegação, agricultura, caça, medicina, teatro. Destas, três dedicam-se à proteção externa da natureza humana, de modo que esta natureza se protege dos incômodos, e quatro à proteção interna, pela qual a natureza se nutre, crescendo e curando-se. Trata-se de uma semelhança com o trívio e o quadrívio, porque o trívio trata das palavras exteriores, e o quadrívio dos conceitos que são concebidos no íntimo (HUGO DE SÃO VÍTOR, 2001, p. 111).

Era necessário, para que a *ciência* e todo o seu instrumental tivessem uma utilidade, um novo corpo de disciplinas. Essa nova função do conhecimento fica clara em umas das questões tratadas por Hugo de São Victor. De acordo com a sua concepção, a arte mecânica da agricultura, embora atividade exercida por camponeses, deveria ser investigada e estudada em sua base pelos filósofos. A estes últimos caberia a função de entender e melhorar as técnicas da agricultura e ao campônio, a atividade de lavrar a terra. Dessa forma, ele não limitou a filosofia aos clérigos, mas estendeu-a aos camponeses na medida em que ela permitiria maior produção e mais facilidade no trabalho. Vê-se, assim, como a Filosofia e no seu seio a ciência, aproximava-se cada vez mais do povo. A aproximação da filosofia em direção das camadas populares exigiu, de certa forma, uma nova educação das pessoas.

Cusa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982, p.334 348; De LIBERA, Alain.. *Filosofia medieval*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 313-319.

Assim, ante as novas exigências da sociedade, os currículos das faculdades de Artes foram modificados. Como já foi dito, a expansão dos feudos exigia também novos conhecimentos técnicos para garantir o desenvolvimento social e econômico.

> A divisão de Hugo (o grande mestre da Escola da Abadia de São Vitor, fundada por Guilherme de Champeaux) denota a atenção com que a filosofia cuidava dos progressos que ocorriam, fora de seus muros, em seu tempo. Assim que se desenvolviam novas "artes", elas eram acrescentadas naturalmente ao gênero "filosofia". Obedecendo a esta dinâmica, a tendência da "ratio" medieval era expandir-se para além das fronteiras da dialética e de sua aplicação acadêmica e teológica." (SPINELLI, 1990, p.120).

A expansão da filosofia para além das fronteiras da teologia significou que o próprio conhecimento estava passando por novas abordagens e trilhando caminhos diferentes dos até então trilhados pelos homens medievais. A Filosofia, com o estabelecimento do aristotelismo, tornou-se a única via para a pesquisa sobre as coisas naturais e os problemas da sociedade. Na obra de Hugo São Vítor, percebe-se a clara influência da cosmologia grega, especialmente aristotélica. O universo de Hugo São Vítor, como representante do mundo medieval, estaria exposto da seguinte forma:

> Em razão dessas diferenças os matemáticos dividiram o mundo em duas partes: uma que fica acima da órbita de lua, e outra que fica debaixo dela. E chamaram "natureza" o mundo supralunar, porque lá todas as coisas subsistem em virtude de uma lei primordial, e chamaram o mundo sublunar de "obra da natureza", isto é, obra da parte superior, porque todo o gênero dos viventes, que no mundo sublunar são fortificados pela infusão de um espírito vital, recebem das essências superiores o alimento infuso através de percursos invisíveis, para que não somente nasçam e cresçam, mas também se alimentem e evoluam. E também apelidaram àquele mundo superior de "tempo", por causa do curso e do movimento das estrelas que lá se encontram, e chamaram o mundo inferior de "temporal", porque se move segundo os movimentos do superior. Igualmente, nomeavam o mundo supralunar de "elísio", em virtude da perpétua tranqüilidade de luz e paz, e nomearam o mundo inferior de "inferno", devido à inconstância e à confusão das coisas que mudam. (HUGO DE SÃO VÍTOR, 2001, p. 65).

Esta divisão do mundo, presente no cosmo de Aristóteles e de Ptolomeu, permitiu que Hugo de São Vítor considerasse o que estava acima da esfera da Lua como a perfeição. Assim, as coisas que estavam abaixo deveriam atingir essa perfeição. O fato de considerar o mundo supralunar como natureza permitiu que a origem de toda a criação, ou seja, Deus, fosse colocada para além das esferas celestes. Deus tornou-se responsável direto por todas as coisas que aconteceriam tanto na natureza como em sua obra. Essa mesma hierarquia entre os mundos supralunar e sublunar transformou a Astrologia numa disciplina capaz de explicar a ordem cósmica e seus efeitos.

Os matemáticos, aos quais se referia Hugo de São Victor, eram os astrólogos e a cosmologia remetia às idéias de Aristóteles sobre a geração e a corrupção dos corpos, como foi visto no capítulo anterior. Sua definição de natureza foi a base para os filósofos do século XIII, para quem o “temporal”, ou seja, o mundo dos homens, era compreendido a partir do “ tempo” divino.

A crença era que, na Natureza Celeste – para Hugo São Vitor apenas Natureza –, nada era mutável; apenas no mundo sublunar é que as coisas sofriam alterações. Logo, estando a Terra parada, como confirmava a Sagrada Escritura, era inadmissível aceitar que ela se movesse. Por exemplo, se a Terra fosse considerada móvel, ela deveria também participar da imutabilidade da Natureza, ou seja, ou a Terra seria imutável, o que era impossível para um teólogo, ou a Natureza Celeste seria mutável, outra idéia que era condenada como herética pela Igreja. Estando a Terra na posição de um planeta como os demais, ela poderia também ser causa dos movimentos celestes, ou seja, poderia influenciar os outros planetas da mesma

forma que eles influenciavam a Terra, pois estaria se movendo também. Assim, a Natureza Celeste deixaria de ser causa das mutações na Terra e não haveria mais o mundo sublunar e supralunar. Não haveria um mundo perfeito e imutável superior ao mundo dos homens, mas ambos seriam imperfeitos e, com isso, não haveria os corpos e as almas superiores como ordenadores do mundo, o que afetava a própria visão de Deus todo poderoso. Dessa forma, se a Terra fosse considerada um planeta, porque se move como os demais, seria considerar a Terra perfeita, o que era impossível, por causa dos erros dos homens e pelas desordens sociais, as quais os teólogos presenciavam.

Nessa linha de raciocínio, se o mundo supralunar fosse corruptível como as coisas do mundo sublunar, este poderia interferir diretamente em Deus. Aceitar a mutabilidade da Natureza Celeste implicava afirmar que a Terra, como centro do mundo (Sistema Geocêntrico), seria efeito ou obra da criação e da força de Deus. Sob o universo ainda fechado, o próprio do Feudalismo (KOESTLER, 1989), Bacon desenvolveu as pesquisas experimentais sobre a Luz e sobre o universo, e que Hugo de São Vítor tinha proposto como conteúdo das artes mecânicas. Devido a essas mudanças, um novo olhar se lançou sobre o estudo da Natureza e dos fenômenos no mundo sublunar.

Entender a forma de interferência da Natureza Celeste no mundo temporal foi um dos papéis exercidos pela razão escolástica e pela ciência do século XIII. Tomás de Aquino, principalmente, considerou as esferas celestes como responsáveis pelas mutações ocorridas nos corpos em movimento do mundo sublunar, demonstrando, assim, a influência da concepção cosmológica de Hugo de São Vítor.

Conforme Hugo de São Vítor (2001, p.65), o homem recebia das influências superiores (que eram os corpos celestes) o alimento necessário não só para seu crescimento, mas para o aprimoramento de sua alma. Ele entendia que esse alimento, trazido por forças invisíveis, provinha dos corpos celestes; assim, o estudo da Astrologia seria importante para compreender o processo e a qualidade dessas substâncias importantes para o corpo.

O intelecto humano não sofreria essas influências por não possuir movimento. Desta forma, a mente humana estaria livre dessas interferências. O corpo do homem receberia os influxos celestes por estar em movimento, mas a mente continuaria livre para receber apenas a orientação da razão e buscar o entendimento sobre Deus. Nesse aspecto, percebe-se que o querer entender as forças da natureza estimulavam o surgimento de algumas bases da ciência moderna. Por outro lado, há que se considerar que as transformações ocorridas na sociedade exigiam os estudos sobre o “tempo”, ao passo que o mundo do medievo era considerado como reflexo da natureza imutável. Nestas transformações estaria a origem da preocupação de Hugo de São Vítor sobre as influências celestes. Serão apresentadas, a seguir, considerações sobre a astrologia e a Astronomia.

Hugo de São Vítor, como foi dito anteriormente, procurou diferenciar a ciência da Astronomia e a ciência da Astrologia. Para ele, a Astronomia media a posição e o curso dos astros e a Astrologia estudava os influxos que provinham dos corpos celestes [astros]. Ressaltava que a parte da Astrologia dedicada a prever o futuro dos homens era considerada superstição, estando, dessa forma, condenada pela fé cristã.

> A Astrologia, por sua vez, considera os astros em seu influxo sobre o nascimento ou a morte ou qualquer outro evento, influxo que é em parte natural e em parte supersticioso, tal influxo é natural sobre a complexão dos corpos, os quais variam de acordo com o ritmo dos corpos superiores, como é o caso da saúde, da doença, tempestade, estiagem, fertilidade e esterilidade; mas esse influxo é supersticioso com relação às coisas contigentes ou que dependem do livre-arbítrio. (HUGO DE SÃO VÍTOR, 2001, cap 20, p. 99)

A Astrologia era a via que os estudiosos da natureza utilizavam para entender o mistério do cosmo. Para Lynn Thorndike (apud ROSSI, 1992), a Astrologia foi aceita como uma lei universal da natureza e, portanto, era considerada uma ciência dos fenômenos do mundo natural. Ainda de acordo com esse autor, foi, principalmente, durante a escolástica que este saber esteve mais vinculado à formação do homem e de sua educação. É nesse sentido que Hugo de São Vítor conferia à Astrologia o sentido científico, por meio da qual se podia verificar a que tipo de influência o corpo do homem estaria submetido num dado momento.

O homem, para Hugo de São Vítor**,** descendia da natureza – do céu, do mundo supralunar – e todas as suas manifestações poderiam ser explicadas por meio do estudo do mundo superior. Na Terra, ele era apenas um reflexo do cosmo. Devido a esta concepção, Hugo de São Vítor denominava as artes como mecânicas ou "adulterinas"[10] e afirmava que o homem não era a natureza, mas apenas um produto seu, que a imitava.

No próximo item deste capítulo vamos demonstrar como, na arquitetura medieval, transparece o que se estabelecia entre o homem e a natureza celeste. A educação

[10] Hugo de São Vítor "impôs a etimologia adulterina das artes mecânicas, signo da desvalorização do trabalho manual no espírito dos primeiros pensadores escolásticos." Cf.:DE LIBERA, Alain. *Pensar na Idade Média*, *op. cit*., p.318.

do homem medieval era realizada de forma que ele compreendesse sua vida como sendo vinculada à natureza, a qual era vista como algo sagrado. As construções do mundo medieval eram uma maneira de demonstrar a realidade divina na Terra. As catedrais representavam os vários elementos que compunham a sociedade. Por meio de seus vitrais, por exemplo, era possível verificar sinais da cosmologia da época e das atividades em que o homem estava envolvido, além de representar o poder de Deus na Terra.

2.4 A Influência da Cosmologia na Arte e na Cultura do Século XIII

Pode-se dizer que o século XIII foi importante para o desenvolvimento do saber e da razão, porque, nesse período, as obras de Aristóteles fizeram-se mais presentes nos currículos medievais, graças, sobretudo, a dois principais centros de tradução: Toledo e Sicília[11].

As ciências naturais, como a Física, tinham sido proibidas anteriormente porque colocavam em questão a própria doutrina cristã. Entretanto, em Abelardo e em Hugo de São Vítor, observa-se já uma adaptação às novas questões que chegavam ao Ocidente. A forma com que esses autores trataram os novos textos de filosofia grega permitiu que fosse elaborada uma nova concepção de mundo que, aos poucos, juntamente com outros fatores, deu origem à corporação dos *universitas*. Esta, por sua vez, herdou parte das discussões de Abelardo, por exemplo. A dúvida posta por ele sobre as escrituras, a partir da dialética aristotélica, e a divisão das artes mecânicas propostas por Hugo de São Vítor refletiam uma necessidade da própria

---

[11] Conforme: NUNES, Ruy Afonso da Costa. *História da educação na Idade Média, op. cit*., p. 191.

sociedade. Ao estudar os textos de lógica e ciência aristotélica, pretendiam que o conhecimento fosse cada vez mais aprimorado.

Este cenário de transformação social refletiu-se na arte medieval, principalmente na construção das catedrais e das cidades. Estas eram símbolos do desenvolvimento e dos novos conhecimentos adquiridos pelos homens e são um exemplo significativo da união dos saberes técnicos com a fé cristã. A construção das catedrais góticas, além de demarcar o poder que a Igreja exercia sobre a sociedade, indicava, por meio de seus vitrais, as principais atividades humanas[12], vinculadas, principalmente, ao trabalho e à oração.

As catedrais também mantiveram os símbolos astrológicos e astronômicos incrustados em suas paredes, principalmente nos tímpanos, revelando que estas disciplinas faziam parte do cotidiano dos homens e que o conhecimento que elas forneciam era de utilidade para o labor diário. O plano em que estava inserida a sociedade medieval foi exposto nas imperiosas construções góticas.

> A iconografia das catedrais é a expressão da cultura urbana: a vida activa e a vida contemplativa buscam ali um equilíbrio estável; as corporações adornam a igreja com vitrais, ali se exibe o saber escolástico. Em redor da cidade, as igrejas dos campos reproduzem com menor felicidade artística e com recursos materiais muito mais limitados a planta da catedral da cidade-modelo ou um dos seus elementos mais significativos: o campanário, a torre, o tímpano. Feita para alojar um povo novo, mais numeroso, mais humano e mais realista, a catedral não deixa de recordar-lhe a vida rural, próxima e benfazeja. O tema dos meses do ano, quadro dos trabalhos rústicos, continua a ser um dos ornamentos tradicionais da igreja da cidade. (LE GOFF, 1983, p.113).

[12] Conforme a excelente análise de: PANOFSKY, Erwin. *Arquitetura gótica e escolástica*. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p.31.

As construções góticas, além de serem reflexos da estrutura social, mantinham uma estreita ligação com o sistema cosmológico da época. O Macrocosmo e o Microcosmo estavam inseridos no corpo da catedral. A igreja era construída de uma maneira em que o cristão, ao entrar pela porta oeste, estaria a caminho do altar no sentido do oriente, ou seja, da Jerusalém Celeste, berço de Jesus Cristo. O homem cristão do medievo, de certa forma, estaria buscando a própria salvação. Esta idéia está ligada aos conceitos cosmológicos e cosmogônicos dos antigos, como vimos no capítulo anterior. As igrejas representavam o corpo de Cristo na Terra e, desta forma, traziam a Natureza para os homens, conciliando a Fé e a Razão, o mundo supralunar com o mundo sublunar, o macro e o microcosmo.

Nas catedrais, a abóbada simbolizava o céu e sua posição, orientada para os pontos cardeais, indicava que o templo conectava o homem ao divino. O templo, portanto, além de representar o poder da Igreja, permitia que as pessoas se aproximassem, um pouco mais, da criação divina. Isto porque a natureza era vista como algo sagrado e o homem, uma representação da imagem de Deus na Terra:

> Todas as igrejas têm a sua ábside virada para sudeste e a sua fachada para noroeste, enquanto os transeptos, formando os braços da cruz, estão orientados do nordeste para o sudoeste. Trata-se de uma orientação invariável, de tal maneira que fiéis e profanos, entrando no templo pelo Ocidente, caminhem em direcção ao santuário, a face voltada para o lado onde o sol se ergue, na direção do Oriente, a Palestina, berço do Cristianismo. Saem das trevas e dirigem-se para a Luz. (FULCANELLI, 1986, p.59).

As catedrais, além desse simbolismo cosmológico, apresentavam alguns símbolos diretamente ligados à transmutação do homem[13]. Ou seja, o homem medieval,

[13] A Alquimia foi o saber que se ocupou da arte da transmutação da vida, que era simbolizada pela transformação de chumbo em ouro. Para uma introdução ao estudo da Alquimia pode-se recorrer, inicialmente, a: HUTIN, Serge. *A alquimia*. São Paulo: Moraes, 1992;_____.*A tradição alquímica*. A pedra filosofal e o elixir da longa vida. São Paulo: Pensamento, s/d; BERNARD, Roger. *Descobrindo*

atravessando o templo em direção ao altar, estaria chegando ao encontro de sua própria salvação, o que poderia significar a própria noção de que o homem era um ser racional e que tinha condições de rever seus erros e se redimir. Vê-se, assim, a importância de representar, no mundo sensível, a realidade inteligível, porque era desta forma que o homem adquiria seu conhecimento. Isto estava presente na forma da catedral, que representava o corpo do homem - do Cristo.

> O templo representa portanto, em primeiro lugar, o Corpo do Cristo. Este simbolismo –absolutamente independente do plano cruciforme, convém não esquecer – foi, no entanto, magnificamente valorizado por essa forma arquitectónica. É uma concepção muito antiga, tanto no Oriente, por exemplo, em Máximo, o Confessor, como no Ocidente. No seu *Espelho do Mundo*, Honório de Autun, estabelece as seguintes correspondências: o coro representa a cabeça de Cristo; a nave, o corpo propriamente dito; o transepto, os braços e o altar-mor o coração, ou seja, o centro do ser. Por seu turno, Durand de Mende escreve: " A disposição da igreja material representa o corpo humano, porque o cancelo, ou o lugar onde se encontra o altar, representa a cabeça, e a cruz de uma e outra parte os braços e as mãos. Por fim, a outra parte, que se estende desde o Ocidente, representa todo o resto do corpo". (HANI, 1998, p.49).

A prática de simbolizar o sagrado permitiu que o homem pudesse desenvolver, cada vez com mais perspicácia, teorias que permitissem um maior entendimento do mundo. À medida que o homem simbolizava o Macrocosmo no Microcosmo, ele sentia-se cada vez mais próximo do entendimento de sua própria origem ou pelo menos sentia que algo poderia ordenar sua vida[14].

---

a alquimia. São Paulo: Pensamento, s/d; GOLDFARB, Ana Maria. *Da alquimia à química*. Um estudo sobre a passagem do pensamento mágico-vitalista ao mecanicismo. 2 ed. São Paulo: Edusp, 1987; CARVALHO, Rómulo. *A ciência hermética*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1996; GREINER, Frank. *A alquimia*. São Paulo: Unimarco, Loyola, 1994. Para um estudo sobre Alquimia e Psicologia (símbolos alquímicos presentes no inconsciente coletivo) ver as excelentes pesquisas de: JUNG, Carl G. *Psicologia e alquimia*. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994; FRANZ, Marie-Louise von. *Alquimia*. Introdução ao simbolismo e à psicologia. São Paulo; Cultrix, s/d. Sobre uma análise da Alquimia para uma relação entre a Alquimia e a religiosidade ver: ELIADE, Mircea. *Ferreiros e alquimistas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

[14] Ervin Panofsky (1991) faz um estudo sobre a arquitetura gótica e a escolástica, importante para quem estuda tanto a arte quanto a filosofia escolástica Ele não se atém à cosmologia e nem à

Ao mesmo tempo em que as catedrais simbolizavam a união dos saberes técnicos com a fé cristã, ocorriam modificações no campo “científico”. O auge da “ciência medieval” aconteceu no século XIII, com as teorias de Aquino e com as experiências de Bacon. Antes disso, porém, os pensadores medievais já se voltavam para o estudo mais aprofundado da natureza. As obras de Aristóteles já estavam gerando uma ruptura com o saber da primeira Idade Média, baseado, por sua vez, na teoria de Platão sobre as inteligências superiores e sobre a aquisição de conhecimento por meio da iluminação interior. A recuperação e tradução das obras de Aristóteles trouxe um desenvolvimento significativo para a ciência natural, pois tratavam de questões que envolviam a prática do homem, na construção de casas e de barcos, na agricultura, na arte, e o estudo do movimento dos planetas e das transformações que os elementos do mundo sublunar sofriam. Além disso, colocava-se a necessidade de explicações mais precisas sobre a própria teoria aristotélica. Devido a essas aplicações, teriam ocorrido, segundo Gilson (2001, p. 479), avanços significativos[15] nesse campo científico.

> Acrescentemos a isso que a física de Aristóteles, ainda que adulterada com neoplatonismo, trazia um jogo de conceitos e de princípios tão flexíveis e fecundos para a explicação das coisas naturais, que ninguém se resignava facilmente a renunciar a ela. Essa física podia ser inquietante ou, a principio, difícil, mas, na verdade, era a única física sistemática que existia. Pela primeira vez, e de um só golpe, os homens da Idade Média se encontravam em presença de uma explicação integral dos fenômenos da natureza. Os conceitos fundamentais que embasavam essa explicação, eles encontravam em vários tratados de Astronomia, de física e de medicina, cuja difusão era impossível deter e cuja plena inteligência só eles permitiam. Notemos enfim que, se era proibido ensinar o erro, não o era combatê-lo, e que, para tanto, era preciso conhecê-lo e dá-lo a conhecer.

Astrologia ou a alquimia, mas discute de que forma a construção das catedrais foi influenciada pelo pensamento da escolástica.

[15] O que possibilitou a pesquisa experimental anunciada por Bacon.

É necessário destacar que esse desenvolvimento científico ocorreu no bojo do saber escolástico, o qual, por sua vez, nasceu justamente da necessidade de entender as sagradas escrituras e os mistérios da natureza com o auxílio da razão. É importante destacar que o acesso aos livros era restrito, além de serem dispendiosos, o aluno poderia adquirir um por intermédio de um copista. Basicamente, os estudos eram iniciados com a leitura do texto (a *lectio*) e depois se passava para a discussão das questões, a *disputatio*. Diante da exposição de um texto, as questões instigavam outras questões e a prática da *disputatio* tornou-se constante, que mestres e alunos passaram a fazê-las nos centros de estudo. Este procedimento levava os alunos a pensar, a se envolver em polêmicas e a resolver os problemas que se apresentavam à vida.

Desta forma, a escolástica incentivou o homem a se inserir em seu meio e a pensar e entender as relações sociais que direcionavam sua vida. O uso sistemático da dialética, da dúvida, foi importante para que a filosofia pudesse desenvolver uma forma de usar a razão nos estudos e nas pesquisas[16] e, por conseguinte, para que as obras filosóficas gregas fossem estudadas sistematicamente. O estudo das ciências naturais esteve presente no currículo das artes liberais e provocou grandes discussões entre grupos de mestres e estudantes. Grandes pensadores, como Roger Bacon, Alberto Magno e Tomás de Aquino, estiveram entre eles. Como se disse anteriormente, a Astrologia era a última arte do *Quadrivium* e sua característica era vincular o espaço, o tempo e a harmonia do universo como um

[16] De acordo com Koyré (1982, p.22), os escolásticos foram importantes para a educação filosófica no Ocidente e por retomarem os estudos filosóficos da antiguidade: “Sem embargo das aparências, há uma verdadeira e profunda continuidade entre a filosofia medieval e a filosofia moderna. Descartes, Malebranche, Spinoza e Leibniz, muitas vezes, não fazem senão continuar a obra de seus predecessores medievais”.

todo. Neste caso também, a escolástica propiciou aos estudantes o estímulo do espírito investigativo, levando-os a olhar mais para a realidade externa e a procurar compreender o mundo racionalmente, por meio de seus sentidos. A questão da razão, defendida pelos escolásticos, fez com que a Astrologia se caracterizasse ainda mais como meio de investigar a natureza, promovendo importantes discussões no seio da universidade.

Observa-se que o ensino da Astrologia nas universidades foi fundamental para uma maior sistematização do saber e para uma abertura a novas pesquisas sobre a influência da natureza na vida humana. A Astrologia e a Astronomia fizeram parte dos currículos das universidades, principalmente na Faculdade de Artes de Paris. A Astrologia, em especial, influenciou profundamente os estudos de medicina. Os médicos medievais, por exemplo, não seriam considerados doutos se não soubessem analisar o céu de nascimento do enfermo. Assim, provavelmente, foi nas universidades que a Astrologia teve seu maior mérito[17].

A criação das universidades medievais foi um dos resultados das transformações sociais ocorridas a partir do século XII, assim como a expansão comercial, as mudanças na relação Estado e Igreja, as corporações de ofício que deram uma nova direção para o trabalho, etc. O século XIII foi, de acordo com Nunes (1979), a “época de ouro” das universidades, lembrando que este termo não indica um conjunto de faculdades, mas a associação de pessoas de várias regiões com a finalidade de estudar as Artes, a Medicina, a Teologia e o Direito.

[17] Há que se ressaltar que disciplina só foi retirada dos currículos das universidades na França em 1666.

Nesse período, havia necessidade de homens de saber, “letrados”, que pudessem cuidar, inclusive, dos negócios da Igreja, dos leigos e dos dirigentes. De acordo com o historiador Jacques Verger (1999), a transformação das antigas escolas em universidades deve-se a vários elementos, não sendo uma simples força intelectual sobrepondo-se a outra. As crises nas antigas escolas, a reivindicação dos direitos dos alunos fizeram com que estes passassem a se reunir em locais onde pudessem discutir suas idéias e conceitos. Inclusive a contratação de professores ficava sob sua responsabilidade. A *Universitas* era um sinal de avanço, tanto no ensino, como no desenvolvimento da ciência medieval.

Duas importantes universidades destacaram-se no século XIII, a Universidade de Paris e a de Oxford. Nestas duas corporações, figuraram três pensadores importantes para esta pesquisa, Alberto Magno, seu discípulo Tomás de Aquino e o franciscano Roger Bacon. Eles investigaram uma infinidade de questões e, dentre elas, temas ligados às influências astrais e à sua importância para o estudo da natureza.

De acordo com o historiador das ciências Robert Lenoble (1990), cada época histórica teve sua idéia de natureza. Na Idade Média, predominava a idéia de universalidade, em que todos os elementos da natureza estavam interligados, como defendia a própria cosmologia ao sustentar que o mundo inferior estava ligado ao mundo celeste.

> Desde o século XII, a que prevaleceu [a idéia da natureza] formou-se sob a influência da Escolástica, que tem a sua física, a sua moral, a sua fé. E sabemos que toda a idéia de Natureza pressupõe, com efeito, uma complexa aliança de elementos científicos (o que são as coisas?), morais (que atitude deve tomar o homem perante o

> mundo?), religiosos (a Natureza é o todo ou é a obra de Deus?). Distintos ao nível da ciência livresca, estes elementos fundem-se na afectividade que domina uma época, inspiram uma forma de arte: A Natureza é também o tesouro dos poetas. (LENOBLE, 1990, p. 202).

De acordo com Lenoble, autor contemporâneo que analisa os séculos XII e XIII, a natureza passa a ser objeto de investigação dos sábios e dos poetas, e a sociedade volta-se para a natureza.

Os autores citados basearam suas pesquisas nesta ótica, seus olhares estavam voltados para a compreensão da Natureza e de seus reflexos na vida humana. Suas investigações foram as vigas mestras do desenvolvimento do conhecimento técnico e científico no século XIII. A visão que o estudioso medieval tinha da natureza fundamentava suas buscas mais elementares para o entendimento dos fenômenos que o cercavam.

As aulas e os estudos de Alberto Magno (1193-1280) foram muito importantes para a escolástica medieval e para o ensino universitário, principalmente em Paris, onde lecionava. Além de ensinar as artes liberais, ele foi um grande estudioso de Aristóteles, sendo um grande intérprete de seu pensamento, em especial no campo da zoologia e da botânica. Para que as obras de Aristóteles (afinal esse autor era, para a Igreja, a expressão maior do pensamento pagão) não afetassem sua situação no seio da cristandade[18], Alberto Magno resolveu ler as obras e transcrevê-las com seus comentários, sem, todavia, fazer referências ao autor. Assim, não se confrontava com as proibições e difundia um Aristóteles “puro” aos estudantes. Na verdade, as obras eram de Aristóteles, mas Alberto Magno, que estava mais

[18] ZILLES, Urbano. Fé e razão no pensamento medieval. *op. cit.* , p.114.

preocupado em colocá-las à disposição do público, as transcreveu como se fossem suas, conforme explicita na introdução de sua *Física*:

> Na presente obra (justifica-se Alberto Magno), o nosso método será o de seguirmos a ordem e a opinião de Aristóteles, e de dizermos tudo o que nos parece necessário para explicá-lo e expô-lo, mas sem lhe citarmos os próprios textos. Além disso, intercalaremos algumas digressões, afim de clarificar as dúvidas que surgirem. Completaremos também os pontos tratados com demasiada brevidade na doutrina do Filósofo, brevidade que a não poucos induziu em erros.[...]. Escreveremos, pois, tantos livros quantos escreveu Aristóteles, e com títulos idênticos. Além disso, em certas passagens dos livros que ficaram incompletos, ajuntaremos as respectivas partes; e mesmo acrescentaremos livros inteiros em lugar dos que se perderam ou foram omitidos, quer porque o próprio Aristóteles deixasse de escrevê-los, quer porque não tenham chegado até nós.(Apud SPINELLI, 1990, p. 137).

Mediante o contato com as ciências naturais de Aristóteles, Alberto Magno ampliou sua capacidade investigativa, tornando-se um grande astrônomo e zoólogo. Colaborou, desse modo, para que a ciência da natureza se desenvolvesse. Seu interesse pela Alquimia prova também seu espírito filosófico, visto que a Alquimia procurava uma maior aproximação com os elementos da natureza. O espírito investigativo de Alberto Magno repercutiu na Faculdade de Artes de Paris, sendo seus estudos muito importantes para o desenvolvimento do saber.

Existiam, na Universidade de Paris, duas tendências. Na faculdade de Artes, as ciências naturais de Aristóteles foram mais valorizadas pelos mestres. A outra, na Faculdade de Teologia, preferia manter a interpretação das Escrituras com base no agostinismo, presente em Santo Anselmo (1033-1109) e na escola de São Vítor, e não recusava a dialética aristotélica, mas as discussões e as exposições feitas pelos dialéticos (GILSON, 1998, p.486).

Alberto Magno e Tomás de Aquino, seu discípulo, assumiram uma posição conciliatória diante dessas divergências, encontrando uma forma para que o estudo de Aristóteles não entrasse em discordância com seus princípios religiosos. A filosofia para Magno era um processo teórico, enquanto a teologia era um processo intelectivo-afetivo. A Filosofia baseava-se no raciocínio e a teologia na revelação e não na razão (ZILLES, 1996, p.114). Desta forma, o quadro era bem diferente do existente no tempo de Abelardo. A Teologia e a Filosofia passaram a ter papéis distintos, não ficando a última dependente da primeira. Ambas receberam uma redefinição de papéis e isto deveu-se, principalmente, à nova tendência do ensino e da educação.

> O golpe de gênio de Alberto Magno e de Santo Tomás de Aquino, e o segredo de seu formidável triunfo consistirão precisamente no fato de que harmonizarão as duas tendências divergentes e até contraditórias entre as quais a Universidade de Paris se dividia, legitimando todo o conteúdo positivo com que o ensino das artes liberais acabava de enriquecer e reorganizando desse ponto de vista o edifício da teologia tradicional, mais acabado e mais sólido desde então do que jamais fora. (GILSON, 2001, p. 487).

Tomás de Aquino foi quem formalizou esta separação na sua vasta obra, principalmente nas *Sumas*. Sua tendência foi procurar as verdades da fé usando a razão, mas distinguindo claramente o papel de cada uma delas. Alberto Magno exerceu forte influência sobre Tomás de Aquino com as suas observações sobre o mundo animal, sobre a Alquimia e sobre a influência dos astros nos corpos inferiores[19]. Enfim, ele foi responsável por parte do interesse que Aquino deu à razão no estudo do mundo natural e da necessidade de se partir sempre do singular para se atingir o universal.

Roger Bacon (1215-1294) teve como preocupação observar e investigar a natureza, buscando nela respostas para as questões e dúvidas colocadas pela sociedade. Esse franciscano, segundo estudiosos da medievalidade[20], foi muito importante para o desenvolvimento do saber e da filosofia medievais, sendo, inclusive, considerado um dos grandes responsáveis por difundir e defender a necessidade da experiência e da prática para os estudos teóricos. Ele é considerado um dos principais experimentalistas da escolástica. De acordo com Gilson, Roger Bacon acreditava que a Igreja deveria acompanhar os avanços da época.

> Seguramente, o ideal de Rogério Bacon, recorda aquele de Santo Agostinho, mas a república dos fiéis em que pensa é bem diferente da Cidade de Deus. É uma república, senão deste mundo, pelo menos neste mundo. Não é a Cidade de Deus, nem mesmo pura e simplesmente a Igreja. Bem que ela deva crescer na luz da Igreja e preparar a seu modo o advento da Cidade de Deus, é um verdadeiro povo temporal, sob a direção da sabedoria cristã, destinada à procura dos bens de que o homem pode gozar no mundo [...] duas coisas são exigidas para um estudo completo da Sabedoria: primeiramente o que é preciso para conhecê-la o melhor possível, em seguida suas relações com tudo o mais para dirigir por meios apropriados. Efetivamente, é a luz da Sabedoria que ordena a Igreja de Deus, que organiza a República dos crentes, que opera a conversão dos incréus, enfim, por seu poderio, reprime aqueles que se obstinam no mal e os repele das fronteiras da Igreja para longe, apenas derramando sangue cristão (GILSON, 1965, p. 73-75).

De acordo com Gilson, a sabedoria tinha se tornado um meio fundamental para que os homens desfrutassem das coisas temporais, como saúde, paz, fortuna, entre outros bens. Bacon não defendia diretamente a Igreja, mas sugeria que ela também fosse dirigida pela mesma sabedoria. Era significativo, naquele momento em que as universidades estavam enriquecendo seus currículos, com mais obras clássicas, que Bacon afirmasse que a sabedoria era a forma de edificar um novo povo.

---

[19]O GRANDE E O PEQUENO ALBERTO. Os segredos da magia natural e cabalística. [trad. Raquel Silva]. Lisboa: Edições 70, s/d, p. 115.

As transformações no comércio e nas cidades exigiam conhecimentos técnicos, como já havia exposto Hugo de São Vítor (2001), quando falou da importância das artes mecânicas. Para Bacon, a ciência experimental era fundamental para que os fenômenos da natureza pudessem ser provados, não bastando somente a explicação dada pela teoria:

> Com efeito, só esta ciência sabe experimentar perfeitamente o que pode ser feito pela natureza, o que pode ser feito pela indústria da arte, o que pode ser feito pela fraude, o que desejam e sonham as encantações, as conjurações, as invocações, as deprecações e os sacrifícios que pertencem ao domínio da magia e o que faz nelas para que seja afastada toda a falsidade e seja retida apenas a verdade da arte e da natureza. Só esta ciência ensina a considerar todas as insânias dos mágicos, não para que sejam confirmadas, mas para que sejam evitadas, assim como a lógica considera o argumento sofístico. (BACON, 2000, p. 199)

Roger Bacon estudou e aprofundou os conceitos de ótica de Euclides e Ptolomeu e preocupou-se com o efeito da luz emitida pelos astros sobre a vida humana. Procurava, através da Geometria, mensurar a influência do Sol e dos planetas sobre a vida humana ou a influência que os homens poderiam sofrer do ambiente, seja de pessoas ou de animais. De acordo com Thorndike (apud NASCIMENTO, 1998, p. 105), isto não passava de magia e não havia ligação nenhuma com a ciência: “A doutrina de Bacon da multiplicação da espécie é uma boa ilustração da combinação de magia e ciência que encontramos em suas obras”.

Suas idéias sobre a multiplicação das espécies estavam baseadas na teoria das *gerações* e *corrupções* de Aristóteles. Bacon, no entanto, tentou explicar isto através da demonstração, utilizando a Geometria. É claro que a teoria dos influxos, sugerida por Bacon, incluía as influências dos planetas e dos poderes mágicos. Seus estudos

---

[20] Devido à dificuldade de acesso aos textos originais de Roger Bacon, a análise a seu respeito foi

sobre estas influências podem ter lançado os primeiros pilares dos futuros estudos de ondulatória, como hoje é conhecida em Física. Um outro autor, J. H. Bridges (Apud NASCIMENTO, 1998, p. 105), afirma que algumas partes da obra de Bacon "[...] contêm notáveis antecipações de teorias físicas modernas a respeito da propagação da força. Se a palavra raio ou espécie fosse substituída por onda ou ondulação, pouca coisa precisaria ser mudada".

Bacon enfocou seus estudos na Astrologia natural que, como se disse anteriormente, voltava-se para os estudos dos fenômenos ocorridos com os corpos inferiores sob influência dos planetas. Dessa forma, refutava a idéia de uma Astrologia capaz de predizer o futuro dos indivíduos. Considerava essa doutrina ilícita[21], pois ela estaria negando a liberdade do homem. Assim, no que diz respeito ao livre-arbítrio, ele estava de acordo com Tomás de Aquino.

A negação do livre-arbítrio em favor do determinismo astral, como já se mencionou, sempre foi condenada por Tomás de Aquino, que admitia o influxo dos astros no corpo humano, mas não no intelecto.

Os trabalhos de Bacon denotavam uma semelhança muito grande com as idéias de Aquino. Segundo ele, a Astrologia, também conhecida como a arte dos matemáticos, dividia-se em duas: a Astrologia natural que se dedicava ao estudo dos ciclos e dos fenômenos dos corpos celestes em relação aos eventos na Terra e a Astrologia supersticiosa, que, fazendo prognósticos para os homens, impossibilitava que estes fizessem uso de seu livre-arbítrio.

---

baseada em alguns intérpretes.

[21] DUHEM, Pierre. *Le système du monde*. op. cit., p. 375.

Concluindo estas considerações sobre a importância da Astrologia e da Astronomia para a ciência de Bacon, é necessário observar que esse “cientista” não pode ser considerado como um pensador moderno, nos termos com que se menciona Galileu e Newton. Pode-se olhá-lo, entretanto, como um dos primeiros pensadores que apresenta a experiência como forma de confirmar a argumentação. Assim, não somente Bacon foi responsável para que a Astrologia pudesse se configurar como um saber útil aos homens, mas também as discussões feitas por Abelardo, Hugo de São Vítor, Alberto Magno e Tomás de Aquino, sobre o papel da razão no estudo da Filosofia e da ciência natural na sociedade medieval.

3 A ASTROLOGIA CRISTÃ EM TOMÁS DE AQUINO

Conheces as leis do céus, determinas o seu mapa na terra?
Livro de Jó, 38: 33[1]

No capítulos anteriores, foi apresentado como, ao longo da Idade Média, especialmente a partir dos séculos XII e XIII, deu o desenvolvimento crescente do saber, do conhecimento, por conseguinte, a utilização da Astrologia como uma ciência voltada para a investigação das coisas da natureza. Neste capítulo, estudaremos, em linhas gerais, de que forma esse desenvolvimento e, em particular a Astrologia, influenciou o pensamento de Tomás de Aquino. Também será analisada a forma como esse autor estudou e apresentou sua teoria sobre a influência dos corpos celestes nos corpos inferiores, ou seja, até onde ele considera que essas influências eram possíveis na vida humana e na natureza. Por conseguinte, será abordada também a importância de seus estudos para a formação educacional e científica do homem medieval do século XIII. Cabe apontar que Tomás de Aquino fez comentários acerca da Astrologia e das influências celestes porque estes assuntos faziam parte dos temas abordados pela sétima disciplina do *Quadrivium*, principalmente, na Universidade de Paris, local onde Aquino se formou em artes e foi mestre. Seus estudos eram, de certa forma, importantes para a vida dos homens, pois tratavam de questões referentes à sociedade.

[1] BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2000.

3.1 A Astrologia como Compreensão da Influência do Mundo Supralunar sobre o Mundo Sublunar

Na concepção teórica da Astrologia, existia uma estreita relação entre o Macrocosmo e o Microcosmo. Isto implicava conceber também que o homem participava da totalidade do universo**.** Partindo dessa visão cosmológica, a Astrologia não foi apenas um conhecimento, cuja função era estudar as influências celestes, muito mais do que isto, ela foi uma visão de mundo que, desde a Antigüidade, foi importante para os homens encontrarem respostas para o mundo que os cercava.

A Astrologia preconizava uma relação estreita entre o homem, os animais, a sociedade, a natureza e o mundo superior, sem fragmentação alguma. As análises de Tomás de Aquino sobre a influência dos corpos celestes foram muito importantes, porque revelavam que, para se compreender o mundo natural e seus fenômenos, era necessário estudar a natureza celeste. Os corpos celestes eram considerados por Aquino como meios para que o homem compreendesse os movimentos das coisas corporais. Por exemplo, por meio deles era possível saber por que uma pessoa podia ter uma recuperação[2] na saúde mais rápida do que outra, ou o que ocasionaria os inchaços do corpo e as manchas da pele. Foram vários os pensadores que aceitaram essa teoria. Não foram poucos os cientistas que se mantiveram vinculados a essa concepção de mundo.

A idéia aristotélica de corpos terrestres e celestes interligados foi, aos poucos, sendo desnecessária. A observação dos fenômenos físicos como explicação da existência passou a ser substituída pelo método experimental. No entanto, não se pode deixar

[2] O pensador Alberto Magno preocupou-se também com estas questões.

de mencionar que a observação de um fenômeno da natureza, feita pelos estudiosos medievais, era considerada como um “método experimental”, mas não como na modernidade, em que os fenômenos são provocados para que o cientista verifique sua hipótese. A diferença entre a experiência na ciência aristotélica – medieval – e a experiência na ciência moderna consiste na própria atitude experimental. Enquanto a primeira não necessitava criar um experimento que provocasse o fenômeno a ser explicado, a segunda necessita desse experimento. Desse modo, não se pode dizer que a ciência medieval não produziu coisas significativas, mas, sim, que seu desenvolvimento limitava-se à própria necessidade dos homens daquele momento histórico.

O novo homem que estava nascendo no século XIII correspondia a um momento que exigia a aquisição de mais conhecimentos e, por conseguinte, ele tinha condições de lidar com os novos desafios da época. Assim, a educação sofreu mudanças significativas para preparar este homem para o novo saber, o qual estava associado às universidades, ao crescimento urbano e ao conhecimento greco-árabe que se disseminava no Ocidente Cristão.

Nesse processo, Tomás de Aquino foi fundamental: seus comentários sobre Aristóteles mantiveram o diálogo entre as obras cristãs e os ensinamentos do último, o qual chamou de o Filósofo. Aquino principiou a romper com a idéia de Iluminação e passou a falar numa correspondência entre Deus e as coisas humanas. Ou seja, a partir de uma lei de analogia, ele considerava que as idéias humanas poderiam ser imitadas da Idéia primeira, do Intelecto original, ou seja, de Deus. Todavia, Aquino

não acreditava que o homem pudesse ligar-se diretamente às idéias superiores; ele apenas poderia imitá-las.

Percebe-se que, nesse período, a lei de analogia[3] estava baseada na universalidade das coisas. O mundo de Aquino não era fragmentado como o atual e a razão humana era, para ele, o caminho para que o homem buscasse explicações para seus problemas, angústias, dúvidas do mundo real. Iniciava-se, assim, um processo de rompimento com a visão de mundo neoplatônica que ainda permanecia viva e servia para explicar as ações humanas. Dessa forma, a analogia valia para toda a realidade, sem separação alguma, ou seja, todos os elementos da natureza possuíam uma conexão, por exemplo, o corpo humano era análogo a um corpo celeste e, da mesma forma que este se movia, o corpo também se movia.

Tomás de Aquino conferiu ao homem de seu tempo a capacidade intelectual de apreender as coisas criadas por Deus. A tentativa era formular um conceito de ser humano, diferente da primeira fase da Idade Média, que fosse capaz de lidar com as transformações sociais daquele período e estivesse aberto a uma forma diferente de ver, viver e interpretar o mundo e, por conseguinte, tivesse uma educação que fornecesse a base para o entendimento dessas mudanças. Para isso, os alunos eram educados pelas disciplinas do *Trivium* e do *Quadrivium*, as quais foram se abrindo à novas idéias e necessidades, como se viu com Hugo de São Vítor, e também pelo contato com as obras gregas que eram traduzidas para o latim, especialmente os livros de ciências naturais.

---

[3] Sobre lei de analogia ver interessante de obra de: SANTOS, Mario Ferreira dos. *Ontologia e cosmologia*. 3 ed. v. V. São Paulo: Logos, 1959, p. 71.

A Astronomia, nesse processo de mudanças e de introdução de novos conhecimentos, foi responsável, por exemplo, pelo cálculo de posições planetárias para firmar as datas religiosas e fazer toda a demarcação do tempo. Era um instrumento de medição das posições dos astros e não continha, em suas premissas, uma concepção de influência dos corpos celestes na Terra, porque seu papel não era este, mas o de servir de base para o entendimento do movimento das esferas celestes e para o cálculo do Cômputo Eclesiástico, que era o calendário religioso. Todo o mapeamento do céu era feito através da Astronomia[4], bem como a explicação de toda a estrutura das esferas celestes. É necessário frisar que as posições das estrelas eram fundamentais para que os navegadores pudessem se orientar. A Astrologia era ensinada juntamente com a Astronomia para que o estudo do céu pudesse ser estudado como um todo. O céu medieval, com suas estrelas e planetas, não tinha como fim apenas demarcar os pontos cardeais, mas foi importante para dar um sentido à vida humana. Como foi dito anteriormente, a inserção do homem na natureza era uma prática que refletia sua dimensão divina e isto tornava-se fundamental no processo educacional. Não bastava apenas saber se orientar pelas estrelas e planetas, mas saber que ele fazia parte de todo aquele universo que o cercava, ficando próximo do poder e da criação de Deus.

---

[4] Pelo fato de a Astronomia e de a Astrologia terem sido ensinadas simultaneamente, suas ligações são muito estreitas, e ambas possuíram importância para o século XIII. Ao mesmo tempo que ensinavam a estrutura do movimento das estrelas, também falavam nas suas influências. O que pretende-se aqui, é analisar apenas a idéia de influência celeste, o que leva ao estudo da Astrologia. Sabe-se que a Astronomia medieval influenciou o pensamento moderno até o momento em que Kepler definiu que os planetas tinham órbitas elípticas e não circulares, como pensavam os medievais. Se a Astronomia não tivesse se desenvolvido significativamente, como uma ciência natural, possivelmente a Astrologia estaria resumida a crenças populares, sem estar vinculada ao estudo das influências celestes na natureza. Para saber um pouco sobre a Cosmologia e Astronomia medieval ver: GRINGS, Dadeus. *O homem diante do universo*. Porto Alegre/RS: Edipucrs, 1995; KOESTLER, Arthur. *O homem e o universo*. São Paulo: IBRASA, 1989; KOYRÉ, Alexandre. *Do mundo fechado ao universo infinito*. Rio de Janeiro: Forense – Universitária; São Paulo: Edusp, 1979; _____. *Estudos galilaicos*. Lisboa: Dom Quixote, 1986; KUHN, Thomas S. A revolução copernicana. *Op. cit*.; FRIAÇA, Amâncio. A corte e as estrelas. In: *Signum*. Revista da Abrem. N. 2. P. 2000, 149-166.

Com este pressuposto, a Astrologia estava diretamente ligada à concepção de Macro e Microcosmo e supunha, desta forma, que havia uma influência da Natureza Celeste na vida humana[5]. Assim sendo, pode-se dizer que a Astrologia teve como teoria básica o fato de que os astros podiam influenciar a vida humana, especificamente, como aponta Tomás de Aquino (1996, livro III, II parte, cap. LXXXII), os corpos inferiores. A crença de que as forças do mundo supralunar poderiam interferir no mundo dos homens corroborava a crença na influência dos corpos celestes sobre os corpos inferiores, não como poder particular, mas como uma força que se originava no primeiro motor, ou seja, a primeira esfera responsável pelos movimentos das outras esferas, passando pelas esferas celestes e chegava até o homem.

Para Tomás de Aquino, as coisas criadas não eram desligadas de sua origem após a criação, mas estariam sempre vinculadas à sua fonte original e sob sua influência. No entanto, o homem não era um ser dirigido apenas pela natureza celeste. Foi-lhe dada razão para que ele pudesse agir livremente no mundo, caso contrário, não haveria razão de ser criado como homem. Deus poderia nortear a Alma humana como sua criação, mas cada homem nortearia sua vida pela razão recebida no ato da criação, donde se depreende que, para Tomás de Aquino, a finalidade era conhecer o mundo real, por meio da observação e da experiência.

Ao se analisar a concepção de Aquino sobre a influência dos corpos celestes, observa-se que ele considerava possível e viável explicar as alterações que os corpos inferiores sofriam pelo estudo da Astrologia. A Astrologia, como um

[5] GILSON, Etienne; BOEHNER, Philotheus. *História da filosofia cristã*, *op. cit.*, p. 278.

conhecimento das leis da natureza (vindo da Natureza; uma lei natural) que estudava apenas estas influências, não obstaculizava o exercício do livre-arbítrio. Assim sendo, Tomás de Aquino aceitava os princípios dessa disciplina, porque seriam coerentes com os pressupostos cristãos.

A Astrologia, em Aquino, tornou-se um instrumento para que o homem pudesse desenvolver e compreender seus próprios experimentos com os corpos inferiores. Como os astros, na opinião dele, influenciavam diretamente os corpos inferiores, seu estudo estava estreitamente ligado ao estudo da natureza e de seus elementos, como a Água, o Ar, a Luz, o Calor, etc.

Essa ciência, de acordo com as concepções de Aquino, era fundamentalmente cristã e estava de acordo com os pressupostos teológicos e filosóficos, pois permitia um estudo pormenorizado das forças celestes no mundo natural. Tomás de Aquino (1996, Livro III, Parte II, Cap. LXXX) considerava que os movimentos dos corpos celestes pertenciam à ordem das virtudes e, por procederem de causas universais, “resultavam em efeitos particulares na natureza”. Assim, a virtude ou vício não eram dados ao homem no ato da criação, mas se apresentavam a ele durante sua existência e, neste caso, caberia a ele escolher praticá-los ou não.

Mas o homem podia estar envolvido com problemas que transcendiam sua vida pessoal, como a miséria, os problemas econômicos, as guerras, enfim, várias situações coletivas que estavam além do poder de escolha do indivíduo. Os estudiosos buscavam uma explicação para esses fenômenos analisando a posição dos corpos celestes ou a disposição dos ventos.

Para que se garantisse uma melhor formação humana, era importante estabelecer qual era o papel do homem na sociedade. Tomás de Aquino preocupou-se com esta questão e colocou o homem como um ser que imitava a inteligência de Deus, mas não poderia deixar de se orientar por sua própria razão, procurando mantê-la atenta a qualquer instinto ou paixão que ameaçasse o seu lado humano.

Não só a Terra era o centro do universo, mas, em especial, as questões humanas. Diante dessa idéia cosmológica, tornava-se importante que o homem conhecesse as condições em que poderia exercer sua racionalidade e sua livre escolha e sua capacidade de viver em sociedade. Com o poder de desenvolvimento de sua memória, ele não se esqueceria do conteúdo dos assuntos estudados, mantendo-se como ser racional.

Os atos humanos, bons ou maus, poderiam ser explicados por algumas disposições corpóreas do homem às quais ele ficava submetido. Desse modo, a Astrologia era um dos instrumentos que lhe permitiam esquivar-se de tais disposições, caracterizando, certa moralidade sua. Ele percebia-se como parte de uma unidade cósmica, tendo uma concepção universalista da realidade.

3.2 Influência Celeste e a Filosofia de Tomás de Aquino

De acordo com a filosofia aristotélica, tudo o que era movido, isto é, que passasse da potência ao ato, era necessariamente movido por um movente ou motor. Com base nela, Tomás de Aquino procurou fundamentar a tese de que havia uma

influência dos corpos celestes na vida humana; não em toda a sua instância, mas apenas no que se referia ao corpo humano. Ele ateve-se ao caráter estritamente prático da Astrologia, ou seja, à sua utilidade para a compreensão do homem e do mundo ao seu redor, enquanto formas corporais.

Partindo da idéia cosmológica de que o mundo inferior estava submetido ao mundo superior, o conhecimento acerca da influência dos corpos celestes deveria se adaptar à concepção de homem livre e racional, capaz de escolher entre os vários caminhos dispostos pelos ditames superiores. Os astros, sinais da ordem natural, eram capazes de influenciar qualquer forma corporal. Seguindo o princípio da ordem natural, um ser superior exercia influência sobre o ser inferior. Para Aquino, havia duas classes de seres[6]: os dotados de corpo e movimento e os dotados de intelecto e sem movimento. O que estabelecia estar em movimento ou estar parado era o princípio de potência e ato, presente em toda a criação. Daí sua conclusão de que os astros não podiam interferir no intelecto humano, pois este não era dotado de movimento. Além disso, um corpo só poderia ser movido por um outro corpo, estando o intelecto inferior – que não é forma corporal - submetido à influência direta do intelecto superior, ou seja, o intelecto das almas superiores, como os anjos, e o Logos divino, que é Deus. Percebe-se aqui a valorização que Aquino dava à razão humana. A alma, não sendo corporal, só poderia ser influenciada diretamente por algo que não fosse corporal. Qualquer coisa que se movimentasse no mundo inferior era considerada como imperfeição. Cabia ao homem, portanto, a função de se aperfeiçoar e foi, por isso que, na sua opinião, ele tinha sido dotado de razão.

[6] Todas as coisas para Tomás de Aquino possuem matéria e forma. O homem, por exemplo, possui o corpo, que é matéria, e a alma, que é forma.

As referências de Tomás de Aquino sobre as influências celestes revelam a importância que a Astrologia cristã exercia nos meios acadêmicos. A visão de Aquino era de que o mundo era um todo ordenado e perfeito[7], e o curso regular dos corpos celestes era uma prova dessa perfeição. Isto leva a pensar que não havia a idéia de acaso, mas, ao contrário, uma idéia de ordem nas coisas inferiores como reflexo da ordem superior. Não se pode esquecer que o estudo da Astrologia, inserido no programa das artes liberais, constituía-se numa disciplina importante para o avanço do conhecimento medieval acerca da natureza porque suas bases teóricas davam condições para se interpretar o efeito dos corpos celestes nos elementos e nos corpos inferiores e assim explicar determinados fenômenos naturais. A emanação de forças vinda da ordem natural[8] só poderia ser verificada por uma disciplina que pudesse ter, no seu bojo, a idéia de uma correspondência entre o mundo supralunar e o mundo sublunar. Assim, o estudante, ao entrar em contato com o estudo da Astrologia, poderia compreender a ordem do cosmo, a forma com que corpos inferiores poderiam ser afetados pelos corpos superiores, como o clima poderia ser afetado pelo movimento dos astros, enfim, seu estudo servia de base para compreender, por exemplo, de que maneira um corpo poderia ficar debilitado devido ao aumento de calor vindo do sol[9].

Embora a maioria dos textos de história e filosofia, ao tratar do *Trivium* e do *Quadrivium*, refira-se à Astronomia como sendo a sétima arte liberal, isto é entendido neste trabalho como uma verdade parcial, pois a Astronomia e a

---

[7] Conforme Tomás de Aquino (1996), o mundo supralunar era considerado perfeito. E o mundo sublunar, apesar dos erros cometidos pelos homens e das corrupções, tendia sempre para o bem, porque a obra de Deus caminha sempre para o bem, para a perfeição. Ver: *Suma contra os gentios*, Livro III, Parte II, Cap. XCI.

[8] A ordem natural refere-se ao movimento dos corpos celestes, como acentuou Tomás de Aquino.

[9] É fundamental se lembrar que no século XIII não havia serviços de meteorologia como nos dias atuais. O estudo da posição dos astros era uma forma de fazer o estudo do clima.

Astrologia foram ensinadas e estudadas praticamente sem distinção até a Idade Moderna. O próprio Tomás de Aquino utilizou indistintamente a palavra Astrologia para designar tanto a Astronomia como a Astrologia.[10]

Pode-se entender, dessa forma, que, no saber astrológico, implicitamente havia uma teoria cristã que terminava por levar o homem a uma visão teológica e cosmológica do mundo, pois permitia ver, por meio do estudo do céu, que o mundo natural fora organizado, primeiramente, pelo primeiro motor, que Tomás de Aquino chamava de Deus[11].

Para entender esse todo ordenado, era preciso que o homem analisasse a realidade com o uso de sua razão. Isto implica a necessidade de um homem livre, para que suas escolhas fossem as mais adequadas e de acordo com a sua vontade.

3.2.1 A Liberdade Humana e a Influência dos Corpos Celestes.

Um tema que muitos autores medievais fizeram questão de discutir, com profundidade, foi a liberdade humana. Como se viu no primeiro capítulo, Santo Agostinho discorreu sobre a importância do livre-arbítrio para que o homem alcançasse, mediante suas escolhas, o caminho da salvação por meio da revelação cristã. Praticamente, todas as doutrinas teológicas dos séculos posteriores seguiram

---

[10] Para o sentido da palavra Astrologia e Astronomia em Tomás de Aquino, ver:. LITT, Thomas. *Les corps célestes dans l'univers de Saint Thomas D'Aquin*, p.387.

[11] Um obra importantíssima, tanto para o estudo literário como para um estudo cosmológico, é A *Divina Comédia*. Nela Dante Alighieri expõe, de forma clara, a visão medieval do cosmos, baseado numa Astronomia ptolomaica e com forte influência da concepção cosmológica e teológica de Tomás de Aquino.

a doutrina agostiniana sobre a liberdade do homem. Qualquer teoria que afirmasse o contrário disso, ou seja, que negasse o livre-arbítrio, seria condenada pela Igreja Cristã. Foi pelo fato de prever o futuro com certo determinismo e, assim, anular o direito de escolha das pessoas, que a Astrologia judiciária[12] foi julgada, por alguns teólogos, como imprópria para a sociedade. Por isso, a Astrologia será, na visão de Aquino, uma forma de estudar o efeito dos astros apenas nos corpos e não no intelecto.

Tomás de Aquino valorizava, como teólogo, a importância de Deus na vida dos homens e procurava orientá-los, da melhor forma possível, sobre como atingir o conhecimento de Deus por intermédio do intelecto, da vontade e da razão. Em meio a tantas transformações sociais, como se disse anteriormente, fazia-se necessário que o homem tivesse um sentido norteador e não se deixasse levar pelas suas paixões, caso contrário, estaria próximo dos animais irracionais, os quais são movidos apenas por seus instintos. Os corpos celestes, dizia Tomás de Aquino, podiam agir nos corpos inferiores, mas apenas deixavam o homem disposto ou não para determinada atitude. Uma gripe[13], por exemplo, não permitiria que o homem pudesse trabalhar, porém sua vontade ou sua escolha por trabalhar permaneceriam, não sendo determinadas pelos corpos celestes diretamente, mas apenas indiretamente. Ou seja, a vontade humana estava livre de qualquer influência celeste e apenas o corpo poderia ser atingido diretamente. Desta forma, a liberdade humana ficava protegida de qualquer ação celeste.

---

[12] Um dos grandes astrólogos medievais do século XIII, Guido Bonatti, foi enviado ao inferno por Dante Alighieri em sua obra *A Divina Comédia*.

[13] A gripe podia ser ocasionada pela baixa humoral do corpo, que seria causada por um corpo celeste. Daí a Astrologia ser importante para complementar o estudo da medicina.

Pode-se dizer que, ao tratar do livre-arbítrio, Aquino não se referia ao homem como um todo, mas somente à sua Alma.

> Além disso, é livre o que é causa de si mesmo (I Metafísica 2, 982b; Cmt 3,58). Logo, o que não é causa da sua ação é livre no agir. Ora, o que não se move nem age a não ser movido por outrem não é causa de si mesmo para agir. E tal coisa só move mediante o juízo, pois o que se move a si mesmo se divide em movente e movido, sendo movente o apetite que é movido pelo intelecto, pela fantasia ou pelos sentidos, aos quais pertence julgar. Destes, porém, somente julgam livremente os que ao julgar determinam. Ora, nenhuma potência que se julga a si mesma se determina, a não ser que reflita sobre seu ato. Logo, é necessário, se age para julgar a si mesma, que conheça o seu juízo. Mas isso só ao intelecto pertence. Por isso, os animais irracionais, são, de certo modo, livres no movimento ou na ação, mas não o são no juízo. Os entes inanimados, porém, que só são movidos por outro, nem têm liberdade de ação, nem de movimento. Mas os entes intelectuais não só são livres na ação, como também no juízo, e isto é ter livre-arbítrio. (AQUINO,1996, livro II, parte III, cap. XLVIII).

O homem, enquanto ser racional, possuía o intelecto livre para agir e escolher os caminhos que se apresentavam em sua vida. Para que um homem fosse considerado livre precisaria estar consciente de seus atos e isto só se daria com o uso contínuo da razão e do intelecto, o que o levava a manter a ordem na sua vida. O fato de exigir reflexão não significava ficar horas num mosteiro, mas analisar, observar e pesquisar os mistérios em que a realidade estava envolta. Um intelecto determinado pelos corpos celestes, por exemplo, não poderia fazer tal experiência, porque estaria condicionado a apenas uma parte do todo (o que não é o caso da concepção de Aquino sobre o ato de ser homem). O corpo e a alma não poderiam existir separados no homem, e para que o homem pudesse adquirir conhecimento era preciso ser dotado de intelecto e dos sentidos.

De acordo com a cosmologia aristotélica, o mundo de baixo estaria ligado, de uma maneira necessária, ao movimento dos corpos do mundo superior, porque toda a

potência que residia no mundo seria governada por estes movimentos[14]. Porém esta doutrina pressupunha a idéia de um mundo eterno. Contraponde-se a ela, Tomás de Aquino procurou defender um mundo criado por Deus[15], cujo conhecimento seria possível através da visão "materialista" de que o homem, mediante o intelecto, teria do mundo sensível.[16]

Assim, os corpos celestes eram causas universais e símbolos da própria ordem cósmica. Como afirma Alain De Libera[17], o mundo do astrólogo e do filósofo era o mesmo e, assim, ambos podiam partilhar a idéia de que o mundo inferior sofria, direta ou indiretamente, influência do mundo superior.

Aquino sempre considerou o mundo superior como natureza imutável, sem possibilidade alguma de mudanças. Somente a Terra sofria as alterações, sem jamais interferir no mundo superior. Dessa forma, o homem também estava à mercê de certas alterações e, como ser racional, tinha condições de entender e, por conseguinte, lidar com a inconstância do tempo e do espaço. Estas mudanças revelavam a possibilidade que o homem tinha de se aperfeiçoar, de conhecer, de aprender, de agir, de eleger, de raciocinar, enfim, faziam com que, entrando em contato com o mundo corpóreo, o ser humano adquirisse conhecimentos. A razão passou a ser a única segurança de integridade que o homem tinha para lidar com a diversidade e a mutabilidade da realidade.

---

[14] Duhem, Pierre. *Le Système du Monde*, p.369.

[15] Para verificar os argumentos de Aquino ver *Suma contra os gentios*, Livro II, Parte I, Capítulos. XXXII ao XXXVIII.

[16] Conforme: PUELLES, Antonio Millan. *La formación de la personalidad humana*. Madrid: Rialp, 1983, p.140.

[17]"O mundo do Astrólogo "liberal" é o mesmo que o do filósofo: trata-se do sistema das esferas celestes, das inteligências e das almas motoras dos céus, popularizado no Ocidente por Avicena e pelos comentários de Averróis sobre o tratado aristotélico Do Céu, isto é, uma versão peripatética da

Assim, o livre-arbítrio explicava o fato de o homem tomar caminhos diversos e incorrer em erros. Se assim não fosse, ele seria correto e perfeito como a natureza, mas isto não era possível, devido às imperfeições humanas que ainda existiam. Tratar, enfaticamente, do livre-arbítrio e valorizá-lo como direito do homem garantiria ao ser humano a capacidade de se redimir de seus erros.

Obviamente, esta mesma condição de liberdade implicava a possibilidade de o homem fazer escolhas errôneas, distanciando-se de sua função como ser social e deixando de lado seu compromisso moral com as pessoas ao seu redor. Por exemplo, uma pessoa podia escolher entre o caminho do vício ou da virtude (AQUINO, 1996, Livro III, Parte II, Cap. LXXXV). Se um homem se sentisse atraído por uma mulher, cabia a ele decidir se a ligação com ela seria para o bem ou para o mal. Quer dizer, se mantivesse relações sexuais para fins de procriação não estaria errando, mas se fosse um ato de adultério, estaria cometendo um erro gravíssimo. Esta atração física podia ser influenciada pelos corpos celestes, mas a escolha dependia do intelecto e nisto rende a principal importância do estudo dessas influências. Se um homem ou mulher soubesse de suas disposições corporais, poderia educar-se e, de acordo com sua vontade, optar por um ato que não fosse considerado errado pela sociedade.

O século XIII, movido por uma fusão das culturas – grega e islâmica – e de conhecimentos, deparava-se com os mais diversos problemas humanos. Esta situação histórica explica porque Tomás de Aquino retomou os pecados capitais e considerou importante tratar o homem como um ser racional, errante, social e

---

teologia cósmica esboçada no livro V Da Metafísica de Aristóteles. (Libera, Alain. *Pensar na Idade Média*, *op. cit*., p.242).

político. Era necessário que o homem aceitasse as leis e as ordens superiores como uma necessidade. Na sociedade, não haveria a necessidade de leis para um homem que não fosse racional e perfeito e, talvez, nem haveria homem. As leis eram uma conseqüência dos anseios do ser humano, porque suas escolhas implicavam a necessidade de um ordenador. A razão não deixava de ser uma lei interna do homem, mas também era uma forma particular de julgar e apreender os elementos do mundo sensível.

Neste sentido, a Astrologia era um saber que permitia ao estudante entender de que maneira esta ordem celeste manifestava-se e, assim, compreender como o mundo era constituído[18]. A análise realizada neste trabalho permitiu concluir que, quando se estudava uma ordem superior, era possível compreender, por analogia, como se dava a ordem inferior. Como foi visto no segundo capítulo, a razão, por exemplo, era relacionada ao planeta Saturno, porque este estava mais próximo do primeiro motor e, portanto, seria a melhor posição para se conhecer o criador. Baseado nessa visão cosmológica, Dante Alighieri (1979:290), influenciado pelo pensamento de Aquino, colocou os sábios nesta esfera. Assim, vê-se a importância do procedimento analógico: neste caso, o movimento dos astros serve como referência e não como uma determinação para a vida humana.

Portanto, pode-se dizer que a Astrologia cristã poderia conviver com a doutrina da Igreja e ser útil para compreender os períodos de boa ou má disposição dos corpos inferiores para determinadas ações. Seria possível mensurar que tipo de

[18] Devia-se entender que as qualidades primitivas – quente, seco, frio e úmido – eram responsáveis pela formação do homem, e que estes elementos estavam subordinados ao movimento dos corpos celestes. Para Tomás de Aquino, todos os corpos terrestres eram compostos por estas mesmas

predisposição corporal um homem teria, por exemplo, para ganhar uma batalha ou mesmo para ter um filho e até para cometer um crime devido às suas paixões. Caberia, porém, ao homem fazer suas escolhas diante de suas predisposições corporais. O fato de não ter talento para a música não impediria que um homem estudasse música, por exemplo. Assim, vê-se que o corpo pode ser determinado, mas não a alma, que é livre para escolher.

No período medieval, acreditava-se que os corpos celestes podiam influenciar o corpo humano de forma que estivesse mais disposto para a ação, para a cólera, para a ira[19], etc. Os corpos inferiores possuíam qualidades humorais que podiam variar segundo a interferência dos astros. A educação favorecia ao homem diferenciar suas sensações diante das disposições corporais. Se ele soubesse que determinada disposição era contra os princípios da sociedade, então, ele faria o possível para não ceder aos instintos corporais ligados ao vício. Da mesma forma, uma boa disposição corporal favorecia o exercício da virtude, por exemplo, praticar a justiça. Todavia, vale lembrar que nem todas as escolhas dependiam do indivíduo; diante de alguns fenômenos sociais do século XIII, como a miséria, por exemplo, o indivíduo sozinho nada podia fazer.

---

qualidades primitivas, conforme: TONQUÉDEC, Joseph de. *Questions de cosmologie et de physique chez Aristote et Saint Thomas*, p. 89.

[19] A cólera ou a ira são causadas pela alteração dos humores e cabe ao homem, com o uso de seu intelecto e vontade, dominar estas disposições. Um pouco sobre a história da medicina na Idade Média pode ser conferido em: SOUSA, A Tavares de. *Curso de história da medicina*. Das origens aos fins do século XVI, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

3.2.2 As Paixões Humanas e o Instinto Natural.

O homem do qual Tomás de Aquino falava não era simplesmente um ser animal, mas possuía alma, intelecto e vontade livre, o que o diferenciava dos outros animais. Para Aquino, todas as coisas corpóreas, inclusive o corpo humano, poderiam ser influenciadas pelo influxo dos astros. No entanto, se o intelecto humano também estivesse à mercê destes influxos, o homem ficaria no mesmo nível dos outros animais, o que contrariava o ideal cristão de Aquino. Por outro lado, quando as paixões dominavam o homem[20], este passava a seguir seu instinto natural, ficando sob total influência de corpos superiores.

Para Tomás de Aquino, o homem educado, conhecedor da moral, da ética e das leis, de uma forma geral conseguia dominar as paixões, evitando que sua vontade fosse influenciada pelos corpos celestes. Isto não significava que os astros fossem um problema para os homens, ao contrário, por meio do estudo e do conhecimento dos corpos celestes o homem poderia direcionar sua atenção e, exercendo sua razão, fazer suas escolhas.

A razão, quando colocada em prática constantemente, através da busca de conhecimento, permitia que o homem pudesse avaliar as condições em que estava envolvido, ou melhor, que condições corporais ele teria para a prática de determinado ato, fosse de ordem física ou intelectual, fosse para o estudo ou para o trabalho. Ressalta-se que, para Tomás de Aquino, a razão era uma noção de ordem.

---

[20] Ora, somente as criaturas inteligentes operam por si mesmas, porque possuem o domínio das suas operações livremente, enquanto as outras criaturas operam por necessidade natural, sendo movidas por outras. Logo, as criaturas intelectuais, por suas operações, são motoras e regentes das demais criaturas. Ver: Aquino, *Suma contra os gentios*, Livro III, II parte, Cap LXXVIII.

Não significava simplesmente o ato de pensar sobre algo, mas uma direção para a ação.

Das idéias de Tomás de Aquino sobre as paixões, depreende-se que o ser humano podia incorrer em erros e, a partir daí, deixaria que sua animalidade o dominasse. A animalidade no homem coexistia com a humanidade e optar por uma ou outra, sob o domínio de sua vontade e de sua alma, dependeria muito do conhecimento adquirido. A educação, neste sentido, era de vital importância, pois, quanto mais conhecimento (inclusive sobre as leis morais) fosse adquirido, mais integrado se tornava e mais humano seria capaz de ser, estando, desta forma, mais próximo de atingir o conhecimento pela plenitude da razão [21]. Para afirmar isto, Aquino retomou Ptolomeu:

> Como já se disse, o apetite sensitivo sendo acto do órgão corpóreo, nada impede que, por impressão dos corpos celestes, uns sejam inclinados, como por compleição natural, à ira, à concupiscência ou a qualquer paixão semelhante. Pois a maior parte dos homens seguem as paixões, às quais só os sapientes resistem. Donde vem que, na mór parte dos casos, verifica-se o que é prenunciado dos actos humanos, pela consideração dos corpos celestes. Porém, como diz Ptolomeu, o sapiente domina os astros, porque, resistindo às paixões, impede, por vontade livre e de nenhum modo sujeita ao movimento celeste, tais efeitos desses corpos. Ou, como diz Agostinho, devemos confessar que por um certo instinto ocultista por que as mentes humanas são levadas, sem o saberem, é que às vezes os astrólogos dizem a verdade. E isso é obra dos espíritos sedutores, quando feito para enganar os homens. (AQUINO, 1980, questão XCV, art. V).

Percebe-se, em Aquino, a necessidade de assegurar ao homem uma liberdade intrínseca, que faria com que este pudesse se responsabilizar pelos seus atos na

---

[21] Ao reconhecer que o homem pode ser dominado pelas paixões, Aquino chama a atenção de que o homem não é somente razão, mas que contém dentro de seu ser elementos irracionais que podem

sociedade. A sapiência era uma das virtudes intelectuais que dava ao homem capacidade para julgar as coisas baseadas em princípios supremos. Assim, nem todo o homem dominaria suas paixões. Para que o homem desempenhasse essa tarefa tão laboriosa, ele ponderava sobre a necessidade de aperfeiçoar constantemente o intelecto e apreender o máximo sobre o mundo das coisas sensíveis. Desta forma, o homem conseguiria seguir os ditames estabelecidos pela causa primeira, Deus.

3.2.3 Os Corpos Celestes como Causas Secundárias dos Corpos Inferiores.

Todas as coisas que estavam no mundo superior**,** seja corpo ou alma, conforme Tomás de Aquino (1996, Livro III, Parte II, Cap. LXXXII), eram superiores ao mundo inferior. Esta concepção cosmológica pressupunha que o mundo inferior estivesse à mercê dos movimentos do mundo superior. Aqui, Tomás de Aquino baseia-se na visão do universo de Aristóteles, segunda a qual o mundo superior estaria ligado ao mundo inferior ou, numa linguagem mais própria para a época, o mundo sublunar – Terra – estaria susceptível às transformações que ocorriam no mundo supralunar – Céu das Esferas e Deus.

Dessa forma, é visível a analogia, utilizada por Aquino, para analisar os vários elementos que compõem o universo, a natureza, a sociedade, o homem e Deus. Todos estes elementos estavam dispostos de forma hierárquica, de modo que um

---

agir sem seu controle. A educação, neste sentido, permitiria que o homem fosse capaz de seguir o caminho estabelecido pelo Intelecto Superior.

elemento superior[22] influenciava o inferior, e assim acontecia em todas as esferas do Todo, sem separação alguma.

> Ora, as substâncias espirituais são governadas pelas superiores de modo que a disposição da providência divina se estende proporcionalmente até as últimas, como já foi dito (cc. LXXVIII ss). Logo, por motivos idênticos, os corpos inferiores são dirigidos pelos corpos superiores.(AQUINO, livro III, parte II, cap. LXXXII).

Nota-se que, nesta analogia, ele introduz sua idéia de um mundo criado por Deus, principalmente quando afirmava que havia uma extensão da providência divina até as últimas substâncias. A visão aristotélica de um mundo eterno foi adaptada ao sentido cristão de mundo criado. Ou seja, Aquino manteve a idéia de um primeiro motor, como fora proposto por Aristóteles, porém considerou Deus como um ser em contato permanente com a criatura. Percebe-se, dessa forma, que Deus sendo o primeiro motor – imóvel –, os corpos celestes seriam os motores seguintes, responsáveis pelo movimento dos corpos no mundo sublunar. Pelo estudo das substâncias corporais superiores, o homem poderia compreender as causas dos movimentos e das alterações do mundo natural inferior. O mundo medieval movia-se sob esse olhar cosmológico em que o Céu e a Terra estavam intrinsecamente ligados, e o homem deveria compreender essa visão de mundo para que pudesse integrar-se melhor ao seu meio social e à natureza. Assim, como o homem aparecia como um ser cósmico, a educação medieval tinha, como um de seus papéis, que inseri-lo nessa totalidade, a fim de que ele pudesse estar mais próximo da imagem e semelhança de Deus.

---

[22] Nota-se uma influência significativa dos Pré-Socráticos, principalmente na analogia entre superior e inferior, o de cima e o de baixo. Idéias que remetem ao pensamento de Hermes Trimegistro, o qual influenciou significativamente o pensamento filosófico na Idade Média e no Renascimento.

Esta idéia punha o homem em contato com um elemento ordenador de sua vida. Ele poderia, assim, basear-se na ordem superior e em sua constância para dirigir sua razão em busca de uma ordem inferior e uma constância semelhantes. Deve-se ressaltar que a possibilidade de Tomás de Aquino aceitar a não participação do mundo superior na vida humana e na natureza era impossível, porque, se assim o fizesse, estaria admitindo um mundo eterno e, dessa forma, afirmando a não necessidade de Deus. Assim, o homem, os animais e a natureza eram considerados um reflexo do mundo superior, mas dispostos às corrupções do mundo inferior.

Tomás de Aquino via no homem a capacidade de se aperfeiçoar, de se educar para entender as coisas sensíveis e lidar com as corrupções, com suas falhas e incapacidades. O objetivo maior do homem seria garantir que suas escolhas fossem feitas com base na razão[23]. Esta concepção educacional implicava que o homem deveria estar em convivência com a sociedade, observando os fatos que nela ocorriam e, com base em seu entendimento, ter um domínio relativo sobre seu corpo.

À medida que Aquino pensava sobre a ordem superior e o mundo inferior, destacava uma noção de contradição ou contrariedade. A contrariedade fazia-se necessária para que as substâncias inferiores – incluindo o homem – pudessem se aperfeiçoar. Isto não se dava no mundo natural – mundo superior – visto que os corpos e as almas superiores não possuíam contrariedade. Não havia homem[24] sem as contrariedades inerentes ao seu ser ou, pelo menos, não existiria mundo inferior se

[23] Vê-se aqui o papel fundamental da Filosofia para Tomás de Aquino.
[24] Por enquanto, o Homem está sendo analisado enquanto seu corpo, mais adiante será abordada a influência dos corpos superiores em sua alma.

este não tivesse contrariedade[25]. Esta contradição representava a própria instabilidade do homem, ora triste ora alegre, em alguns momentos sentia empatia por alguém e em outros sentia cólera. Esta inconstância não existia no mundo superior.

> Com efeito, ao movimento circular dos corpos celestes nada há de contrário, razão por que neles não pode haver violência. Mas o movimento dos corpos inferiores tem contrário, a saber, o movimento de subida e descida. Por isso, a potência dos corpos celestes é mais universal que a dos corpos inferiores. Ora, as potências universais dão movimento às particulares, como se depreende do que acima foi dito (c. LXXVIII). Logo, os corpos celestes movem e dirigem os corpos inferiores. (AQUINO, 1996, livro III, parte II, cap. LXXXII).

O movimento de ascensão e queda, mencionado por Aquino, podia ocorrer no sentido de fazer calor ou fazer frio**.** Os elementos da natureza, de acordo com o próprio Aristóteles[26], era originado de quatro qualidades básicas da matéria, sendo o Quente, o Seco, o Frio e o Úmido. Ora, Aquino, ao afirmar que os corpos se movem para cima e para baixo, falava da possibilidade da inconstância de humor do próprio ser humano, não devido à sua alma, mas devido à disposição de seu corpo. Assim, o movimento, a geração e a corrupção das coisas tinham uma explicação natural. Segundo ele, ao se analisar e estudar os corpos celestes, era possível verificar os porquês de tais movimentos e de tais alterações e, de certa forma, compreender o porquê da inconstância e da variedade de caminhos que o homem e seu meio social seguiam.

> Além disso, assim como o imóvel absoluto está para o momento absoluto, também o imóvel relativamente a determinado movimento,

[25] Visão que remete à concepção de Heráclito e aos textos atribuídos a Hermes Trimegistro e a Empédocles sobre o movimento.
[26] Aristóteles. *Meteorológicos*, livro I, Cap. 2 e 3, p. 339 a – 341 a. Traducción: Miguel Candel. Madrid: Gredos, 199 6, p.247-257.

> para este movimento. Ora, o que é simplesmente imóvel é princípio de todos os movimentos, como acima foi provado (l. I, c. XIII). Consequentemente, o que é imóvel, relativamente à alteração, é o princípio da alteração. Ora, os corpos celestes são os únicos inalteráveis entre os corpos, o que se verifica na disposição deles, que é sempre a mesma. Logo, os corpos celestes são causa da alteração dos corpos a ela sujeitos. Ora, a alteração, nos corpos inferiores, é o princípio de todo movimento, pois, por ela, chega-se ao aumento e à geração, e o que gera é por si mesmo agente dos movimentos que o céu seja causa de todos os movimentos encontrados nos corpos inferiores. (AQUINO, 1996, livro III, parte II, cap. LXXXII).

Aquino expôs a imutabilidade do mundo supralunar e, por conseguinte, apontou para a perfeição de Deus, como ser imutável. De acordo com o pensamento cosmológico de Aquino, os corpos celestes eram sinais de imutabilidade, fato que se provava pela própria observação da natureza, fundamental para a maioria das afirmações que Aquino fez acerca do movimento dos corpos superiores e inferiores. Assim, viu-se que os corpos superiores eram causa dos corpos inferiores, porque os primeiros estavam mais próximos do primeiro motor.

3.2.4 Os Corpos Celestes e a Faculdade Intelectual da Alma Humana

Tem-se reiterado neste trabalho que Aquino não afirmou que o homem como um todo – alma e corpo – sofreria influências dos corpos celestes, mas somente seu corpo e as demais substâncias corporais que compunham o mundo inferior. A idéia de mundo superior (sede das almas e dos corpos superiores) correspondente ao mundo inferior (sede das almas inferiores e dos corpos inferiores) era uma base recorrente em seu pensamento cosmológico. Nesta idéia de hierarquia a ser seguida, sempre existiria um ordenador das coisas, e esta ordem estava no mundo da natureza incorruptível e imutável.

É possível presumir que, quando Aquino discorreu sobre o movimento dos corpos, expondo, de forma implícita, sua visão de desordem nos corpos, ele estaria fazendo uma alusão à própria desordem na sociedade, ou seja, aos conflitos existentes entre as comunas e os senhores, entre a nobreza e a Igreja**.** Isto não significa que a sociedade em que viveu Tomás de Aquino fosse completamente desajustada, mas que, em algumas instâncias, havia a necessidade de ordem e, em outras, havia a necessidade de manter a ordem. Ele poderia estar, assim, referindo-se à fragilidade a que a sociedade medieval estava exposta, ou seja, ao fato de que, diante de várias culturas, a ordem social corria o risco de desaparecer, caso não houvesse uma adaptação à nova situação social e histórica.[27]

É neste contexto de fragilidade, principalmente humana, que ele vai defender a necessidade da ordem e da preservação do intelecto humano. Uma vez que os corpos celestes não podiam agir no intelecto humano, posto que este era privado de movimento, ele, sendo superior à ordem dos corpos e estando livre de tais influências, poderia ser dirigido por algo não corpóreo e sem movimento. Apesar disso, o estudo dos corpos celestes era importante, porque o homem agia com seu intelecto, conforme as disposições corporais.

> Além disso, nenhum corpo opera senão por movimento, como prova o filósofo (VIII Física 6, 259b; Cmt 13, 1083 ss). Ora, as coisas imóveis não são causadas por movimento, pois nenhuma coisa é causada pelo movimento de um agente senão enquanto este, ao ser movido, move outro. Logo, as coisas que estão totalmente fora do movimento não podem ser causadas por corpos celestes. Ora, as coisas ligadas ao intelecto estão propriamente fora de movimento, como se depreende do que diz o Filósofo (VII Física 3, 247b; Cmt 6, 925), até porque, como ele escreveu: Na ausência de movimento

[27] Sobre estas transformações educacionais, sociais e econômicas ver: LE GOFF, Jacques. *A civilização do Ocidente medieval*. Lisboa: Estampa, 1983, p.243-308; PIRENNE, Henri. *História econômica e social da Idade Média*. São Paulo: Mestre Jou, 1968.

> torna-se a alma prudente e sábia. Logo, é impossível que os corpos celestes sejam por si causa das coisas ligadas ao intelecto. (AQUINO, 1996, livro III, parte II, cap. LXXXIV).

Ao dizer, baseado em Aristóteles, que o intelecto estava livre de movimento, Tomás de Aquino colocou uma questão muito importante, a de que os corpos podiam ser movidos pelos corpos celestes porque possuíam movimento. Pois bem, abria, assim, uma possibilidade para que o intelecto pudesse agir livremente e não oscilar para cima ou para baixo como os corpos oscilavam. Isto define que a alma era sábia, sem movimento e, como ser racional, o homem sempre procuraria o conhecimento, estando preparado para enfrentar as alterações e as corrupções do mundo inferior. Todavia, mesmo a alma não se movendo, o homem não estaria livre de fazer escolhas erradas, pois ele tinha o livre-arbítrio, decorrendo disso as próprias desordens sociais. A alma era, em sua essência, sábia por ser criatura divina, mas podia sofrer, indiretamente, as mudanças do mundo inferior, porque ela não se manifestava senão através do corpo.

Depreende-se que o exercício da memória, durante as famosas questões disputadas – *quaestio disputata*[28] –, não tinha somente o objetivo de guardar as informações contidas nos escassos livros, mas, principalmente, manter o aluno atento a toda e qualquer alteração corporal, porque a memória era corporal, estando totalmente à mercê dos corpos superiores. Sem isso, a alma ou o intelecto ficariam

[28] Para uma análise desse método verificar os trabalhos de: NUNES, Ruy Afonso da Costa. *História da educação na Idade Média*. São Paulo: Edusp, p. 183 –280. SPINELLI, Miguel. *Filosofia e ciência*. São Paulo: Edicon; Santa Maria, RS: Curso de pós-graduação em Filosofia, UFSM, 1990, p.91-113. AQUINO, Tomás de. *Sobre o ensino* (*De Magistro*). Trad. De Luiz Jean Lauand. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 3-7. TORREL, OP. Jean-Pierre. *Iniciação a Santo Tomás de Aquino*. São Paulo: Edições Loyola, 1999, 233-247; LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na idade Média*. São Paulo: Brasiliense, 1995 p.74.

impossibilitados de exercer seu propósito, que era atingir, através do mundo natural, o entendimento do homem e de sua criação, o mundo.

> Além disso, toda a coisa movida por outra é por esta reduzida de potência a ato. Nenhuma coisa, porém, é reduzida de potência ao ato a não ser por algo que já está em ato. Por isso, é necessário que todo agente movente esteja de algum modo em ato em relação a uma coisa que, estando submetida e movida, esteja em potência. Ora, os corpos celestes não são inteligíveis em ato, porque alguns são singulares sensíveis. Ora, como o nosso intelecto não está em potência senão para os inteligíveis em ato, é impossível que os corpos celestes tenham ação direta sobre ele. (AQUINO, 1996, livro III, parte II, cap. LXXXIV).

A alma recebia influência diretamente de Deus, por meio das coisas inteligíveis em ato, que eram as almas superiores. Aquino afirmava que esta influência não poderia existir de forma direta e deixou uma possibilidade para uma influência indireta, porque, como se viu anteriormente, o intelecto ou a alma necessitavam da forma corporal para poder se expressar.

Aquino apontou que o intelecto e a alma estavam livres do tempo e por isso invocou sua liberdade diante das coisas corpóreas. Afirmava que o homem possuía liberdade, independente de suas condições corpóreas, inclusive os bens, e que ele poderia atingir o conhecimento das coisas sensíveis, porque a alma e o intelecto não estavam submetidos à corrupção e à alteração das coisas do mundo inferior. A alma não era corporal e somente as coisas corporais podiam sofrer com o tempo. O intelecto diferia dos sentidos e por isso os corpos celestes não poderiam agir diretamente sobre ele, porque o conhecimento adquirido por meio das coisas

corporais dependia de uma razão imaterial, “como Platão que lhe deu como causa as idéias, e Aristóteles, o intelecto agente. [29]

Entretanto, os corpos celestes agiriam indiretamente no intelecto humano, visto que ele necessitava de condições corporais para poder agir e, conseqüentemente, conhecer. Aquino, baseado em Santo Agostinho e Ptolomeu, afirmou que o intelecto sofria, indiretamente, influência dos corpos superiores, fazendo com que o homem exercesse, totalmente ou parcialmente, as potencialidades de sua alma.

> No entanto, deve-se saber que embora os corpos celestes não possam ser causa dos nossos conhecimentos, indiretamente podem operar neste sentido. Apesar do intelecto não ser potência corpórea, em nós ele não atua sem operação das potências corpóreas, que são a imaginação, a estimativa e a memória, como anteriormente vimos. E daí acontecer que quando estão impedidas as operações destas potências, por alguma indisposição corporal, fica também impedida a operação do intelecto, como, por exemplo, se observa nos loucos, nos letárgicos e em outros assim indispostos. Por essa razão, também a boa disposição corpórea do homem torna-o apto para um bom conhecimento intelectivo, porque, por ela, as potências supra-mencionadas tornam-se mais fortes, tendo por isso escrito o Filósofo: Vemos serem os de composição delicada mais aptos para a ordem intelectual (II Sobre a Alma 9, 421ª, Cmt 19, 485). (AQUINO, 1996, livro III, parte II, cap. LXXXIV).

Aquino deixou explícito que os corpos celestes podiam impedir a ação da vontade, por isto era fundamental para que o homem pudesse perceber suas aptidões e sua disposição corporal, as quais eram temporárias e não permanentes. Aquino pressupunha que o homem teria certos talentos ao nascer, principalmente quando citava Aristóteles. Acreditava que, dependendo das condições corporais, o homem poderia ou não exercer determinadas qualidades da alma. Então, o estudo da astrologia apresentava-se como fundamental para a escola e para o ensino

[29] Sobre o significado de algumas palavras medievais usadas por Tomás de Aquino, pode-se consultar a obra:: AQUINO, Tomás de. *Verdade e conhecimento*. Trad., Estudos introdutórios e notas de Luiz Jean Lauand e Mario Bruno Sproviero. São Paulo: Martins Fontes: 2002, p.387-390.

medieval, porque tornava possível descobrir a aptidão de uma pessoa, baseada em talentos corporais, para determinada tarefa. Esta idéia poderia explicar porque se faziam os horóscopos[30] dos alunos da Universidade de Paris. Talvez esta prática fosse uma forma de conhecer o aluno, permitindo avaliar as aptidões que ele teria para determinadas disciplinas, de forma que pudesse estar usando sua faculdade intelectiva da melhor maneira possível.

3.2.5 Os Corpos Celestes e sua Influência na Volição e na Eleição do Homem.

Como se viu anteriormente, por meio das passagens de Tomás de Aquino, a alma poderia expressar sua vontade e o homem poderia buscar seu conhecimento por meio da boa disposição corporal. Isto estabelecia a importância da manutenção do corpo para que o homem permitisse que seu intelecto adquirisse o máximo de conhecimento possível, por meio do estudo, da memorização, da reflexão, da observação e da experiência do mundo sensível.

Segundo Tomás de Aquino, o intelecto agente era responsável pela apreensão do sensível e o intelecto paciente era responsável pelo ato de conhecer determinada substância sensível[31]. Mas isto só seria possível mediante uma boa disposição do corpo, caso contrário, esta operação não se daria totalmente, permitindo que o seu instinto ou a paixão tomassem conta do ser humano e o jogasse numa condição muito próxima da dos outros animais. Portanto, o intelecto deveria ser preservado e,

---

[30] O horóscopo na Idade Média significava um gráfico com as posições dos planetas dispostos no momento e local de nascimento.
[31] AQUINO, Tomás*. Verdade e conhecimento*. O*p cit*., .p 388.

através dele, o homem teria condições de adquirir o conhecimento das coisas inteligíveis. Para tanto, era preciso estar ciente de suas volições e suas eleições, ou seja, era fundamental para o homem saber o que ele escolheria dentre os vários caminhos postos em sua vida e em que momento ele faria algo que estivesse de acordo com sua vontade e em que momento ele se lançaria na vida apenas pelo instinto ou paixão.

> Além disso, toda eleição e toda atual volição são causadas em nós pela apreensão inteligível, pois o bem conhecido pelo intelecto é o objeto da vontade, como disse o Filósofo (Ibid. 10, 433 a; Cmt 15, 821 e 827). Por isso, não pode haver perversidade na eleição, se o intelecto não falhar no juízo sobre o singular e elegível, o que se torna evidente pelo que também disse o filósofo (VII Ética 3, 1146 a; Cmt 2, 1325). Ora, os corpos celestes não são causa das nossas intelecções. Conseqüentemente, não podem ser causa da nossa volição. (AQUINO, livro III, 1996, parte II, cap. LXXXV).

Aquino admitiu que o intelecto podia incorrer em erros, daí a necessidade de o homem sempre estar buscando seu aperfeiçoamento. No entanto, a vontade partia do intelecto e não podia ser diretamente influenciada pelos corpos superiores. Havendo a possibilidade do intelecto errar, por conseguinte, a vontade humana também estaria sendo mal direcionada ou mal compreendida pelo próprio ente que a possuía, o próprio homem. Aquino, ao mesmo tempo que remetia à posição do homem como ser racional, colocava-o numa posição de sujeito imperfeito, necessitando de muito esforço para ter domínio sobre sua razão e ter confiança plena em seu intelecto. Tratava-se, neste caso, de confirmar que o homem tinha um propósito inerente ao seu ser e que não era simplesmente uma obra do acaso, como se fosse lançado na natureza sem função alguma. Nada na natureza era sem

propósito, visto que tudo procedia de uma causa[32] e nada existia sem causa. Como ele próprio exemplificava, ninguém acharia um tesouro sem que outrem tivesse enterrado ou escondido (AQUINO, 1996, Livro III, Cap. XCII).

De acordo com seu pensamento, os corpos superiores eram causa das alterações que aconteciam nos corpos inferiores, isto é, os corpos inferiores agiam por causa natural. Entretanto, o intelecto – a volição e a eleição – não estavam sujeitos a causas naturais. O homem, enquanto homem, tinha a possibilidade de aprimoramento e, se dependesse somente de causas naturais, não precisaria de nenhuma espécie de formação, nem moral, nem religiosa, nem política, enfim, estaria tão condicionado às influências dos corpos superiores quanto os animais irracionais.

> As coisas que acontecem naturalmente são conduzidas ao fim por meios determinados e, por isso, acontecem sempre de modo invariável, porque a natureza está determinada só para o seu fim. Ora, as eleições humanas tendem para o fim por caminhos diversos, quer nas questões morais, quer nas operativas. Logo, as eleições humanas não se realizam naturalmente.
> Além disso, as coisas que acontecem naturalmente, na maioria das vezes, acontecem de modo correto, porque a natureza só falha poucas vezes. Se o homem escolhesse naturalmente, as suas eleições seriam corretas na maioria das vezes. O que é evidentemente falso. Logo, o homem não elege naturalmente, o que aconteceria se ele elegesse por influxo dos corpos celestes. (AQUINO, 1996, livro III, parte II, cap. LXXXV).

Aquino analisou duas coisas muito pertinentes em relação ao homem. Primeiro, que suas ações tendiam para caminhos diversos; segundo, que suas eleições não necessariamente seriam corretas. Ora, isto revelava a necessidade, posta por ele

[32] Uma importante análise da ontologia e da cosmologia em Tomás de Aquino pode ser encontrada nas seguintes obras: GILSON, Etienne. *A existência na filosofia de S. Tomás*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1962, p.88; HUGON, Pe. Édouard, O .P. *Os princípios da filosofia de São Tomás de Aquino.Op. cit.* p. 41.

em pleno século XIII, de se verificar como e por que os homens cometiam determinados erros e, sobretudo, o modo como o homem seria orientado para não perder o sentido da vida. Na medida em que os motivos dos erros humanos fossem explicados, tornava-se possível manter a ordem social. Deve-se ressaltar que, como filho de seu tempo, Tomás de Aquino não poderia admitir que a vontade de uma pessoa fosse determinada pelos corpos celestes, porque, se assim fosse, estaria negando sua crença no livre-arbítrio. Assim, ele encontrou uma forma de inserir a Astrologia no seio cristão, incorporando-a ao processo educacional, pois ela informava aos homens a qualidade e a disposição dos corpos inferiores, incluindo também o corpo humano. Além disso, o estudo da Astrologia permitiria a compreensão da dimensão divina do homem e da natureza e, de que forma, a alma poderia se aperfeiçoar e cumprir seu papel no mundo como forma espiritual.

Percebe-se, nestes comentários, que Aquino considerava a inconstância nas questões que tangiam ao ser humano e, conseqüentemente, à sociedade que o englobava, além dos erros que o homem ainda cometia diante das suas próprias imperfeições. Ele não submetia os homens totalmente às coisas superiores porque estas eram perfeitas, assim como era perfeita a Providência Divina. Fazia-se necessário, portanto, chamar a atenção para os erros humanos e para seus possíveis reparos. Para imitar a alma divina, o homem deveria estar o mais próximo possível da perfeição divina e, para isso, deveria conter seus vícios e alimentar suas virtudes[33], por meio de sua razão.

> As virtudes e os vícios são os princípios das eleições, pois o virtuoso se diferencia do viciado pela escolha de objetos contrários. Ora, as

[33] Sobre os pecados capitais em Tomás de Aquino ver : AQUINO, Tomás de. *Sobre o Ensino* (De Magistro) e os sete pecados capitais. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p.65-109.

> virtudes e os vícios não provêm da natureza, mas são adquiridos pela repetição, como prova o filósofo (II Ética 1, 1103 a-b; Cmt 1, 246-254), pois nos acostumamos àquelas ações, sobretudo se desde a infância adquirimo-lhes os hábitos. Por isso, as nossas eleições não procedem da natureza, logo, não são causadas pelo influxo dos corpos celestes, do qual naturalmente as coisas procedem. (AQUINO, 1996, livro III, parte II, cap. LXXXV)

Depreende-se, do que Aquino afirmou acima, algo fundamental para a educação do homem. Como se comentou em passagens anteriores deste texto, havia necessidade de o homem conhecer suas inclinações corporais para que pudesse aproveitar da melhor forma possível seus talentos ou não assumir tarefas para as quais não tivesse condições físicas. Por exemplo, a memória treinada para o estudo oferecia condições para que o homem, enquanto criança e depois enquanto adulto, aprendesse o exercício das virtudes e as praticasse o tempo todo, sem riscos de esquecê-las. Portanto, a memorização tinha também a finalidade de evitar que o homem se esquecesse de suas virtudes básicas e, assim, pudesse se livrar ou se distanciar dos vícios existentes na sociedade. Assim, as virtudes não procediam de causas naturais, não sendo influenciadas pelos corpos celestes, mas o homem, sim, podia escolher entre a virtude e o vício; entretanto, somente conseguiria atingir seu fim mediante a prática e o aprendizado das virtudes, que eram consideradas essenciais para a vida, sobretudo para que o homem pudesse conviver com outros homens. A moralidade, para Aquino, era algo intrínseco ao homem, ligado à sua auto-realização enquanto homem. Ele possuía responsabilidades inerentes a seu ser e a moral era justamente realizar o ato de ser com responsabilidade. Por meio do estudo da Astrologia, o homem poderia conhecer melhor seu próprio temperamento – que era algo corpóreo – e direcionar seu intelecto sem ser impedido por uma má disposição corporal.

> Além disso, nenhuma potência é dada inutilmente a alguma coisa. Ora, o homem tem a potência de julgar e de consultar sobre tudo o que é por ele realizável, quer quanto ao uso das coisas exteriores, quer quanto ao combate das paixões internas. No entanto, isto seria debalde se a eleição fosse causada pelos corpos celestes, ficando fora do nosso domínio. Logo, os corpos celestes não são causa das nossas eleições. (AQUINO, 1996, livro III, parte II, cap. LXXXV).

A responsabilidade era dada ao homem mediante sua capacidade de eleger as coisas à sua volta. Caso ele não fosse responsável pelos seus atos e os corpos celestes determinassem sua eleição, seriam eles os responsáveis pelos atos errôneos do ser humano. Assim, por que o homem seria dotado de razão? Pode-se inferir, pelas leituras feitas, que a racionalidade humana, para Tomás de Aquino, era um sinal de comprometimento com a melhora, o aperfeiçoamento e o entendimento das relações sociais, ou seja, com a ordem social, com a convivência harmônica com as demais pessoas. Segundo Aquino, era impossível que o que provinha das potências universais – corpos celestes – fosse ruim, donde se concluiu que o homem é que deveria ser responsabilizado pelos seus atos, fossem bons ou maus, porque ele é que poderia incorrer em erros, elegendo bem ou mal as coisas que surgissem na sua vida.

Mesmo que os corpos celestes possuíssem a capacidade de apresentar formas corporais ao homem, como uma comida – no exemplo de Aquino –, somente o que não possuísse temperança é que faria a escolha, caso a comida não fosse boa. Desta forma, as influências dos corpos celestes, seriam apenas indiretas, cabendo ao homem o ato de eleger. É explícito, nos comentários de Aquino, que o livre-arbítrio era o único responsável pelas suas escolhas, mesmo quando o homem se deparava com algumas paixões que poderiam persuadi-lo.

Nessa concepção, o estudo dos corpos celestes apresentava-se importante porque, quanto mais o homem buscava compreender as causas de seus impulsos, mais controle teria sobre eles. Aquino (1996, Livro III, Parte II, Cap. LXXXV), assim como Aristóteles, considerava o homem um ser naturalmente político e social, o que fazia dele dependente de um contexto maior. Nesta situação, ele não conseguiria satisfazer muitas necessidades sozinho; precisava da ajuda de outros membros da sociedade para adquirir comida, vestes e demais coisas necessárias à sua vida. O homem era, assim, um ser que caminhava por vias diversas, mas possuía a razão, que consistia na capacidade de lidar com a realidade das situações. Cabia a ele direcionar, da melhor forma, suas atitudes, para que esses caminhos diversos não o levassem à hostilidade e à rebeldia com as demais pessoas de seu convívio social.

O homem, de acordo com as premissas acima, não podia ser excluído de uma vida social. Percebe-se aqui um reflexo da própria situação que Aquino vivia. Durante o século XIII, houve a criação das ordens mendicantes, os dominicanos e franciscanos, os quais não ficavam mais somente nos mosteiros, mas começaram a levar a educação religiosa para outras regiões, respondendo, assim, às mudanças socais, políticas, econômicas que ocorriam.

A criação das universidades era sinal da existência de um intercâmbio entre pessoas de várias regiões e de uma reunião de saberes com a finalidade de lidar com os novos desafios sociais, principalmente, a expansão das cidades, que remontava ao século XII, e o rompimento dos feudos. Não cabia mais, naquela sociedade, o homem viver no seu universo fechado, limitado, impondo-se a necessidade de uma abertura cada vez maior para o mundo. Aquino, deixou clara a idéia de um

universalismo, segundo o qual nada existia fora da totalidade das coisas. Com isso, ele mostrava-se sensível ao processo de surgimento de um novo homem, no qual se fizeram necessárias novas leis, para que a ordem natural permanecesse. Ordem não no sentido de algo imutável, rígido, mas no sentido original, de que as coisas estavam caminhando com ordem, com uma direção, de acordo com a própria natureza celeste.

A crescente valorização do direito de escolha correspondia à necessidade cada vez maior de manter a ordem social. Coerente com sua idéia hierárquica, um único rei conduziria a esta ordem, conforme Aquino (1995, p.65) argumentou em seus escritos políticos, já que a distribuição dos governos seguiria a ordem das esferas. Ou seja, se o primeiro motor movia o segundo e assim sucessivamente, um único governante poderia mover os demais governos, tendo o primeiro governante, uma posição hierarquicamente superior. A existência de um rei não contrariava, entretanto, sua noção de livre-arbítrio.

> Seria, ademais, inútil o estabelecimento das leis e dos preceitos do viver se o homem não fosse senhor das suas eleições. Também inúteis seriam as penalidades aos maus e os prêmios aos bons, se não estivesse em nosso poder escolher isto ou aquilo. Faltando, no entanto, tais coisas, desapareceria a vida social, imediatamente. Logo, segundo a ordem da providência divina o homem não foi de tal modo constituído que as suas eleições sejam provenientes dos corpos celestes. (AQUINO, 1996, livro III, parte II, cap. LXXXV).

Embora atribuísse ao rei único a responsabilidade pela condução da ordem, para que esta fosse mantida, o homem comum continuaria responsável pelos seus atos. Somente ele, por meio de sua vontade e de suas escolhas, conseguiria conquistar a bondade ou a ordem social. Não haveria aprimoramento do ser se a ação de buscar o bem fosse dirigida pelos corpos celestes. Estaria encerrado o papel do homem no

mundo natural e talvez sua existência não teria nenhuma finalidade. Era isto que diferia o homem dos animais. Aquino não afirmava que os animais não possuíssem sentido algum, pelo contrário, tudo o que possuía uma causa natural tinha sentido, mas o homem tinha sido designado para buscar a compreensão da realidade, ou seja, utilizar a razão para aquisição de conhecimento sobre o mundo em que vivia, seus problemas e as soluções.

> Alem disso, as coisas que se inclinam para um fim proporcionadas a ele. Ora, as eleições humanas estão dirigidas para a felicidade como seu último fim. Ora, este não consiste em bens corpóreos, mas em unir-se a alma, mediante o intelecto, com as coisas divinas, como acima foi demonstrado (cc. XXV ss.), quer segundo a fé quer segundo as sentenças dos filósofos. Logo, os corpos celestes não podem ser causa das nossas eleições. (AQUINO, 1996, livro III, parte II, cap. LXXXV)

Ora, se o objetivo era o entendimento do real, o homem deveria fazer suas escolhas de acordo com seu intelecto e sua razão. Ele poderia eleger algo que lhe fosse apresentado não somente pelos influxos celestes, mas pelos problemas sociais, as crises, as guerras, etc. Sua escolha não seria pecado caso estivesse de acordo com sua razão, como no caso da união corporal para a procriação. Se o homem agisse apenas por influxos corporais provenientes dos corpos celestes – somente poderia fazer escolhas referentes às coisas corporais, ficando impossibilitado de atingir algo intelectual e espiritual.

Entretanto, como o homem era dotado de uma alma e de um corpo, ou seja, de intelecto e de matéria, estaria propenso a ser influenciado pelos corpos celestes apenas de forma indireta.

> Ora, há muitos que seguem os impulsos naturais, mas poucos há, só os sábios, que resistem às ocasiões de fazer o mal e aos impulsos

> naturais. Por esse motivo disse Ptolomeu que o trabalho das estrelas ajuda os sábios, e que o astrólogo não pode julgar do influxo dos astros se não conhece bem a capacidade da alma e o temperamento natural, e que o astrólogo não pode dizer coisas particulares, mas só de um modo geral (Centilógio, Sent. 8). Com efeito, o influxo das estrelas produz efeitos em muitos que não resistem à inclinação corpórea. No entanto, isto não acontece neste ou naquele que resiste à inclinação natural. (AQUINO, 1996, livro III, parte II, cap. LXXXV).

Aquino admitiu a importância do estudo das influências astrais, porque isto permitia ao homem um domínio maior de suas inclinações naturais. Entretanto, a Astrologia não poderia ser aplicada ao estudo da vontade, mas apenas às influências às quais o homem estaria disposto pela condição corporal. Conhecê-la era uma forma de se educar para lidar com os instintos naturais. Os astros, por meio das disposições corporais, apresentariam ao homem duas portas: uma que levaria à humildade, à bondade, à dedicação ao semelhante e a outra que levaria ao crime, ao roubo, aos vícios. Estas últimas atitudes eram consideradas impulsos, orientadas não pelo intelecto, mas pelas paixões. A vontade do homem ficaria à mercê das paixões à medida que ele não compreendesse seus próprios sentimentos e essas escolhas refletiam-se indiretamente nas relações sociais. O caso do homem que não tivesse noção dessas atitudes seria um sinal de desordem social.

A idéia de que os corpos celestes não interferiam, diretamente, nas escolhas e vontade pessoais[34], reforçava a liberdade do homem e o instigava a praticá-la o tempo todo, evitando ser movido pelos seus instintos como faziam os animais.

> Além disso, a causa agente particular na sua operação assemelha-se à causa agente universal e a imita. Ora, se a alma humana por meio da operação do corpo tivesse influxo em outra alma humana, como,

[34] Os corpos celestes refletem indiretamente porque uma determinada ação intelectual pode ser retardada por uma má disposição corporal. Por exemplo, uma pessoa está com vontade de estudar, mas está impossibilitada porque foi acometida por um resfriado. É nesse sentido que Aquino afirma que os corpos celestes agem no corpo e podem interferir indiretamente no intelecto e na vontade.

> por exemplo, quando ela comunica o seu pensamento mediante uma voz significativa, a ação corpórea de uma alma não atingiria outra alma senão mediante o corpo, pois a voz pronunciada traz mudança ao órgão auditivo e, desse modo percebida pelo sentido, o seu significado atinge o intelecto. Ora, se a alma do corpo celeste tivesse influxo em nossas almas, mediante movimento corpóreo, esta operação não atingiria nossa alma senão mediante uma mudança em nosso corpo. Ora, isto não será causa de nossas eleições, mas tão somente ocasião, como se depreende do que foi dito. Logo, o movimento do corpo celeste não seria a causa de nossa eleição senão ocasionalmente. (Aquino, 1996, livro III, parte II, cap. LXXXVII).

A afirmação de que um corpo só era movido por outro corpo e a alma era somente movida por outra alma encerrava os comentários de Tomás de Aquino. Mas não se pode desconsiderar que o intelecto, conforme discussões anteriores, podia sofrer uma influência indireta dos corpos celestes e daí a eleição ser uma ocasião, boa ou má, de ordem ou de desordem.

É possível concluir que a Astrologia permitiu o estudo aprofundado de determinadas influências e ofereceu ao homem medieval condições para conhecer suas disposições e aptidões físicas, corporais. Este conhecimento completava as disciplinas do Quadrivium, em que eram analisadas as particularidades do céu, ou seja, o estudo pormenorizado da esfera celeste, do posicionamento dos planetas e das estrelas e do surgimento de fenômenos, como cometas e meteoros.

Para Tomás de Aquino, o céu não era algo distante como se apresenta nos dias atuais e as esferas não ficavam a anos-luz da Terra, mas a poucos quilômetros de distância. Estudar os efeitos que o céu, como forma corporal, desencadeava no mundo sublunar era a função da Astrologia. Isso transparece em seu ideal de Astrologia, ou seja, em sua análise das boas ou más ocasiões com as quais o intelecto humano iria se deparar pela frente. Ele compartilha, de certa forma, de uma

visão materialista e naturalista que concebia que o conhecimento racional também poderia ser alcançado pelo estudo da Astrologia. O mundo materialista era muito real e palpável, diferente do mundo das idéias, que muitas vezes podia ser idílico.

O fato de a Astrologia ser considerada como uma visão de mundo e como conhecimento – a do Macro e do Microcosmo – não nega a existência de outras maneiras de praticá-la. Sua utilização para prever acontecimentos futuros na vida de uma pessoa, por exemplo, foi condenada pelos teólogos medievais, inclusive por Tomás de Aquino. Em seu caso, Aquino aceitou a validade de estudos que não interferissem diretamente no livre-arbítrio humano e, além disso, reconheceu sua importância, principalmente aqueles que poderiam ser aplicados à medicina e à alquimia dais quais Aquino era partidário[35]. O mundo de Aquino era o universo de relações humanas, animais, vegetais e cósmicas e a Astrologia possibilitava que o homem tivesse esta compreensão, uma vez que sua teoria apresentava a existência de harmonia entre todos os elementos do universo.

Tomás de Aquino, ao aceitar uma teoria astrológica, adaptando-a aos preceitos cristãos, aceitou também a idéia de que os corpos celestes poderiam servir de explicação para muitas questões da natureza física e da natureza humana. Assim sendo, fortaleceu o estudo da Astrologia no que se refere às influências celestes no mundo natural, contribuindo para o desenvolvimento da ciência astronômica. Os estudos astrológicos voltados para o corpo humano desempenharam um papel significativo no desenvolvimento da Medicina. Além disso, na medida em que se

[35] Sobre a Alquimia em Tomás de Aquino ver: AQUINO, Tomás de. *Aurora Consurgens*. Barcelona: Indigo, 1997; *A pedra filosofal e a arte da alquimia*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999; Jung, Carl G. Mysterium Coniunctionis. v. III. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

procuravam as causas para determinadas disposições corpóreas, cresciam as possibilidades de se encontrar outras explicações para os mesmos fatos, o que conferia a ela o caráter de ciência[36]. Um grande médico da modernidade, Paracelso[37], dizia que uma doença de causa celeste deveria ser curada com uma planta que tivesse a mesma propriedade de um planeta.

[36] Sobre o ensino da Astrologia e sua relação com a medicina nas universidades medievais ver: HUTIN, Serge. *História da Astrologia*. Lisboa: Edições 70, 1989, p. 107. SIRAISI, Nanc*y.* A faculdade de medicina ._____.In*: uma história da universidade na Europa*. As universidades na Idade Média. v. I. Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, p. 361- 385. Sobre a influência da Astrologia nas universidades ver: NORTH, John. O quadrivium. In: *uma história da universidade na Europa*. As universidades na Idade Média. v. I. Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, p. 348-357.

[37] PARACELSO. *Las plantas mágica*s. Botânica oculta. Buenos Aires: Kier, 1956 p. 67-120; JUNG, Carl G*. O espírito na arte e na ciência*. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991, p.1 – 27. Na sua obra, Paracelso discorre sobre a importância da Astrologia para saber que tipo de doença a pessoa tinha e como poderia curá-la.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta pesquisa, procurou-se analisar as considerações que Tomás de Aquino fez acerca da Astrologia no que diz respeito às influências celestes no homem e em suas relações sociais. Ao fazer esta discussão, procurou-se considerar de que forma a teoria dos influxos celestes pôde ser aceita no seio da sociedade do século XIII sem entrar em conflito com a doutrina cristã.

Evidenciou-se que isso foi possível pelo fato de Aquino considerar os corpos inferiores, inclusive o corpo humano, como passíveis dessas influências. Todavia, ainda segundo este autor, a alma humana não estava submetida diretamente a esses influxos. Por exemplo, ter ou não vontade de fazer algo não dependia da posição dos astros, mas de uma capacidade racional da pessoa. Para Aquino, o homem era um ser que estava exposto às influências celestes e, dependendo do nível de conhecimento que ele tivesse, poderia ser subjugado por estas forças ou poderia utilizá-las como meio para seu aperfeiçoamento. Foi sob este aspecto que o estudo dos corpos celestes tornou-se útil para a sociedade medieval e estabeleceu-se como um dos conhecimentos que envolviam a educação do homem no século XIII.

O recorte que se fez foi importante e necessário para que esta pesquisa pudesse ser realizada. Tratou-se da Astrologia cristã, estudada e considerada como válida tanto por Tomás de Aquino como para grandes experimentalistas, como Roger Bacon.

Por meio dela, estudiosos medievais investigavam a realidade social e o homem do ponto de vista biológico e de suas relações. A valorização do mundo natural como fonte de conhecimento e a necessidade de entender, por exemplo, como o corpo adoecia, fez com que o homem buscasse, por meio da relação alma/corpo, matéria/forma, nos elementos da natureza, as respostas para suas questões.

Tomás de Aquino, ao analisar o efeito dos corpos celestes na vida humana, concluiu que a Astrologia e seu estudo não poderiam ser utilizados para determinar o destino do homem naquilo que dependesse de seu livre-arbítrio, mas poderiam ser úteis para que o homem soubesse de suas tendências corporais. A base que sustentou a Astrologia foi a cosmologia aristotélica, que preconizava que o mundo dos homens estava ligado ao mundo das esferas, ou seja, o homem e a sociedade faziam parte do microcosmo.

A partir do século XIII, quando a razão principiou suplantar a fé, ficou mais presente a busca pelas ciências naturais. Nesse momento, a razão passou a prender-se mais aos fatos observados e não apenas à reflexão. Nesse sentido, pensadores como Alberto Magno e Roger Bacon foram importantes porque deram um novo direcionamento para as ciências naturais da época, o que gerou um interesse pelas pesquisas em Zoologia, Botânica, Ótica e, sobretudo, sobre a interferência que determinados corpos inferiores sofriam pelos efeitos dos corpos celestes.

A ciência astrológica, juntamente com a Astronomia, para Tomás de Aquino, propiciava uma compreensão da ordem cósmica. Assim, para os homens da Idade Média, esta idéia permitia que eles pudessem identificar seus períodos de maior

tranqüilidade ou de maior agitação, para que não cometessem nada que modificasse a harmonia social. A desordem social, portanto, segundo pensadores do medievo, era fruto das escolhas ou de atitudes dos homens. Essas escolhas e atitudes dependiam sobretudo não da disposição do corpo, mas da formação moral e ética do ser humano e da forma como se relacionava com a sociedade. Os pensadores do medievo acreditavam que a condição física do corpo corroborava esse comportamento. Assim, se uma pessoa não tivesse princípios morais presentes em seu ser, que eram adquiridos por meio da educação, poderia seguir as tendências corporais ou, o contrário, subordinar seus impulsos corporais à sua razão. O estudo dos influxos celestes na vida humana era importante porque, por meio dele, o homem atentava para o seu comportamento e buscava adequá-lo aos valores estabelecidos socialmente.

Percebe-se que ao estudar a Idade Média, principalmente por meio da Astrologia em Tomás de Aquino, foi possível conhecer ações, valores desta época, como o espírito investigativo e o objetivo de manter a harmonia das relações sociais. Estes eram alguns desafios aos quais homens daquele período procuravam responder.

REFERÊNCIAS

A: Fontes primárias

AGOSTINHO, Santo**.** *A cidade de Deus*. Tradução, prefácio, nota biográfica e transcrições: J. Dias Pereira. v. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian,1991.

_____. *O Livre-Arbítrio*. [Tradução, organização, introdução e notas: Nair de Assis Oliveira. Revisão de Honório Dalbosco]. 3 ed São Paulo: Paulus, 1995.

_____. Confissões. Coleção o*s pensadores*. Tradução: J. Oliveira Santos, S.J., e A . Ambrósio de Pina, S.J. São Paulo: Nova Cultura, 1996.

ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia*. Tradução, prefácio e notas: Hernani Donato. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

AQUINO, Tomás de. *Sobre o ensino (De Magistro) e os sete pecados capitais*. Tradução e estudos introdutórios: Luis Jean Lauand. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *A pedra filosofal e a arte da alquimia*. Tradução anônima do texto latino. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999.

_____. *Aurora consurgens*. Traducción al castellano: Núria García i Amat. Barcelona: Indigo, 1997.

_____. *Comentário ao tratado da trindade de Boécio* – Questões 5 e 6. Tradução e introdução: Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento. São Paulo: Unesp, 1999.

_____. *Escritos políticos*. Tradução: Francisco Benjamin de Souza Neto. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. *Suma contra os gentios*. Tradução de D. Odilão Moura e D. Ludgero Jaspers; revisão de Luis Alberto De Boni. v. I. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia de São Lourenço de Brindes: Sulina; Caxias do sul: Universidade de Caxias do Sul, 1990.

_____. *Suma contra os gentios*. Tradução: D. Odilão Moura e D. Ludgero Jaspers; revisão de Luis Alberto De Boni. v. II. Porto Alegre: EDIPUCRS: EST, 1996.

_____. *Suma teológica*. Tradução: Alexandre Corrêa. 2 ed. bilingüe. 10 tomos Porto Alegre, Escola de Teologia São Lourenço de Brindes: Livraria Sulina; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1980.

_____ .*Coleção os pensadores*. São Paulo: Nova cultural, 1996.

_____. *Verdade e conhecimento*. Tradução e estudos introdutórios e notas: Luiz Jean Lauand e Mario Bruno Sproviero. São Paulo: Martins Fontes: 2002.

ARISTÓTELES. *Acerca del cielo & los meteorológicos*. Introducción, Traducción y notas: Miguel Candel. Madrid: Gredos, 1996.

_____. *De la génération et de la corruption*. Nouvelle traduction et notes: J. Tricot. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1998.

_____. *Da geração e da corrupção*. Seguido de convite à filosofia. Tradução: Renata Maria Parreira Cordeiro; apresentação: Ana Maria A . Goldfarb. Trad. Renata Maria Parreira Cordeiro. São Paulo: Landy, 2001.

_____. *Sur la nature* (physique II). Introduction, traduction et commentaire: L. Couloubaritsis. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1991.

BACON, Roger. Opus majus. Tradução: Carlos Arthur R. do Nascimento. In: DE BONI, Luis Alberto (Org.). _____. *Filosofia medieval*: textos. Porto Alegre/RS: Edipucrs, 2000. p. 191-202.

BOÉCIO. *A consolação da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PLATÃO. Timeu. In: _____. *Diálogos IV*. Tradução da versão francesa: Maria Gabriela de Bragança. Portugal: Europa-América, s/d. p. 236-309.

PTOLOMEU, Claudio. *Tetrabiblos*. Traducción: Demétrio Santos. Madrid: Las Mil y Uma Ediciones, 1981.

_____. *Las hipótesis de los planetas*. Tradução: José García Blanco e Aurora Cano Ledesma; introducción y notas: Eulalia Pérez Sedeño. Madrid: Alianza Editorial, 1987.

SACROBOSCO, Johannes. *Tratado da Esfera*. Tradução: Pedro Nunes; introdução e notas: Carlos Ziller Cameniezki. São Paulo: UNESP: Nova Stella; Rio de Janeiro: MAST, 1991.

TRIMEGISTRO, Hermes. *Corpus hermeticum*. Discurso de iniciação, a Tábua de Esmeralda. Tradução: Márcio Pugliesi e Norberto de Paula Lima. 5 ed. São Paulo: Hemus, s.d.

VICTOR, Hugo de Saint. *Didascálicon*: da arte de ler. Tradução: Antonio Marchionni. Petrópolis: Vozes, 2001.

B. Fontes Secundárias

BERNARD, Roger. *Descobrindo a alquimia*. São Paulo: Pensamento, s/d.

BOORSTIN, Daniel J*. Os descobridores*. Portugal: Gradiva, 1994.

CARVALHO, Edil. *A astrocaracteriologia*. Disponível em: <www. companhiadoceu.com/apresentaastrocarac.htm>. Acesso em: 10 fev. 2004.

CARVALHO, Rómulo**.** *A ciência hermética*. Lisboa: Relógio d'Água, 1996.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 12 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

COSTA, Ricardo da. *Olhando para as estrelas*, a fronteira imaginária final. *Astronomia* e *Astrologia* na Idade Média e a visão medieval do Cosmo. Vitória, ES, s/d. Disponível em:<www.ricardodacosta.com>. Acesso em: 07 fev. 2004.

CUMONT, Franz. *Astrologia y religion en el mundo grecorromano*. Barcelona: Edicomunicacion, 1989.

DE LIBERA, Alain. *A filosofia medieval***.** São Paulo: Loyola, 1998.

_____. *Pensar na Idade Média*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

DUBY, Georges. *As três ordens ou o imaginário do feudalismo*. Lisboa: Estampa, 1982

_____. *O ano mil*. Lisboa: Edições 70, s/d.

DUHEM, Pierre. *Le système du monde*: histoire des doctrines cosmologiques de Platón a Copernic. Tomos II, III, V, VII e VIII. Paris: Hermann, 1913-1917.

ELIADE, Mircea. *O mito do eterno retorno*. São Paulo: Mercuryo, 1992.

_____. *Ferreiros e alquimistas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

FOCILLON, Henri. *O ano mil*. São Paulo: Mandacaru, 1989.

FRIAÇA, Amâncio César Santos. A corte e as estrelas: A Astronomia durante o Renascimento Carolíngio. In: *Signum* – Revista da Abrem. São Paulo: Abrem, 2000. p. 149-166.

FULCANELLI. *O mistério das catedrais*. Lisboa: Edições 70, 1986.

GILSON, Etienne. A república cristã. In: _____. *A evolução da cidade de Deus*. São Paulo: Herder, 1965. p. 73-99.

_____. *A existência na filosofia de S. Tomás*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1962.

_____. *A filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GOLDFARB, Ana Maria Alfonso. *Da alquimia à química*. Um estudo sobre a passagem do pensamento mágico-vitalista ao mecanicismo. São Paulo: Nova Stella Editorial, 1987.

GREINER, Frank, *A alquimia*. São Paulo: Loyola, 1994.

GRINGS, Dadeus. *O homem diante do universo*. Porto Alegre/RS: Edipucrs, 1995.

HANI, Jean. *O simbolismo do templo cristão*. Lisboa: Edições 70, 1998.

HUGON, Pe. Édouard, O .P*. Os princípios da filosofia de São Tomás de Aquino*. As vinte e quatro teses fundamentais. Porto Alegre: Edipucrs, 1998.

HUTIN, Serge*. História da astrologia*. Lisboa: Edições 70, 1989.

_____. *A alquimia*. São Paulo: Moraes, 1992.

_____*.A tradição alquímica*. A pedra filosofal e o elixir da longa vida. São Paulo: Pensamento, s/d.

JUNG, Carl Gustav*. O espírito na arte e na ciência*. 3 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1991.

_____. *Psicologia e alquimia*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. *Mysterium coniunctionis*. v. III. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

KUHN, Thomas S. *A revolução copernicana*. A Astronomia planetária no desenvolvimento do pensamento ocidental. Lisboa: Edições 70, s.d.

KOESTLER, Arthur. *O homem e o universo*. Como a concepção do universo se modificou através dos tempos. 2 ed. São Paulo: Ibrasa, 1989.

KOYRÉ, Alexandre*. Do mundo fechado ao universo infinito*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1979/

_____. *Estudos galilaicos*. Lisboa: Dom Quixote, 1986.

_____. *Estudos de história do pensamento científico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Brasília: Editora UNB, 1982.

KRUPP, E. C. *En busca de las antiguas astronomias*. Madrid: Pirámide, 1989. p.248-256.

LAUAND, Luiz Jean.(Org.). *Cultura e educação na Idade Média*: textos dos séculos V ao XIII. Seleção, tradução, notas e estudos introdutórios: Luiz Jean Lauand. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LE GOFF, Jacques. *Para um novo conceito de Idade Média*. Tempo, trabalho e cultura no Ocidente. Lisboa: Estampa, 1993.

_____. *A civilização do Ocidente medieval*. V.I. Lisboa: Estampa, 1983.

_____. *Os intelectuais da Idade Média*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
LENOBLE, Robert. *História da idéia de natureza*. Lisboa: Edições 70, 1990.

LITT, Thomas**.** *Les corps célestes dans l'univers de Saint Thomas D'Aquin*. Paris: Beatrice-Nauwelaerts; Louvain: Publications Universitaires, 1963.

MARTINS, Roberto de Andrade. A Influência de Aristóteles na obra astrológica de Ptolomeu (O Tetrabiblos). *Trans/Form/Ação*. São Paulo, 18: 51-78, 1995.

NASCIMENTO, Carlos Arthur Ribeiro do. De Tomás de Aquino a Galileu. 2 ed. Campinas: Unicamp, 1998.

MONGELLI, Lênia Márcia (Org.). *Trivium & quadrivium*. As sete artes liberais na Idade Média. Cotia: Íbis, 1999.

NORTH, John. O quadrivium. In: RÜEGG, Walter (Coord.). U*ma história da universidade na Europa*. As universidades na Idade Média. v. I. Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, s/d. p. 348-357.

NUNES, Ruy Afonso Da Costa. *História da educação na Idade Média*. São Paulo: Edusp, 1979.

O GRANDE E O PEQUENO ALBERTO. Os segredos da magia natural e cabalística. Trad. Raquel Silva. Lisboa: Edições 70, s/d.

PANOFSKY, Erwin. *Arquitetura gótica e escolástica*. Sobre a analogia entre arte, filosofia e teologia na Idade Média. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

PARACELSO**.** *Las plantas mágicas*. Botânica oculta. Buenos Aires: Kier, 1956.

PIRENNE, Henri. *História econômica e social da Idade Média*. São Paulo: Mestre Jou, 1968.

PUELLES, Antonio Millan. *La formación de la personalidad humana*. Madrid: Rialp, 1983.

ROSSI, Paolo. *A ciência e a filosofia dos modernos*: aspectos da Revolução Científica. São Paulo: Unesp, 1992.

SANTOS, Mario Ferreira dos. *Ontologia e cosmologia*. 3 ed. v. V. São Paulo: Logos, 1959, p. 71.

SCHENBERG, Mario. *Pensando a física*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SIRAISI, Nancy. A faculdade de medicina. In: RÜEGG, Walter (Coord.). U*ma história da universidade na Europa*. As universidades na Idade Média. V. I. Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, s/d. p. 361- 385.

SOUSA, A Tavares de. *Curso de história da medicina*. Das origens aos fins do século XVI, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

SPINELLI, Miguel. *Filosofia e ciência*. São Paulo: EDICON; Santa Maria: Curso de Pós-graduação em filosofia, UFMS, 1990.

TESTER, Jim. *Historia de la astrología occidental*. México: Siglo Veinteuno Editores, 1990.

THUILLIER, Pierre. *De Arquimedes a Einstein*. A face oculta da invenção científica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

TONQUÉDEC, Joseph de. *Questions de cosmologie et de physique chez Aristote et Saint Thomas*. Paris: Librairie Philosofique J. Vrin, 1950.

TORRELL, Jean-Pierre**.** *Iniciação a Santo Tomás de Aquino*. Sua pessoa e obra. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

VERGER, Jacques**.** *Homens e saber na Idade Média*. Bauru: Edusc, 1999.

ZILLES, Urbano. *Fé e razão no pensamento medieval*. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.